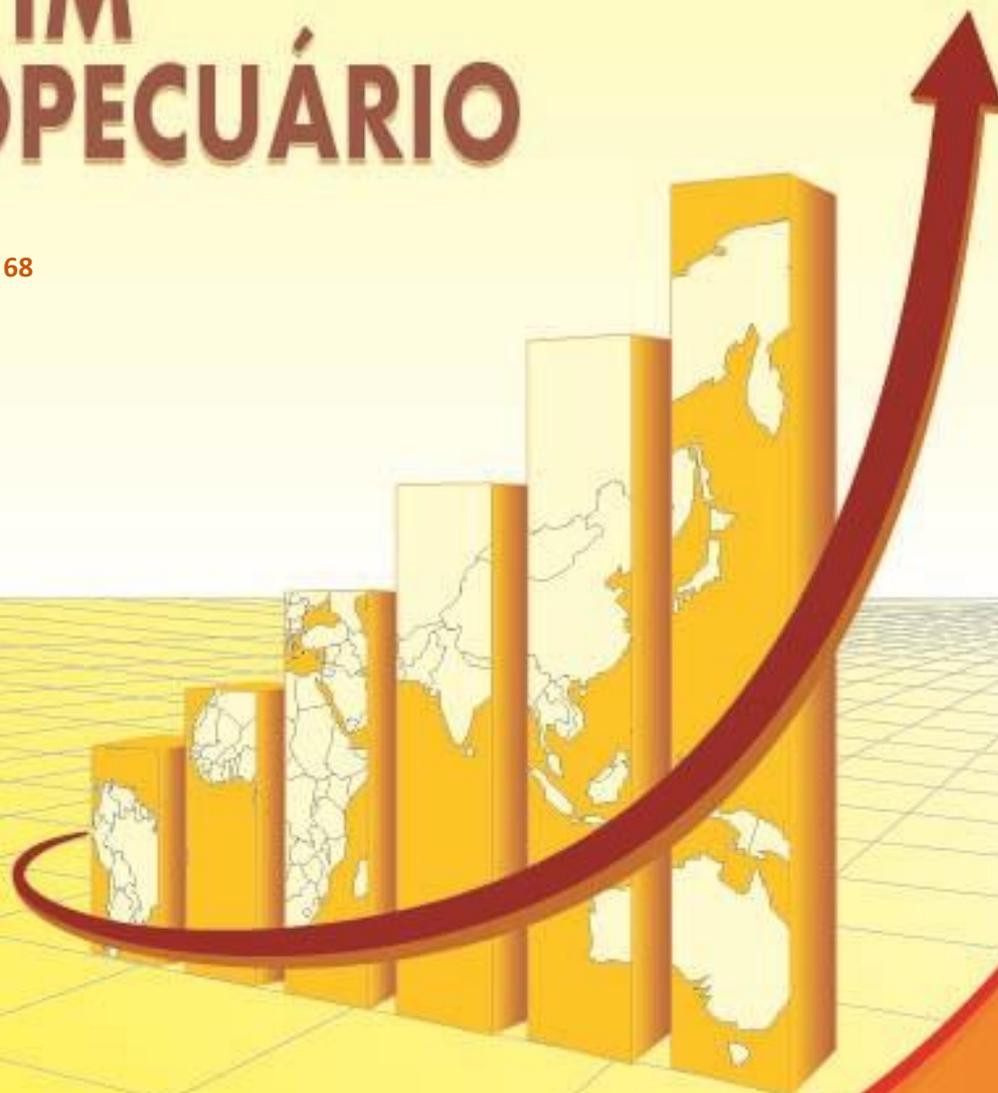


# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Janeiro/2019 – Nº 68



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

**CEPA**

Centro de Socioeconomia  
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO  
DE SANTA  
CATARINA**

Secretaria da Agricultura  
e da Pesca



**Governador do Estado**

Carlos Moisés da Silva

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**

Ricardo de Gouvêa

**Presidente da Epagri**

Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Reney Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
Gláucia de Almeida Padrão  
Haroldo Tavares Elias  
João Rogério Alves  
Jurandi Teodoro Gugel  
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2019

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5000  
Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)  
E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi  
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil  
Fone: (48) 3665-5078  
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>  
E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa  
Gláucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa  
João Rogério Alves – Epagri/Cepa  
Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa  
Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa  
Luis Augusto Araújo – Epagri/Cepa  
Rogério Goulart Júnior – Epagri/Cepa  
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Andressa Mariani Bee – Caçador (UGT 10)  
Bruna Parente Porto – Florianópolis (UGT 7)  
Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)  
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa  
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)  
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)  
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)  
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)  
Janice Maria Waintuch Reiter – Epagri/Cepa  
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)  
Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa  
Márcia Mondardo – Epagri/Cepa  
Maurício E. Mafra – Ceasa/SC  
Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)  
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)  
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**

Presidente da Epagri

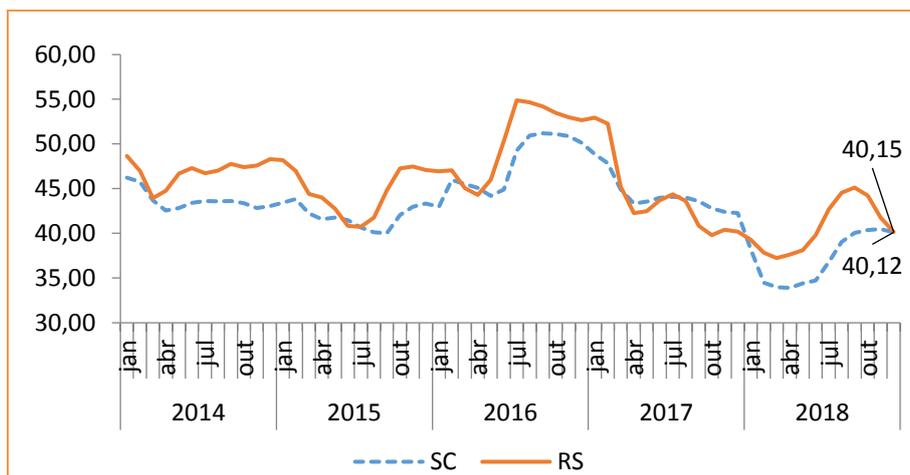
## Sumário

<b>Grãos</b> .....	7
Arroz .....	7
Feijão .....	10
Milho.....	13
Soja .....	17
Trigo.....	21
<b>Hortaliças</b> .....	24
Alho.....	24
Batata .....	27
Cebola.....	31
Tomate.....	34
<b>Pecuária</b> .....	39
Avicultura.....	39
Bovinocultura .....	46
Suinocultura.....	51
Leite .....	58

# Grãos

## Arroz

Gláucia de Almeida Padrão  
Economista, Dr<sup>a</sup>. – Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

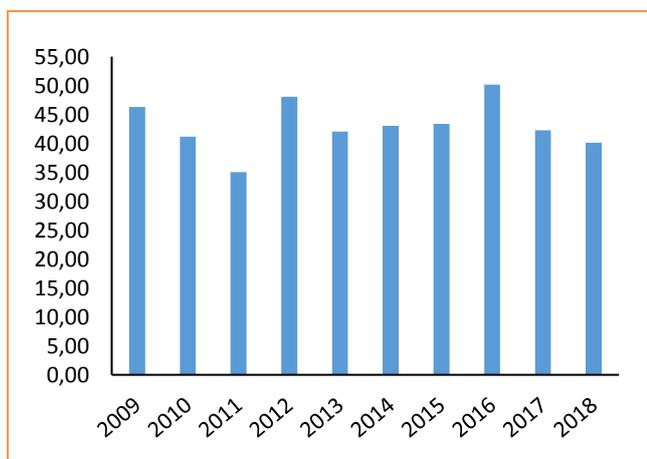


Fonte: Epagri/Cepa. e Cepea (RS)

**Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Dez./2018) – R\$/sc 50kg**

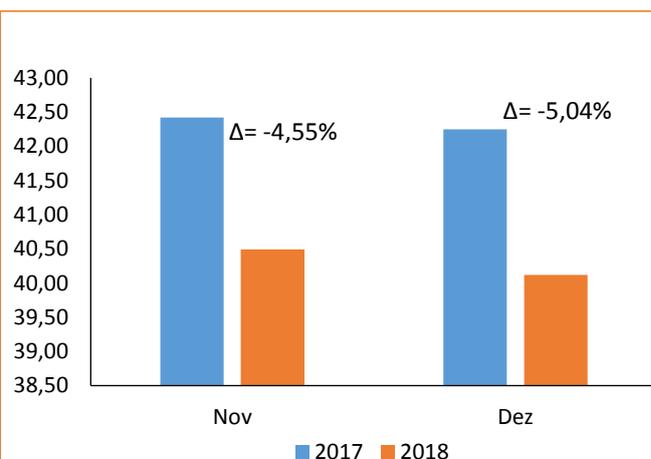
Em dezembro de 2018 os preços do arroz catarinense passaram a decrescer, seguindo a tendência observada nos últimos meses no Rio Grande do Sul, fechando em R\$40,12/saca. Com a entrada do grão da safra 2018/19 no mercado nos próximos meses, a tendência é que estes preços continuem em queda nos dois estados. A queda no preço catarinense, contudo, foi menos significativa em comparação com o Rio Grande do Sul. Enquanto o

preço da saca em Santa Catarina reduziu 0,91% em relação ao mês de novembro, o gaúcho fechou em R\$40,15, cerca de 3,85% menor comparado ao mês anterior. No comparativo com os últimos dez anos, observa-se que o preço médio de 2018 (R\$37,25) é o menor desde 2011, e aproximadamente 16% menor em relação ao preço médio de 2017. Isso tem impactos significativos no Valor Bruto da Produção, por exemplo, pois, embora a expectativa para esta safra seja de uma produção próxima da observada na anterior, os preços baixos podem resultar em um VPB muito menor.



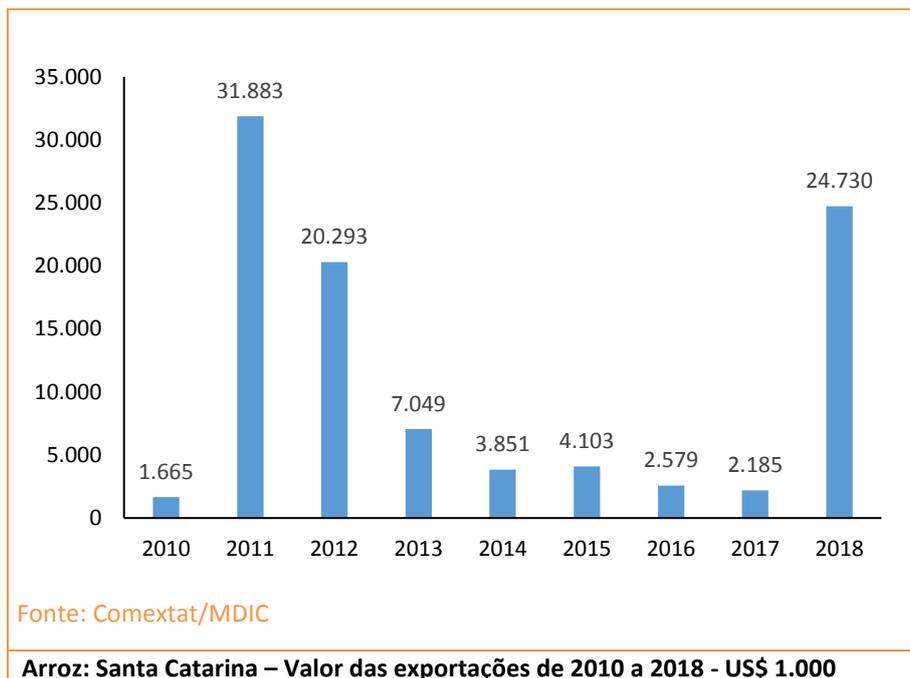
Fonte: Epagri/Cepa.

**Arroz em casca: Santa Catarina – Preço médio real no mês de dezembro - 2009 a 2018.**



Fonte: Epagri/Cepa.

**Arroz em casca: Santa Catarina – comparativo dos preços reais ao produtor nos meses de novembro e dezembro de 2017 e 2018**

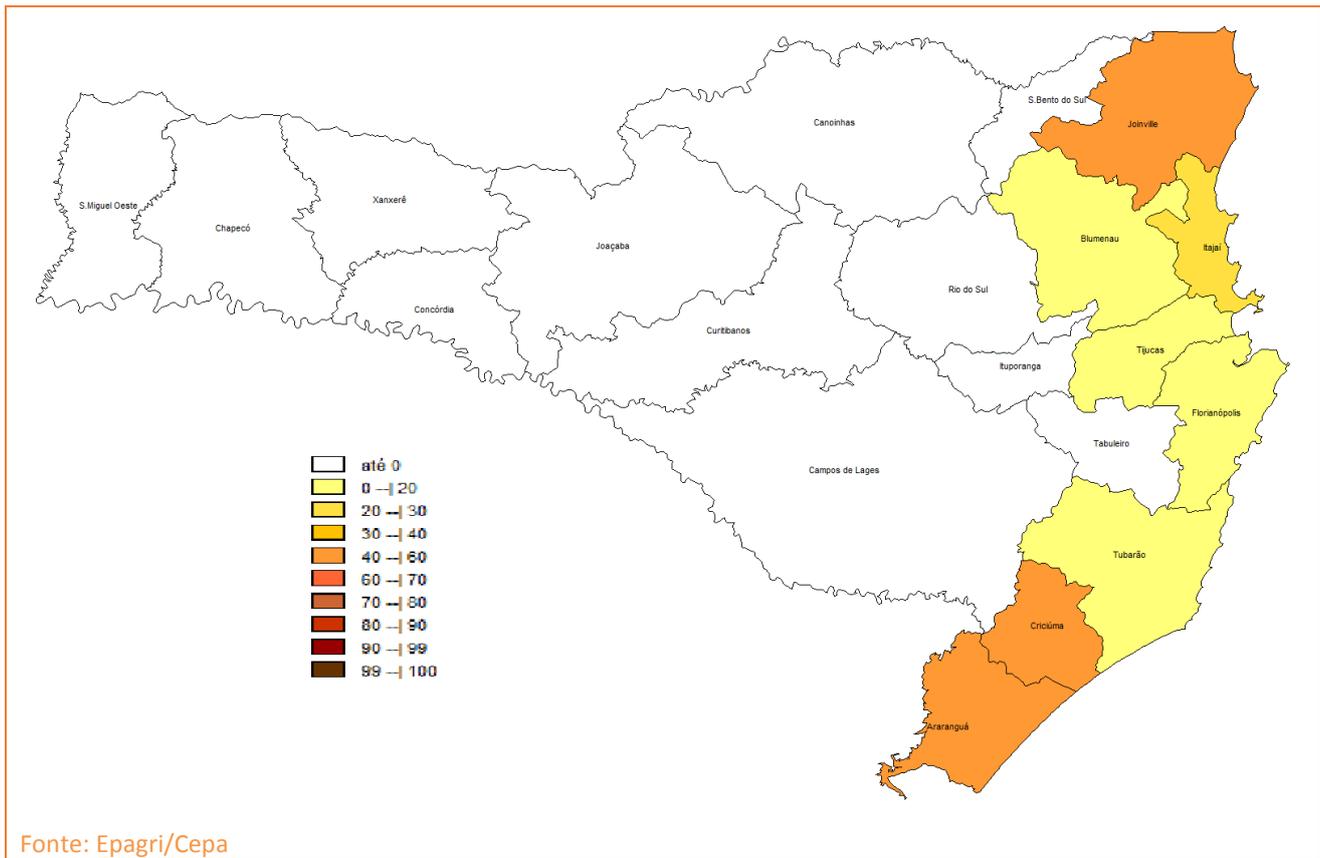


Com preços internos baixos e conjuntura favorável ao mercado externo, as exportações catarinenses atingiram o patamar de 83,92 mil toneladas de arroz e derivados. Esse volume equivale a US\$ 24,7 milhões. Entre os principais parceiros comerciais do estado em 2018, destacam-se a Venezuela, África do Sul e Trinidad e Tobago. Do lado das importações, entraram 17,81 mil toneladas de arroz e derivados no estado no ano, resultando em uma balança comercial positiva de 66,11 mil toneladas e US\$17,88 milhões.

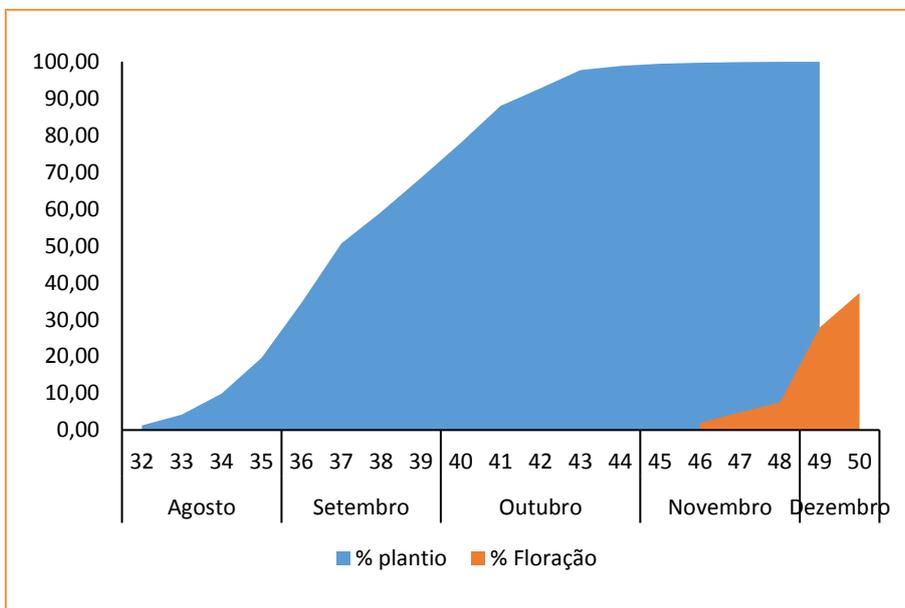
Microrregião	Safra 2017/18			Safra 2018/19 Estimativa Atual			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	404.005	7.840	0,00	0,00	0,00
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	65.851	8.009	-1,60	-2,22	-0,63
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	162.586	7.812	-0,21	-0,22	-0,01
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.825	7.603	-26,69	-14,48	16,66
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	78.910	8.581	0,93	7,91	6,91
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	151.051	8.380	-7,73	-8,38	-0,70
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.692	84.438	8.712	-9,44	-11,98	-2,80
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	18.860	7.574	-7,43	-7,09	0,36
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.082	173.128	8.212	-0,06	-0,05	0,01
<b>Santa Catarina</b>	<b>146.939</b>	<b>1.182.596</b>	<b>8.048</b>	<b>143.310</b>	<b>1.156.288</b>	<b>8.068</b>	<b>-2,47</b>	<b>-2,22</b>	<b>0,25</b>

Fonte: Epagri/Cepa (Dezembro/2018).

As estimativas atualizadas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 apontam para uma leve redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina, embora menos expressiva do que a estimativa inicial. Confirmando-se o fenômeno El Niño, é possível que as produtividades sejam inferiores às observadas nas duas últimas safras, haja vista a irregularidade nas chuvas. Até o momento, a expectativa é que a produção seja 2,22% menor em relação à safra 2017/18, devendo ficar em 1,15 milhão de toneladas de arroz em casca, em uma área aproximada de 143 mil hectares.



**Arroz Irrigado: Santa Catarina – Percentual de floração por microrregião até dezembro de 2018 (Safrá 2018/19)**



**Arroz irrigado: Santa Catarina – Evolução do % de plantio semanal**

o plantio de arroz irrigado na safra 2018/19 está encerrado em Santa Catarina. A floração, que teve início em meados de novembro, encontra-se em 37,22% no total do estado. As microrregiões de Criciúma, Araranguá e Joinville são aquelas cuja floração encontra-se mais avançada. A retomada das chuvas nas últimas semanas amenizou a falta de água que já estava ocorrendo em algumas regiões do estado. As lavouras estão se desenvolvendo normalmente, com 96,08% encontrando-se em ótima condição, enquanto 3,92% apresentam condição média ou ruim no campo, principalmente pela ocorrência de pragas ou doenças, que podem resultar em produtividades menores ao final da safra.

## Feijão

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epaagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

No mercado de balcão, os preços pagos aos produtores catarinenses de feijão carioca apresentaram variação mensal positiva. Na praça de referência de Joaçaba, a saca de 60kg passou de R\$ 92,11 em novembro para R\$ 131,25 em dezembro, alta de 42,5% no mês. No acumulado do ano, em termos nominais, o acréscimo chega a 22%. Já o feijão preto apresentou variação negativa de 3,8% no mesmo período, passando de R\$ 133,68 em novembro para R\$ 128,55 em dezembro.

No mercado paranaense, os preços do feijão carioca também apresentaram elevação. Os produtores receberam no mês de dezembro em média R\$ 123,52/sc 60kg, alta de 20,6% no mês. Já o feijão preto variou muito pouco, ainda que positivamente, passando de R\$ 121,82 em novembro para R\$ 123,84/sc 60kg no fechamento do mês de dezembro. Para o feijão carioca, os demais estados acompanhados, São Paulo, Minas Gerais e Goiás, também apresentaram mercado altista. Os preços médios mensais pagos a seus produtores tiveram altas de 51%, 47% e 16%, respectivamente. No Rio Grande do Sul, os preços médios oferecidos aos agricultores pelo feijão preto disponível baixaram cerca de 1%, passando de R\$138,57 em novembro para R\$137,16/saca de 60kg em dezembro.

**Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor - safra 2018/19 (R\$/60kg)**

Estado	Tipo	dez/18	nov/18	variação mensal (%)	dez/17	Variação anual dez/18 – dez/17 (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	131,25	92,11	42,49	107,33	22,29
Paraná		123,52	102,40	20,63	81,63	51,32
São Paulo		159,12	105,20	51,25	109,33	45,54
Minas Gerais		140,13	95,49	46,75	108,63	29,00
Goiás		110,26	94,78	16,33	100,69	9,50
Santa Catarina	Feijão Preto	128,55	133,68	-3,84	108,00	19,03
Paraná		123,84	121,82	1,66	104,65	18,34
Rio Grande do Sul		137,16	138,57	-1,02	136,50	0,48

Nota: Feijão preto, referência Canoinhas/SC. Feijão carioca, referência Joaçaba/SC - Dezembro/2018.

Fonte: Epaagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

O feijão carioca voltou a ter cotações muito favoráveis no mês de dezembro, tanto para produtores como para compradores. No início do mês, a elevação nas cotações se mostraram tímidas, mas nas últimas semanas o cenário mudou. Muitos cerealistas tentaram especular durante as últimas semanas e não lograram êxito. Com estoques baixos, os cerealistas tiveram que ir às compras, favorecendo produtores e compradores. Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 20/12 a saca de 60kg do feijão carioca nota 9,0 foi comercializada a R\$ 190,00, variação positiva em cerca de 23% em relação ao dia 21/11. Essas altas nos preços de atacado do feijão carioca decorrem das possíveis perdas da safra paranaense. Com isso, os produtores estão segurando a produção, na espera de melhores ofertas, que estão ocorrendo. Ainda na BCSP, para o feijão preto especial a cotação da saca de 60kg foi de R\$ 150,00 em 21/11 contra R\$ 145,00 em 20/12, baixa de mais de 3%.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo				
Produto <sup>1</sup>	20/12/2018	21/11/2018	Variação (%)	Mercado <sup>2</sup>
Feijão Carioca Extra (9,0)	190,00	155,00	22,58	nominal
Feijão Carioca Especial (8,5)	180,00	142,50	26,32	nominal
Feijão Carioca Comercial (8,0)	170,00	132,50	28,30	nominal
Feijão Preto Extra	160,00	0,00		n/cotado
Feijão Preto Especial	145,00	150,00	-3,33	nominal

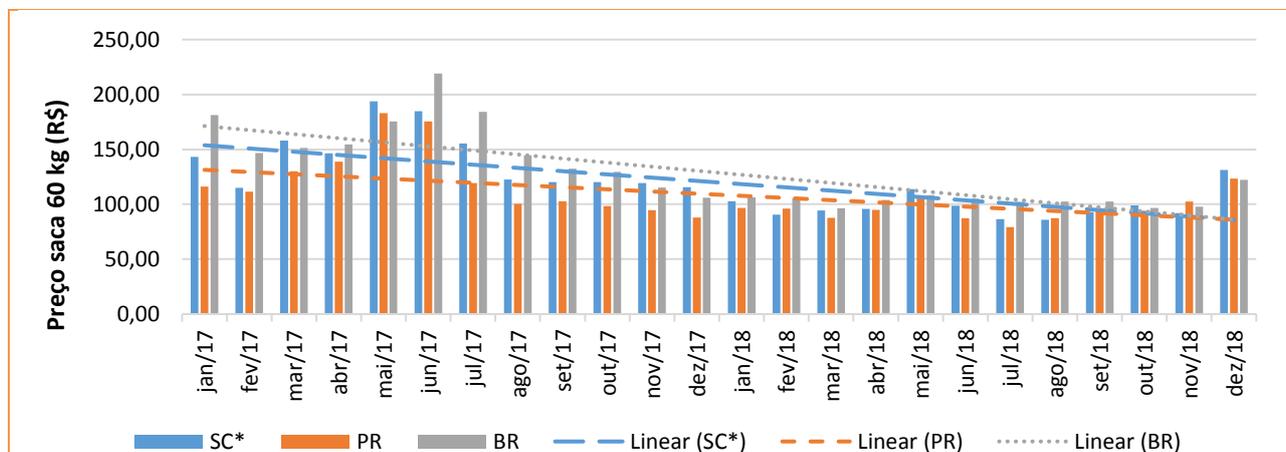
(1) feijão nacional, maquinado, saca 60kg, pagamento. 15 dias, CIF/SP

(2) comportamento do mercado em 20/12/2018

Nota 1: nominal: preço sem variação por falta ou excesso do produto.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

Os preços pagos aos produtores nos últimos dois anos apresentaram comportamento bastante similar nos mercados catarinense, paranaense e brasileiro. Descontada a inflação, através da aplicação do IGP-DI, percebemos que a tendência foi de queda nos últimos 24 meses. Merece destaque a elevação dos preços do feijão carioca nos meses de maio, junho e julho de 2017, quando ingressa no mercado a produção colhida em final de abril das lavouras catarinense de regiões mais frias, como Campos de Lages e Campos Novos, e da região dos Campos Gerais do estado paranaense. A produção desses dois estados, nessa época do ano, contribui para a elevação dos preços no mercado brasileiro, pois nesse período ainda não foi iniciada a 2ª safra de feijão e o que foi produzido na 1ª safra nas regiões mais quentes já está se esgotando nas cerealistas e no mercado varejista. Em 2018, o preço médio anual da saca de 60kg de feijão carioca foi de R\$ 98,57, enquanto em 2017 foi de R\$ 141,15, variação negativa de 30% no ano.

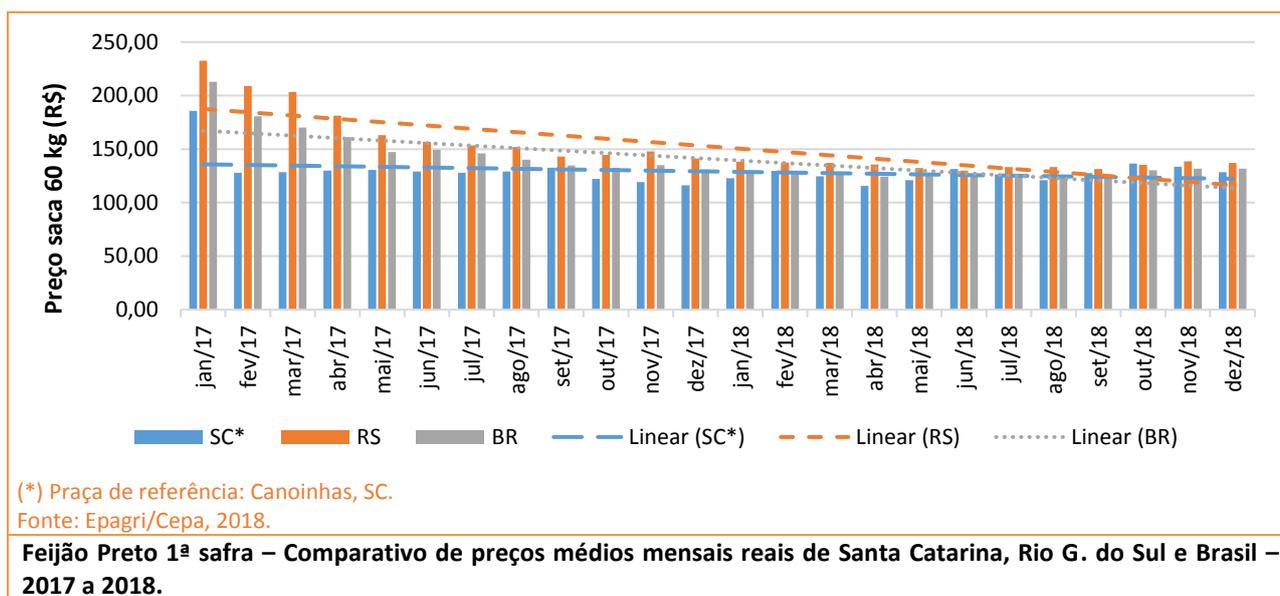


(\*) Praça de referência: Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, 2018.

**Feijão carioca 1ª safra – Comparativo de preços médios mensais reais de Santa Catarina, Paraná e Brasil – 2017 a 2018.**

No mercado do feijão preto há uma uniformidade na variação dos preços pagos aos produtores. Mesmo com tendência linear de queda nas cotações da saca de 60kg para o mercado catarinense, rio-grandense e brasileiro, é possível perceber uma melhor distribuição e uniformidade na variação dos preços ao longo desses últimos 24 meses. Comparando 2018 com 2017, o preço médio anual da saca de 60kg do feijão preto foi de R\$ 126,61 em 2018, contra R\$131,56 em 2017, variação negativa de cerca de 4% no ano. Para os produtores, o mercado do feijão preto ao longo desses dois anos se demonstrou mais estável do que o do feijão carioca.



Em Santa Catarina, cerca de 91% dos 36,3 mil hectares previstos já foram plantados. Cerca de 23% das lavouras já alcançaram a fase de florescimento e apenas 4% já foi colhido. Nas regiões mais frias do estado, como Campos de Lages e Campos Novos, onde o plantio ocorre a partir da segunda quinzena de novembro, as operações de semeadura devem ser encerradas até o final de janeiro. O calor excessivo e as altas temperaturas nos meses de novembro e dezembro poderão comprometer o rendimento das lavouras.

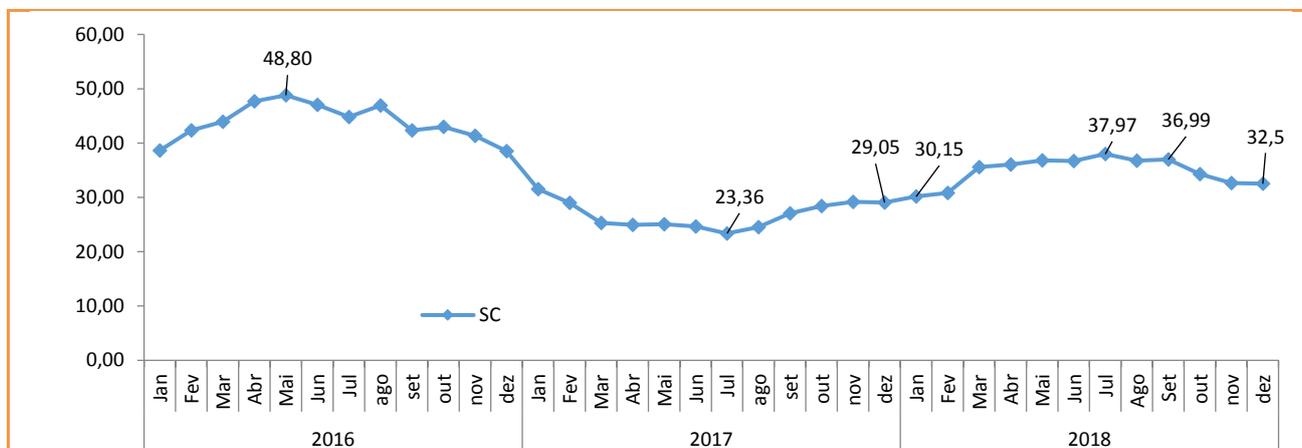
Feijão 1ª safra: Santa Catarina - Comparativo de safra 2017/18 e 2018/19									
Microrregião	Safra 2017/2018			Estimativa Atual Safra 2018/2019			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. Prod.(t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Araranguá	98	96	979	74	73	982	-24	-24	0
Blumenau	95	100	1.053	97	114	1.170	2	14	11
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.115	15.856	1.954	-13	-17	-5
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.860	12.195	2.081	-2	14	16
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.765	5.645	2.042	1	2	1
Concórdia	624	1.099	1.760	429	798	1.860	-31	-27	6
Criciúma	543	630	1.161	533	629	1.180	-2	0	2
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	4.380	9.114	2.081	-52	-54	-5
Florianópolis	132	181	1.371	31	40	1.274	-77	-78	-7
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	1.944	1.984	-11	-12	-1
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.417	4.034	1.669	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	588	968	1.646	602	1.035	1.719	2	7	4
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	1.224	1.800	36	53	13
São Miguel do Oeste	1.077	1.881	1.746	959	1.893	1.974	-11	1	13
Tabuleiro	485	544	1.122	463	737	1.591	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	170	321	1.888	-8	51	63
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.301	1.337	-6	-3	3
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.748	14.505	2.150	-28	-13	22
<b>Santa Catarina</b>	<b>46.879</b>	<b>89.194</b>	<b>1.903</b>	<b>36.298</b>	<b>71.478</b>	<b>1.969</b>	<b>-23</b>	<b>-20</b>	<b>3</b>

Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (Dezembro/2018).

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Os preços do cereal pagos ao produtor se mantiveram acima de R\$ 30/sc em 2018. De janeiro a dezembro, os preços apresentaram um reajuste de 7,8%. Dentro deste período, houve uma amplitude entre R\$ 30,15 em janeiro (menor preço) e R\$ 37,97/sc em julho (maior valor). Nos últimos três meses do ano, o milho apresentou uma retração de 12,1%. As perspectivas de maior oferta de milho da primeira safra (Sul do Brasil) e as informações do bom desenvolvimento da safra de verão (até início de dezembro), sustentam as estimativas de maior oferta a partir de janeiro/2019. Este fato pressionou as cotações do cereal ao longo dos últimos meses de 2018. O baixo ritmo das exportações durante 2018 também teve influência no comportamento dos preços. Entretanto, fatores climáticos adversos, estiagem e altas temperaturas desde o início de dezembro de 2018 deverão afetar o potencial de produção da primeira safra no Paraná e outros estados, impactando na produção total e mantendo os preços fortalecidos. O mercado deverá focar nas condições climáticas das regiões produtoras. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul as chuvas retornaram em meados de dezembro com regularidade, minimizando os impactos da estiagem na cultura. O gráfico abaixo demonstra o comportamento médio mensal distinto dos preços nos últimos três anos, mostrando uma forte oscilação. Em maio de 2016 registrou-se preço de R\$ 48,80/sc, enquanto em julho de 2017 o preço foi de R\$ 23,36/sc, menos da metade do valor. Em 2018, os valores retornaram ao patamar acima de R\$ 30,00/sc. Este comportamento instável é um dos motivos para a diminuição da área cultivada de milho no Estado, ao longo dos últimos anos.

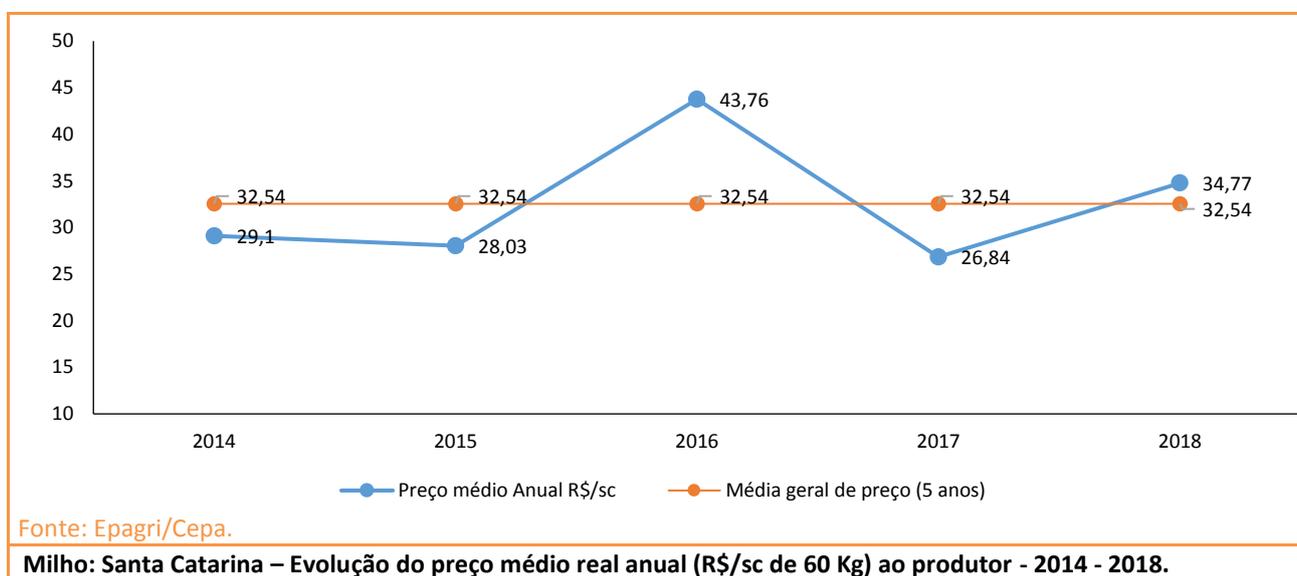


Fonte: Epagri/Cepa.

**Milho: Santa Catarina – Evolução do preço médio mensal ao produtor (R\$/sc de 60 Kg) de 2016 a dezembro/2018. Preços atualizados IGP-DI.**

No gráfico abaixo, verifica-se que o ano de 2016 apresentou o preço médio anual mais elevado da série (R\$ 43,76/sc,) influenciado pela quebra da safra 2015/16. O menor preço foi registrado em 2017, (R\$ 26,84/sc), impactado pela supersafra de 2016/17 no Brasil. Em 2018, o preço teve um patamar intermediário, refletindo uma diminuição da segunda safra de milho (R\$ 34,77/sc). Em relação às últimas cinco safras, o preço médio verificado foi de R\$ 32,54/sc. Nesta série, apenas os anos de 2016 e 2018 apresentaram valores superiores a este patamar. O custo operacional direto (custo variável) do milho está em R\$25,25/sc (Epagri/Cepa, ago/2018). Neste valor estão incluídos apenas os custos diretos, ficando excluídos aqueles custos indiretos, como manutenção, depreciação, juros sobre capital e arrendamento de terra. O gráfico abaixo

mostra que no período avaliado de 2014-2018 os preços tiveram reajuste de 19,5%. No entanto, a oscilação de um ano para outro se apresentou elevada, sendo que de 2017 para 2018 registrou-se alta de 29,5%. Esta variação, aliada ao custo de produção, não confere maior segurança ao produtor. Mesmo assim, os preços de 2018 foram relativamente bons para o produtor de milho.



### Panorama estadual – Safra 2018/19

A estimativa de dezembro de 2018 para a próxima safra aponta uma recuperação da área cultivada de milho, incluindo milho 1ª safra e milho 2ª Safra, em 7,5% em relação à safra 2017/18. Com isso, há a expectativa que o estado cultive 346.958 hectares de milho grão, frente aos 322.750 hectares da safra anterior. Este ganho de área, conforme relatado nos boletins anteriores, se dá em função dos preços fortalecidos do cereal desde o início de 2018. Outro fator levado em consideração pelo produtor foi a necessidade de rotação de culturas soja/milho, em função da questão fitossanitária e aspectos de conservação do solo em plantio direto. Também há uma expectativa de recuperação quanto ao rendimento médio (Kg/ha), atualizado na estimativa de novembro 2018 para 8.233 Kg/ha, contra 7.969 kg/ha do ano anterior (milho total). No entanto, a estimativa de dezembro/2018 apresenta um pequeno recuo na produtividade, impacto da estiagem registrada na primeira quinzena de dezembro passado. Assim, a produtividade passa para 8.146 Kg/ha. Espera-se que a produção do estado fique em 2,82 milhões de toneladas, superior em mais de 250 mil toneladas em relação à safra anterior. Isto se as condições climáticas se apresentarem favoráveis nos próximos 30 dias, período em que se define a safra.

### Acompanhamento safra 2018/19

**Estado:** Conforme salientado no último boletim, em várias regiões produtoras não houve registro de chuvas em dezembro (até o dia 12). Com o retorno das chuvas após dia 15 de dezembro, de modo geral, houve uma recuperação das lavouras, com perdas localizadas em algumas microrregiões. Além da estiagem no início de dezembro, as temperaturas elevadas desde final de dezembro e início de janeiro poderão impactar na produção, em especial em cultivares precoces e em lavouras em fase de floração. A estimativa preliminar neste boletim é de redução de 1,1% no rendimento de grãos. Esta primeira estimativa poderá ser reavaliada, de acordo com as condições climáticas dos próximos dias no Estado.

Milho Total: Santa Catarina - safra 2018/19, estimativa dez. 2018.									
Milho total	Safra 2017/18			2018/19 (estimativa dez/2018)			Variação %		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)
Araranguá	8.644	58.077	6.719	8.449	56.778	6.720	-2,26	-2,24	0,02
Blumenau	1.899	7.374	3.883	1.872	8.396	4.485	-1,42	13,86	15,50
Campos de Lages	33.080	248.812	7.522	32.860	252.394	7.681	-0,67	1,44	2,12
Canoinhas	28.800	277.180	9.624	29.300	255.122	8.707	1,74	-7,96	-9,53
Chapecó	51.117	416.346	8.145	51.601	432.293	8.378	0,95	3,83	2,86
Concórdia	23.359	169.839	7.271	25.100	176.739	7.041	7,46	4,06	-3,16
Criciúma	7.534	50.542	6.709	7.458	50.385	6.756	-1,01	-0,31	0,71
Curitibanos	17.360	157.872	9.094	23.835	242.693	10.182	37,30	53,73	11,97
Florianópolis	359	1.730	4.819	93	453	4.866	-74,09	-73,84	0,97
Itajaí	27	118	4.370						
Ituporanga	9.072	62.442	6.883	11.530	85.345	7.402	27,09	36,68	7,54
Joaçaba	49.130	407.583	8.296	57.375	504.656	8.796	16,78	23,82	6,02
Joinville	390	1.544	3.959	335	1.340	4.000	-14,10	-13,21	1,04
Rio do Sul	18.525	125.648	6.783	19.890	125.922	6.331	7,37	0,22	-6,66
São Bento do Sul	4.400	35.616	8.095	4.500	36.320	8.071	2,27	1,98	-0,29
S. M. do Oeste	39.830	299.740	7.525	38.270	291.464	7.616	-3,92	-2,76	1,20
Tabuleiro	2.725	15.738	5.775	2.975	17.145	5.763	9,17	8,94	-0,21
Tijucas	480	1.774	3.696	1.735	9.661	5.568	261,46	444,59	50,66
Tubarão	6.089	36.924	6.064	5.850	36.088	6.169	-3,93	-2,26	1,73
Xanxerê	19.930	197.178	9.894	23.930	243.298	10.167	20,07	23,39	2,76
<b>Santa Catarina</b>	<b>322.750</b>	<b>2.572.076</b>	<b>7.969</b>	<b>346.958</b>	<b>2.826.491</b>	<b>8.146</b>	<b>7,50</b>	<b>11,05</b>	<b>2,22</b>

Fonte: Sistema de Acompanhamento de safra. Epagri/Cepa.

#### PERSPECTIVAS 2019 - SAFRA NACIONAL

- Milho primeira safra: aumento de 0,4% na área a ser cultivada e produção prevista de 27,5 milhões de toneladas. Acrescentando a segunda safra, a produção total poderá atingir 91,2 milhões de toneladas, 12,9% superior à obtida em 2017/18 (CONAB, jan. 2019);
- Com a entrada da primeira safra e estoques de passagem, o volume de produção é suficiente para o abastecimento interno no primeiro semestre;
- O ritmo das exportações poderá influenciar diretamente os níveis de estoques e preços internos;
- Com a reação dos preços em 2018, a área de milho segunda safra nacional deverá aumentar, elevando a disponibilidade do produto;
- Há indicativos que os níveis de preços serão menores do que em 2018, em especial em função da expectativa de uma maior produção na segunda safra (depende da evolução da safra e quadro climático);
- O plantio desta segunda safra poderá ser realizado em um calendário mais favorável do que da safra anterior, em virtude da antecipação do plantio da soja;
- O ambiente internacional de estoques de milho está em queda;
- As condições climáticas, como sempre, poderão impactar nas expectativas;
- A estiagem verificada nesta primeira safra poderá afetar a produção em alguns estados, em especial no Paraná e São Paulo.

#### Climatologia (o que se espera para época do ano):

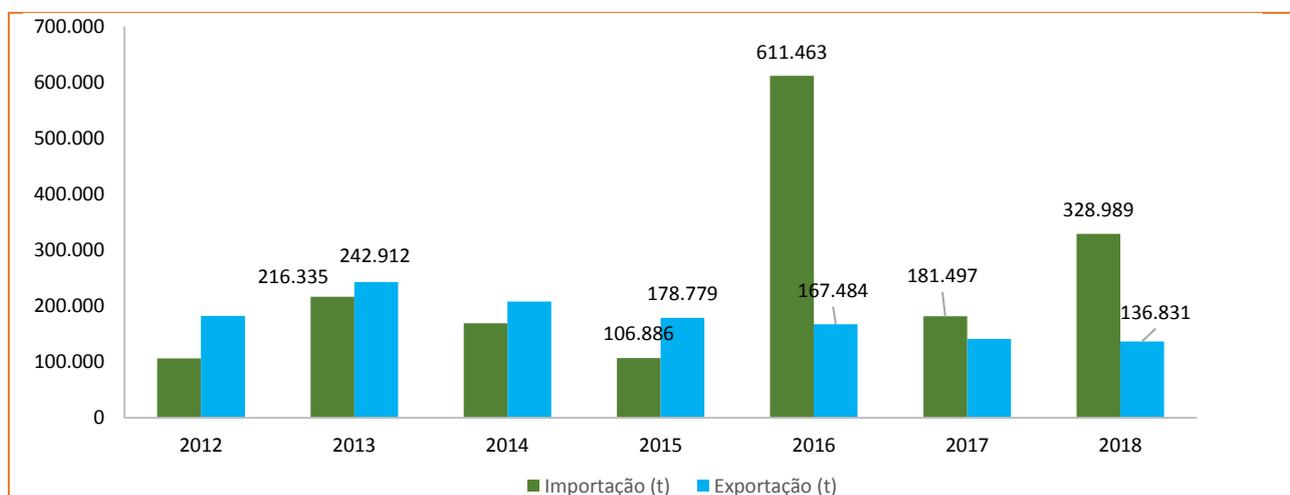
Em janeiro e fevereiro, o regime de verão já está estabelecido e as chuvas convectivas (curta duração) ocorrerem com maior frequência entre a tarde e a noite e, por vezes, na madrugada. A média mensal é de **180 a 200 mm**. Em março diminuem as chuvas de verão (convectivas) e, principalmente a partir da segunda quinzena, as frentes frias chegam com maior frequência ao Sul do Brasil e são responsáveis pela maior parte da chuva em SC, com a média mensal variando de **100 a 200 mm** no Estado.

### Temperatura:

No trimestre, a previsão é de **temperatura na média ou acima da média climatológica** em SC, com verão típico. Durante a estação, pelo menos duas a três ondas de calor devem manter a temperatura alta, inclusive no período noturno, por vários dias consecutivos.

### Exportações e Importações

Nos últimos anos, houve elevação das importações e queda das exportações catarinenses de milho. A demanda pelo cereal estrangeiro surge, principalmente, nas agroindústrias, cooperativas e empresas do segmento de produção de rações, que abastecem as granjas de suínos, aves e, em parte, a pecuária de corte e de leite. Neste contexto, o ano-safra 2015/2016 foi atípico, pois grande parte das lavouras foram atingidas por problemas climáticos, excesso de chuvas no estado, o que resultou em significativa redução na quantidade produzida de milho em Santa Catarina. Isto elevou a importação para 611.463 toneladas, maior volume registrado no período (Gráfico: Evolução das importações e exportações). Em 2017, em função da boa safra catarinense de 2016/17, houve um recuo do volume importado. Já em 2018, houve retomada no crescimento das importações, alcançando mais de 328 mil toneladas (MDIC, Comex stat. 2019.). Os volumes importados oscilam conforme a produção e disponibilidade interna do cereal, regulados pela produção na safra vigente. As importações representaram em torno de 10% das necessidades do Estado no último ano. A Argentina e o Paraguai representam as principais origens do milho importado pelo estado, com preços competitivos em alguns períodos, bem como favorecido pelo custo de frete, fato que explica a utilização do mesmo na indústria regional de produção de rações. Cabe ressaltar que grande parte do volume de milho necessário para cobrir o déficit do grão no estado tem origem nos estados de Mato Grosso do Sul, Paraná e outros. As exportações estão reduzindo desde 2013, quando registraram 242 mil toneladas; em 2018 recuaram para 136 mil toneladas, devido a acordos comerciais e oportunidades.



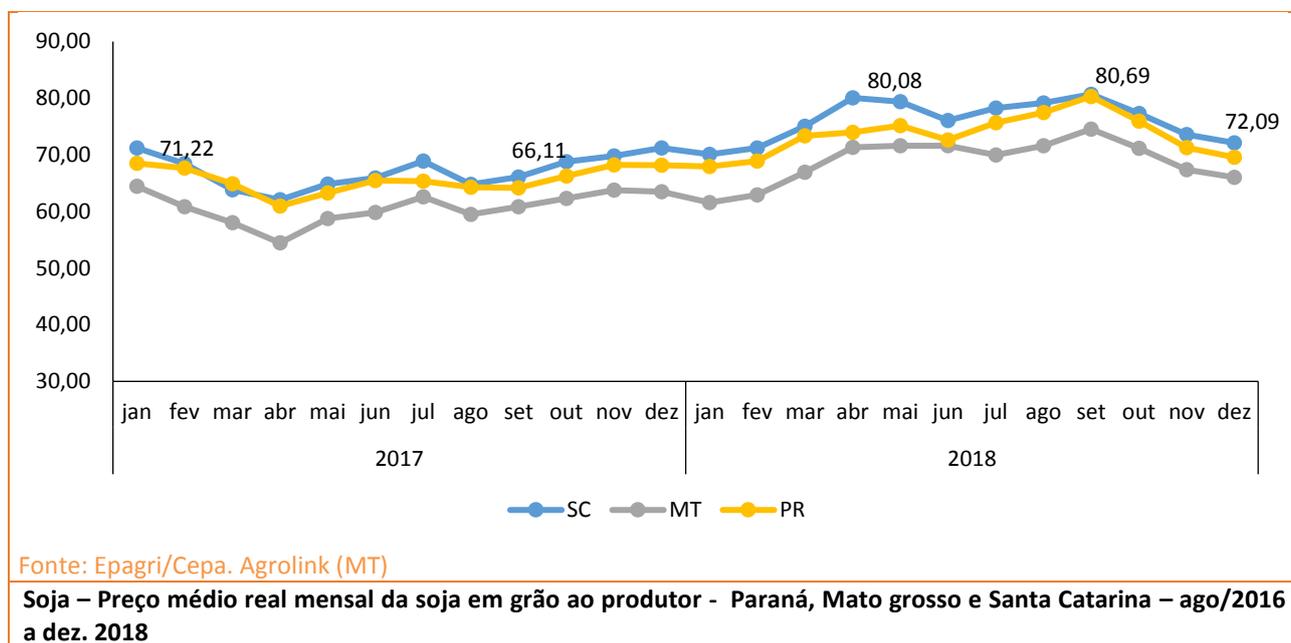
Fonte: MDIC, Comex stat. 2019.

**Milho: Santa Catarina – Evolução do volume (toneladas) das importações e exportações, de 2012 a nov. 2018.**

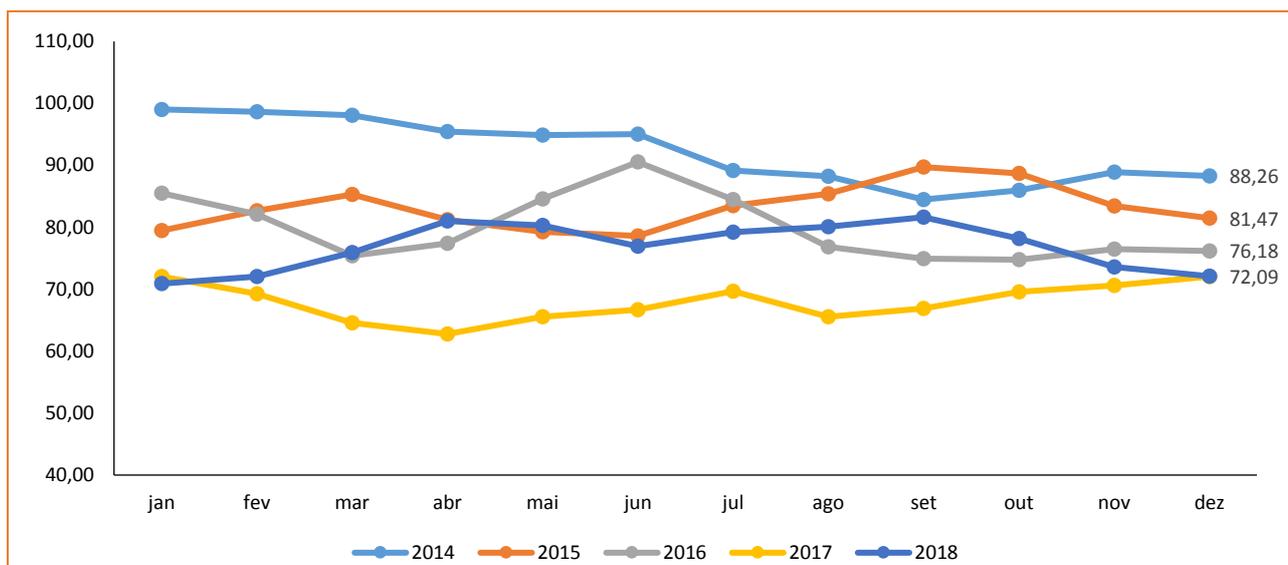
## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Após um longo período de movimento altista, em dezembro os preços pagos aos produtores no estado recuaram 13,8% frente a setembro, sendo o terceiro mês consecutivo de queda nos preços. Em Mato Grosso e Paraná, o comportamento foi semelhante. Os fatores que influenciaram a queda dos preços nos últimos meses foram a relação cambial e a sinalização de acordo entre EUA e China, que pode reaquecer o mercado, melhorando as cotações em Chicago. Com isso, a China passa a ter mais opções de compra. Por outro lado, os prêmios para a soja brasileira apresentaram uma forte diminuição, o que pressionou internamente os preços nos últimos meses. As boas expectativas para a safra 2018/19 no Brasil e na Argentina (melhor do que a safra anterior) e o nível elevado de estoques no EUA também foram fatores de baixa para os preços no final do ano de 2018. O comportamento dos preços pagos ao produtor em 2018 se manteve em um patamar superior àqueles praticados em 2017, conforme gráficos a seguir. Contribuiu para esse cenário, a disputa comercial entre EUA e China, com a forte demanda do mercado Chinês pela soja brasileira, incluindo os prêmios como atrativo e a relação cambial em alguns períodos, cenário que se modificou no fim de 2018. As condições climáticas para atual safra no Brasil e Argentina serão determinantes para o mercado no início de 2019. A estiagem em dezembro, aliada às elevadas temperaturas no Sul do Brasil, já estão afetando o rendimento final das lavouras e alterando o cenário dos preços no início do ano. O mercado deverá estar focado e precificando de acordo com as condições climáticas nas regiões produtoras e perdas já consolidadas em algumas áreas.

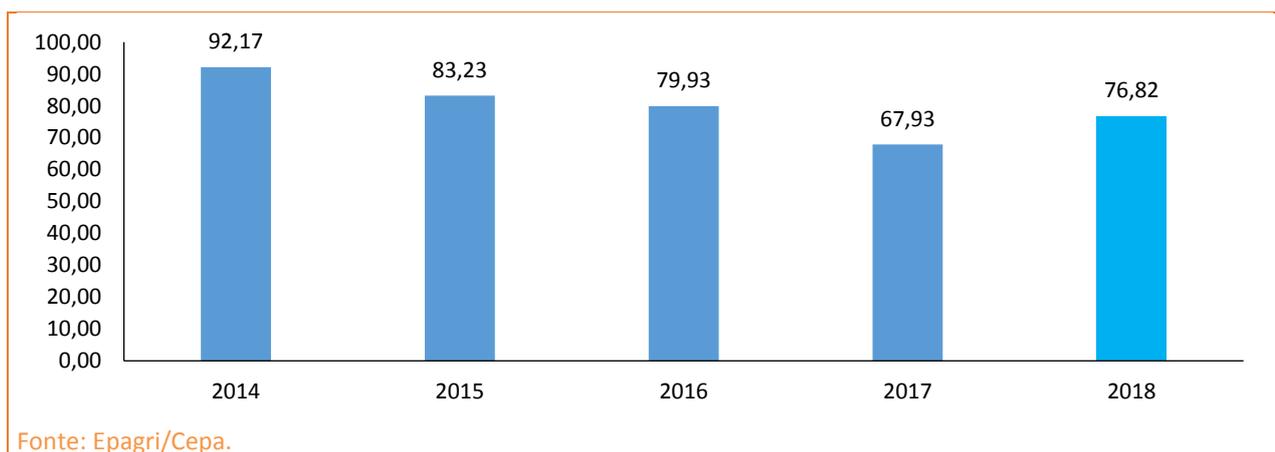


O comportamento dos preços da soja nos últimos cinco anos são apresentados a seguir. É possível verificar que, após quatro anos consecutivos de queda no preço real (média anual), em 2018 houve uma recuperação dos preços recebidos pelos produtores no estado. Em 2014 se verificou o maior valor da série (menor oferta em função de quebra de safra) e em 2017 o menor, em função da boa safra registrada nos principais países produtores mundiais.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Soja grão: Santa Catarina – Preço médio real mensal ao produtor - 2014 a 2018.**



Fonte: Epagri/Cepa.

**Soja grão: Santa Catarina – Preço médio real anual ao produtor – 2014 a 2018**

### SAFRA 2018/19

A cultura da soja em Santa Catarina, na safra 2017/18, alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas. Na safra 2018/19 a área deverá apresentar um recuo de 2,6%, chegando aos 666 mil hectares, com produção estimada de 2,45 milhões de toneladas. Mesmo com diminuição da área, a produção total deverá se manter, em função da expectativa de um rendimento 2,5% superior à safra passada. As regiões de Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, constituem os maiores produtores, somando 388 mil hectares, mais de 58% da área cultivada do Estado.

Soja: Santa Catarina – Estimativa nov/18, produção e rendimento, comparativo entre safras 2017/18 e 2018/19.									
Microrregião	2017/18			2018/19 Estimativa atual - nov/2018			Variação % (17/18 a 18/19)		
	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. Médio (kg/ha)
C. de Lages	62.230	222.758	3.580	59.140	211.873	3.583	-5,0	-4,9	0,1
Canoinhas	129.800	450.720	3.472	132.600	476.186	3.591	2,2	5,7	3,4
Chapecó	92.941	300.866	3.237	87.716	290.413	3.311	-5,6	-3,5	2,3
Concórdia	5.330	19.855	3.725	5.359	19.376	3.616	0,5	-2,4	-2,9
Criciúma				1.930	6.667	3.454			
Curitibanos	113.008	438.490	3.880	112.730	458.823	4.070	-0,2	4,6	4,9
Ituporanga	8.240	34.140	4.143	7.220	27.652	3.830	-12,4	-19,0	-7,6
Joaçaba	67.664	255.994	3.783	61.150	250.860	4.102	-9,6	-2,0	8,4
Rio do Sul	4.015	15.721	3.916	5.000	18.172	3.634	24,5	15,6	-7,2
São B. do Sul	11.500	37.020	3.219	9.300	30.240	3.252	-19,1	-18,3	1,0
S. M. Oeste	41.277	137.846	3.340	41.277	137.847	3.340	0,0	0,0	0,0
Xanxerê	148.040	545.578	3.685	142.950	527.350	3.689	-3,4	-3,3	0,1
<b>Santa Catarina</b>	<b>684.045</b>	<b>2.458.989</b>	<b>3.595</b>	<b>666.372</b>	<b>2.455.459</b>	<b>3.685</b>	<b>-2,6</b>	<b>-0,1</b>	<b>2,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa

### Panorama regional

**Estado:** Chuvas contínuas durante o mês de outubro provocaram atraso no cronograma de plantio. A estiagem verificada até 12 de dezembro não repercutiu significativamente no rendimento. Com o retorno das chuvas na segunda quinzena de dezembro, é mantida a expectativa de bons rendimentos. As lavouras estão em bom estado (mais de 80%). Algumas áreas semeadas mais cedo, com cultivares precoces, sentiram a falta de umidade no solo, bem como altas temperaturas na fase de enchimento de grãos. Isto poderá reduzir a expectativa de rendimento em algumas áreas. No entanto, ainda não reportado em números.

### FATORES DETERMINANTES DE MERCADO EM 2018

- **A alta do dólar em relação ao real:** principal fator que manteve os preços da soja fortalecidos no Brasil desde junho, alcançando no início de setembro R\$ 4,17—R\$ 4,20. No entanto, se por um lado a alta do dólar favoreceu as exportações, por outro eleva os custos de produção, visto que fertilizantes e agroquímicos são em sua maior parte importados, influenciando a composição dos custos, o que poderá ser um fator preocupante caso a moeda americana venha a se desvalorizar frente ao real no momento da colheita em 2019.
- **China x USA:** o acirramento da disputa comercial entre Estados Unidos e China em boa parte do ano de 2018, com aplicação de taxa de 25% sobre o produto americano. Com isto, a China direcionou suas compras para o produto brasileiro. O produtor brasileiro ganhou a preferência pela compra da soja pela China, com prêmios recordes pagos em boa parte do ano;
- **Comercialização da safra brasileira:** é a primeira safra brasileira em que a comercialização não seguiu estritamente Chicago (CBOT). A China canalizou as compras diretamente para a produção no Brasil, com prêmios recordes e com taxas ao produto americano.

## PERSPECTIVAS PARA 2019.

Os fatores que determinaram o mercado ao longo de 2018 começam a se modificar no final do ano e início de 2019. Com a possibilidade de acerto comercial entre EUA e China, a China retoma as compras de soja americana. Assim, a cotação em Chicago reage, ultrapassando os US\$ 9/bushel no início de janeiro. A estiagem no Brasil irá reduzir a produção da atual safra, o que também gera movimento de alta nos preços no mercado internacional. O real tamanho da safra atual no Brasil não está definida. Fatores climáticos, relações comerciais (EUA x China) e evolução do consumo interno nos países, bem como o volume das importações pela China, deverão pautar o comportamento dos preços no primeiro trimestre de 2019.

### Climatologia<sup>1</sup> (o que se espera para época do ano):

Em janeiro e fevereiro o regime de verão já está estabelecido e as chuvas convectivas (curta duração) ocorrem com maior frequência entre a tarde e a noite e, por vezes, na madrugada, com média mensal de **180 a 200 mm**. Em março diminuem as chuvas de verão (convectivas) e, principalmente a partir da segunda quinzena, as frentes frias chegam com maior frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em SC, com a média mensal variando de **100 a 200 mm**, no Estado.

### Safra Nacional:

A projeção é de crescimento de 1,8% na área de plantio e de 0,7% na produção, atingindo 120,1 milhões de toneladas (CONAB, dezembro 2018). No entanto, a estiagem de dezembro e as altas temperaturas no sul do Brasil podem alterar a produção para baixo. Estimativas de redução da produção já apontam para este quadro de uma menor produção nacional. A projeção de janeiro/2019 reduz a produção, atingindo 118,8 milhões de toneladas, nesta última estimativa (CONAB, Jan. 2019).

---

<sup>1</sup> Epagri/Ciram. [http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2405&Itemid=141](http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141)

## Trigo

João Rogério Alves  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Em Santa Catarina, a safra de trigo 2018/19 está concluída. Nessa safra, houve um acréscimo na área plantada, sendo cultivados cerca de 54,2 mil hectares, o que representa um aumento de 2% em relação à área da safra passada. O clima não favoreceu o desenvolvimento normal da cultura. As intensas precipitações e baixa luminosidade ocorridas em outubro prejudicaram a fase de enchimento de grãos e a maturação, bem como aumentou significativamente a ocorrência de doenças. Com isso, a qualidade da produção colhida ficou bastante comprometida. Mesmo assim, foram colhidas cerca de 158 mil toneladas do cereal, um incremento na ordem de 23% em relação à safra anterior. Assim como na produção, o rendimento médio também foi prejudicado pelo clima. Apesar disso, a estimativa ficou em 2.912kg/ha, um incremento de aproximadamente 20% em relação à safra anterior.

A remuneração do produtor depende muito da qualidade do grão colhido (produto), por isso é importante considerar as condições climáticas regionais. Na região de Canoinhas, cerca de 10% do que foi colhido atingiu o PH ideal de 78, aproximadamente 50% alcançou PH 73 a 75 e trigo com PH 70 chegou a 40%. Para o produtor cuja produção atingiu PH de 70 a 75, os preços recebidos reduziram significativamente (para cada PH a menos do ideal (78), são descontados em torno de R\$ 0,50). Para se ter um comparativo, o preço médio regional do trigo PH 78, no mês de dezembro, ficou em média R\$ 43,00/sc 60kg, enquanto o trigo com PH menor que 70, que tem como destino a fabricação de ração, teve cotação média de R\$ 24,50/sc 60kg.

Na região de Chapecó, cerca de 20% do que foi colhido alcançou PH abaixo de 74; o restante ficou com PH entre 74 e 78. Já na região de Campos Novos, a avaliação é de que a safra estava bem encaminhada até outubro, quando o excesso de chuva e dias nublados comprometeram a produtividade e qualidade das lavouras. A produtividade prevista até então de 4.400kg/ha, foi reduzida para 3.700kg/ha. A qualidade só não foi mais prejudicada porque no período final da maturação e da colheita o sol predominou na região, contribuindo para uma melhoria na qualidade do grão. Estima-se que 65% do grão alcançou PH 78 (tipo 1), 25% atingiu PH 75 (tipo 2) e 10% obteve PH 70 (tipo 3).

No mês de dezembro as cotações variaram positivamente em cerca de 2%, passando de R\$ 41,54 para R\$ 42,33sc/60kg. Em relação há um ano, a variação permaneceu positiva para a safra 2018/19 em cerca de 27%, no mês de dezembro. O preço médio anual da saca de 60kg de trigo foi cerca de 10% maior em 2018 em comparação com 2017, passando de R\$ 36,60 para R\$ 40,11. Já no mercado do Paraná, o incremento no preço médio anual foi de 21% e no do Rio Grande do Sul de 10%.

<b>Trigo Grão: Preços médios pagos ao produtor - safra 2018/19 – R\$/saca de 60kg</b>					
<b>Estado</b>	<b>Dez/18</b>	<b>Nov/18</b>	<b>Variação mensal (%)</b>	<b>Dez/17</b>	<b>Variação anual (%)</b>
Santa Catarina	<b>42,33</b>	<b>41,54</b>	<b>1,90</b>	<b>33,28</b>	<b>27,19</b>
Paraná	<b>45,65</b>	<b>43,63</b>	<b>4,63</b>	<b>33,96</b>	<b>34,42</b>
Rio Grande do Sul	<b>39,53</b>	<b>38,16</b>	<b>3,59</b>	<b>30,21</b>	<b>30,85</b>
São Paulo	<b>50,66</b>	<b>48,52</b>	<b>4,41</b>	<b>36,95</b>	<b>37,10</b>

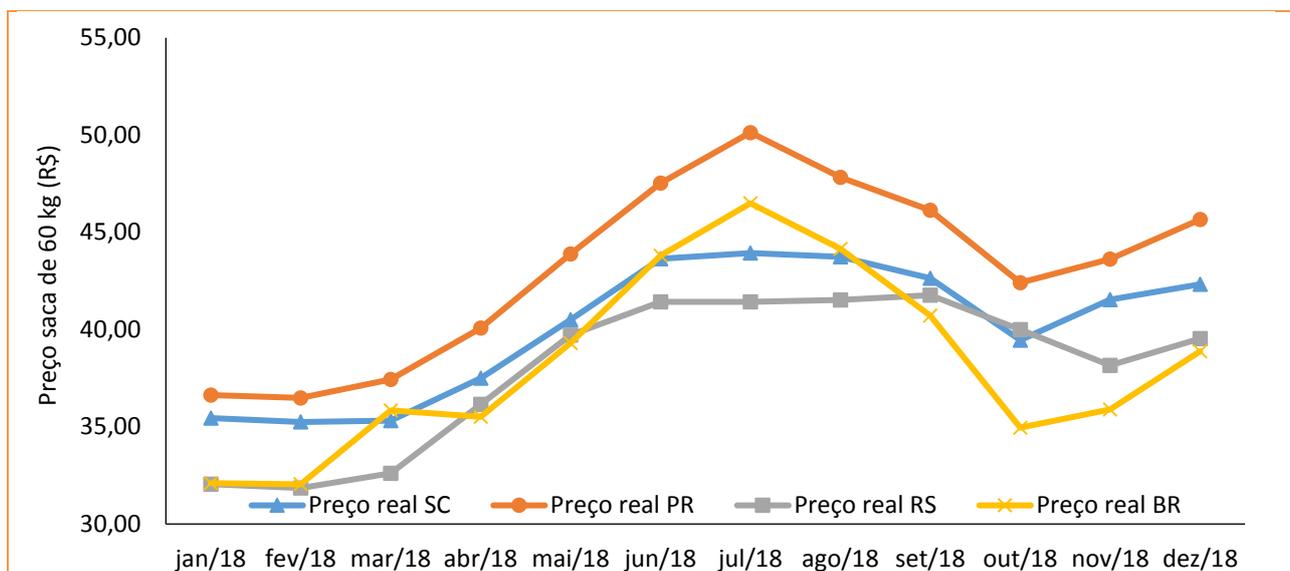
Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP). Dezembro, 2018

Os preços médios pagos aos produtores voltaram a reagir. Em dezembro, nos três estados da Região Sul, assim como na média nacional, a tendência foi de alta. No Rio Grande do Sul, o mercado ficou travado em função dos feriados de fim de ano, mas, mesmo com uma safra ruim em termos de qualidade de grão, há compradores para todos os tipos de trigo. Um fator limitante são os espaços para estocagem, uma vez que

os armazéns buscam liberar espaço para armazenar a safra de verão que logo será colhida. Com pouca disponibilidade de trigo no mercado gaúcho, os moinhos paranaenses tentam comprar o maior volume possível do produto a preços vigentes. Para trigo de boa qualidade não faltam compradores pagando preços satisfatórios para produtores.

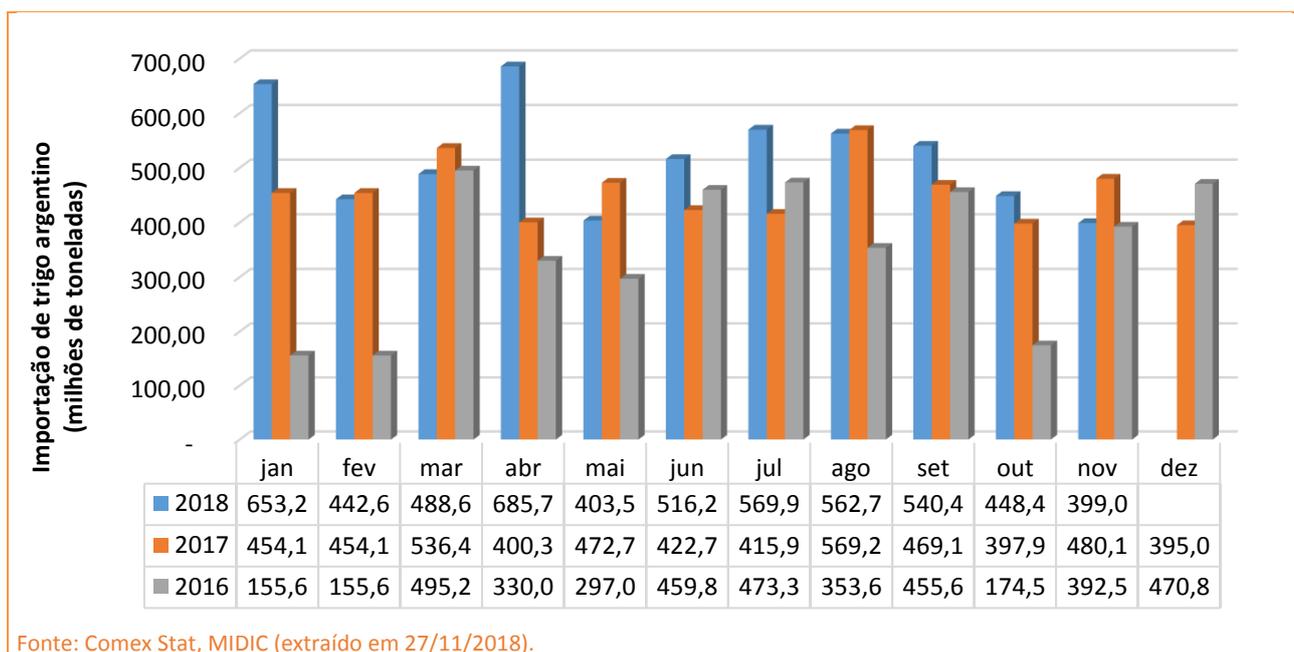
O cenário interno, com uma safra maior do que a do ano passado, mas com qualidade abaixo do desejável e com trigo argentino de boa qualidade a preços elevados, faz com que os compradores busquem fazer estoque com trigo nacional a preços favoráveis, para depois ir ao mercado em busca de trigo de boa qualidade para fazer as mesclas necessárias ao processo de produção de farinhas para massa, pães, etc. As perspectivas para 2019 são de preços melhores, mas não muito mais altos do que os praticados no final de 2018.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo: Comparativo da evolução dos preços reais do trigo em SC, RS, PR e BR - 2018.**

Em relação às importações brasileiras de trigo, nos últimos anos ocorreu aumento significativo de importações da Argentina. Em 2016, elas representaram cerca de 58% de todas as importações de trigo grão, farinha e derivados de trigo feitas pelo Brasil. Em 2017, esse percentual subiu para 84% e em 2018 deverá ultrapassar 88%. O país vizinho possui clima favorável ao cultivo deste cereal de inverno. A cada ano vem melhorando geneticamente as variedades cultivadas, alcançando boas produtividades, com trigo de excelente qualidade. Ao longo do tempo, tem conquistado a confiança dos moinhos brasileiros, que cada vez mais tem requisitado seu produto para a melhoria das misturas de farinhas de trigo industriais.



Fonte: Comex Stat, MIDIC (extraído em 27/11/2018).

**Trigo: Brasil – Evolução das importações trigo grão, farinhas e derivados de trigo da Argentina (2016 – nov./2018).**

No mês de dezembro, as estimativas se mantiveram praticamente as mesmas do mês anterior. Com clima desfavorável desde o mês de outubro, os percentuais de redução de produção e rendimento foram sendo atualizados ao longo dos meses, com o término da safra, pequenos ajustes poderão ser feitos a fim de corrigir desconformidades. Em relação à safra passada, nesta safra o ritmo de redução de área foi interrompido, apontando um pequeno acréscimo de 2%. Na produção, incremento de 23% e no rendimento médio, mesmo com safra ruim em qualidade, acréscimo de 20%.

**Trigo Grão: Comparativo entre safra 2017/18 e estimativa atual safra 2018/19**

Microrregião	Safra 2017/18			Estimativa atual Safra 2018/19			Variação (%)		
	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plantada (ha)	Quant. Prod. (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área	Quant. Prod.	Rend. Médio
Campos de Lages	540	1.150	2.130	335	710	2.121	-38	-38	0
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	12.150	32.955	2.712	27	18	-7
Chapecó	14.030	34.722	2.475	11.824	33.143	2.803	-16	-5	13
Concórdia	915	2.246	2.455	432	1.163	2.692	-53	-48	10
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	27.480	3.664	0	72	72
Ituporanga	505	1.054	2.086	615	1.521	2.472	22	44	19
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.131	9.521	3.041	-9	27	39
Rio do Sul	225	485	2.156	190	492	2.589	-16	1	20
São Bento do Sul	150	357	2.383	250	615	2.460	67	72	3
São M. do Oeste	2.507	6.511	2.597	3.646	8.399	2.303	45	29	-11
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	14.100	41.733	2.960	2	37	34
Outras*	20	36	1.800						
<b>Santa Catarina</b>	<b>53.217</b>	<b>128.602</b>	<b>2.417</b>	<b>54.173</b>	<b>157.731</b>	<b>2.912</b>	<b>2</b>	<b>23</b>	<b>20</b>

(\*) Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, SPM (Sistema de Produções e Mercado – dez./2018).

## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### 2018: ano de grandes dificuldades para a cultura do alho

O ano que se encerrou foi um dos mais complicados para o setor produtivo do alho. Os produtores tiveram que lidar com grande oferta de produto, preços baixos e pouca demanda. Países tradicionalmente importadores da hortaliça diminuíram suas demandas no mercado internacional. Nesse sentido, acirraram-se as disputas por mercados, como o Europeu, para onde alguns países sem tradição naquele mercado, como Turquia e Egito, chegaram a exportar o produto em função de alta oferta interna.

Grande oferta e condições semelhantes de mercado também se verificaram no continente sul americano durante o ano de 2018, com consequências importantes para a baixa rentabilidade das lavouras dos produtores em praticamente todo o Brasil.

Em Santa Catarina, no final de 2018 os produtores de alho e suas representações desencadearam uma série de ações em função das perspectivas pouco positivas que vislumbravam naquele período, cuja pauta ainda permanece.

A grande preocupação do setor foi com o elevado grau de endividamento dos agricultores familiares produtores da hortaliça, os problemas climáticos que elevaram o custo de produção do alho e, por outro lado, contribuíram para que a safra apresentasse produção de bulbos de menor calibre, que tradicionalmente o mercado remunera mal (alho indústria). No sentido de buscar saídas de curto, médio e longo prazos, as ações buscavam:

- a) elaboração de plano estadual de apoio à produção do alho em Santa Catarina pela Secretaria da Agricultura;
- b) negociação de cotas e transparência na concessão das autorizações de importação de alho em relação à quantidades e distribuição temporal da internalização do produto na CAMEX/MDIC;
- c) ajustes e adequações do PGPAF (Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar), de modo que as operações de crédito rural do PRONAF para a cultura do alho, em caso de problemas de mercado, possam contar com efetiva cobertura financeira;
- d) manutenção da taxa *antidumping* para o alho chinês e a LETEC (Lista de Exceção da Tarifa Externa Comum) para o alho oriundo dos países fora do MERCOSUL, e
- e) enquadramento do distúrbio fisiológico do superbrotamento como perda amparada pelo Proagro e Proagro Mais, conforme Nota Técnica de Ocorrência de Anomalias Fisiológicas no Alho emitida pela Epagri, datada de novembro de 2018.

A safra catarinense já foi toda colhida, com início do período de comercialização. A safra chega ao mercado numa conjuntura que se mantém adversa e com poucas perspectivas de alguma alteração no curto prazo. Na Tabela 1 é apresentado um quadro comparativo das importações de alho pelo Brasil em 2016, 2017 e 2018, com base em dados do Comexstat/MDIC.

A importação de alho em 2018 pelo Brasil foi de pouco mais de 164 mil toneladas, volume superior ao ano de 2017, que alcançou 159,2 mil toneladas, porém inferior ao que foi importado em 2016: 172,97 mil toneladas.

O problema que afetou o mercado brasileiro em 2018 não decorreu do volume importado, mas principalmente do preço que o alho importado, apesar das taxações, chegou ao Brasil.

Em 2016, a média mensal de entrada de alho no Brasil foi de 14,41 mil toneladas, totalizando no ano 172,97 mil toneladas. Em 2017, o volume importado baixou para 159,20 mil toneladas, com média mensal de 13,26 mil toneladas, redução em cerca de 8%. Em 2018, a média mensal de importação foi de 13,71 mil toneladas.

No caso específico da comercialização da safra catarinense em 2018, há uma questão importante a ser registrada, pois o período da comercialização da safra catarinense coincide com os maiores volumes de importação de alho pelo Brasil. Dessa maneira, se a produção de alho enfrenta problemas de mercado em praticamente todos os países, o caso de Santa Catarina, pelo menos no Brasil, é o mais adverso para os produtores.

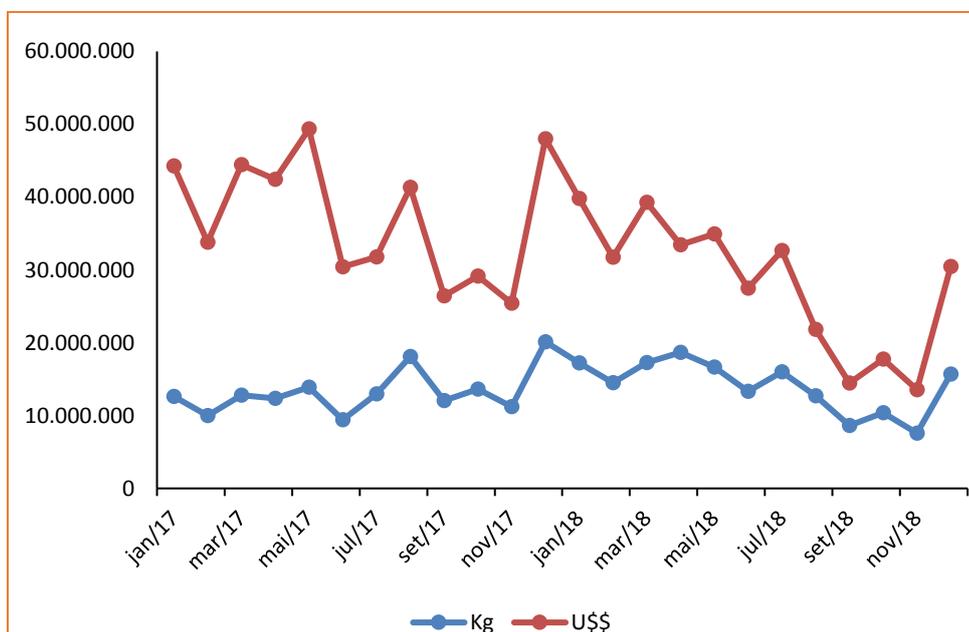
#### Alho: Brasil - Importações de 2016-18 (mil t)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	<b>172,97</b>
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	<b>159,20</b>
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	<b>15,71</b>	<b>164,48</b>

Fonte: Comexstat/MDIC: janeiro/2019.

No mercado internacional do alho, desde junho de 2017 houve redução do preço, com uma pequena recuperação em outubro/17, porém em seguida retomando sequência de baixa.

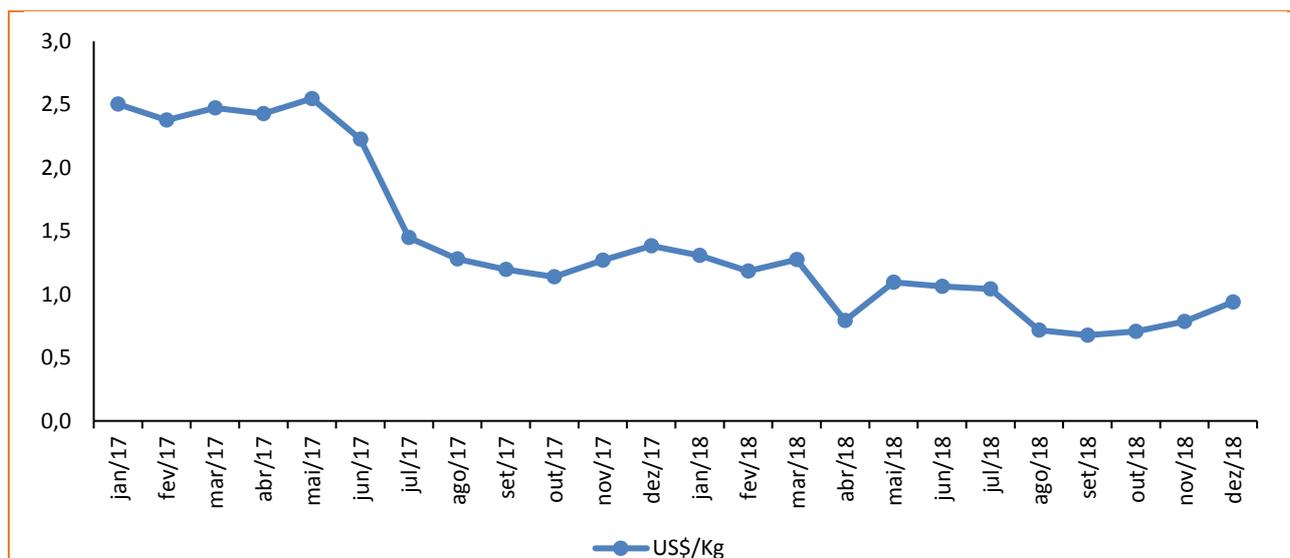
Em relação ao volume importado pelo Brasil, mês a mês em 2017 e 2018, nos dois anos manteve-se próximo de 10 e 20 mil toneladas mensais.



Fonte: Comexstat/MDIC: janeiro/2019.

#### Alho: Brasil - Volume e valores da importação de alho mês a mês - 2017 e 2018

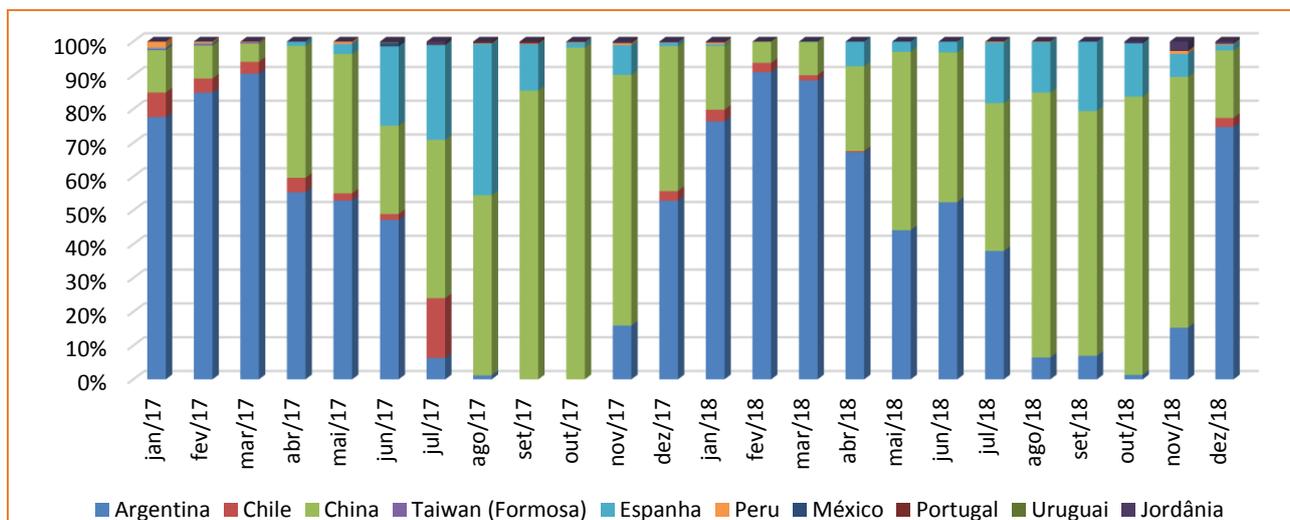
A atual conjuntura de mercado do alho, como já mencionado anteriormente, vem desde o final do segundo semestre de 2017, ficando mais complexa. As cotações internacionais estão em baixa, com grande oferta de produto. Conforme dados do Comexstat/MDIC, abaixo, em setembro de 2018 o alho importado pelo Brasil (preço FOB) atingiu sua cotação mais baixa do período considerado, de US\$ 0,77/kg.



Fonte: Comexstat/MDIC: janeiro/2019

**Alho: Brasil – Evolução do preço do alho (FOB) importado pelo Brasil – 2017 e 2018**

Na figura abaixo, apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil em 2017 e 2018. Os dois países mais importantes como fornecedores foram a Argentina e a China. Destacando-se a Argentina nos meses de dezembro a maio-junho de cada ano e a China de abril-maio a novembro.



Fonte: Comexstat/MDIC: janeiro/2019

**Alho: Brasil - Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil - 2017 e2018**

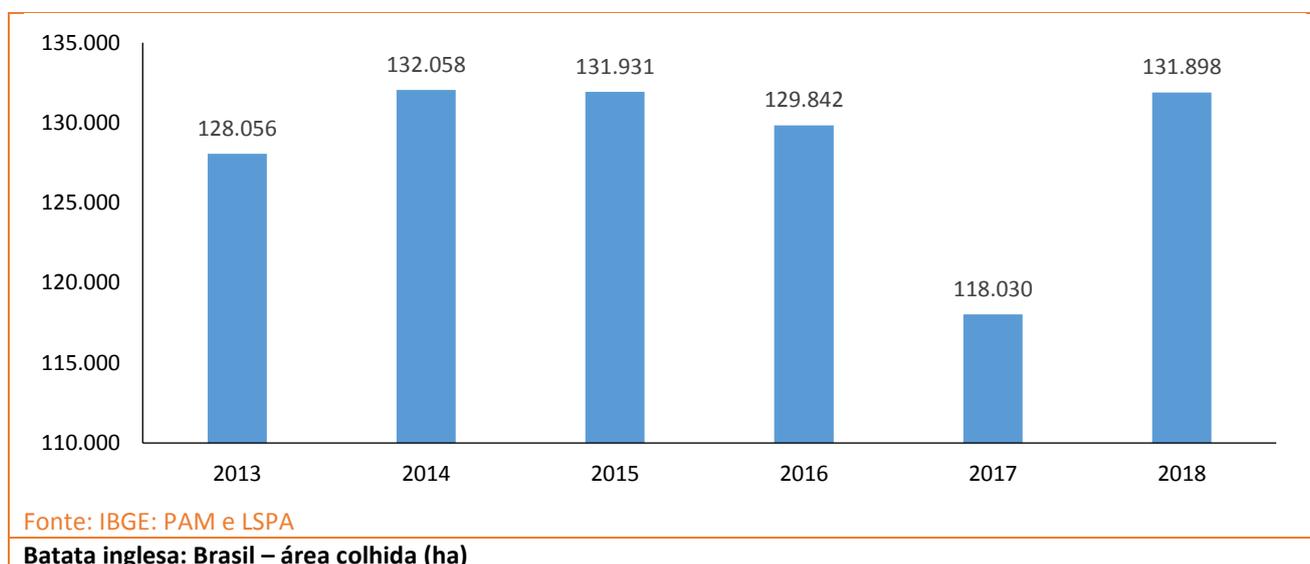
No mês de dezembro de 2018 o principal fornecedor foi a Argentina, com 11,72 mil toneladas, perfazendo 74,60% do total do alho importado no período, seguida pela China, com 3,14mil toneladas, atingindo 20,05%. Espanha, Peru, Chile e Jordânia contribuíram com 5,35%, ou seja, pouco mais de 840 toneladas. A comercialização da safra em Santa Catarina está no início, embora haja alguma procura típica do período pós festas de final de ano. As cotações giram entorno de R\$ 0,50 a R\$ 1,00/kg abaixo da classe (ex. alho classe 6, seu preço ao produtor varia de R\$ 6,00 a R\$ 6,50/Kg), e assim por diante. Para o alho indústria, classe 2 e abaixo, as cotações giram em torno de R\$ 1,00/kg.

## Batata

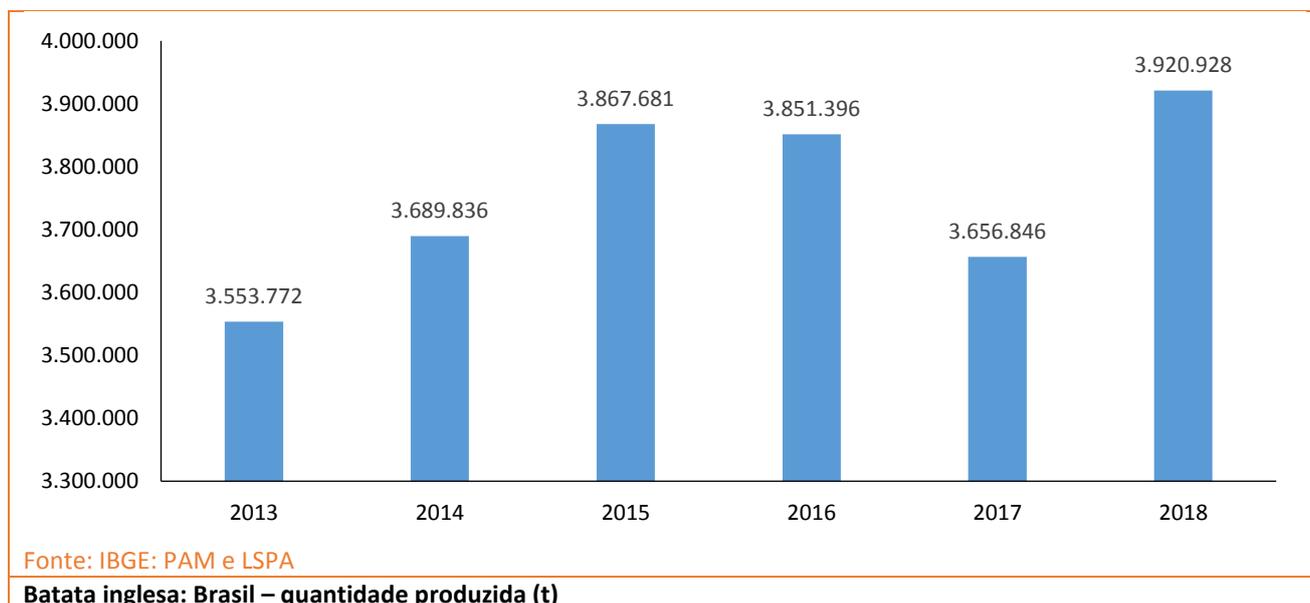
Jurandi Teodoro Gugel  
 Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

### A produção de batata Inglesa no Brasil

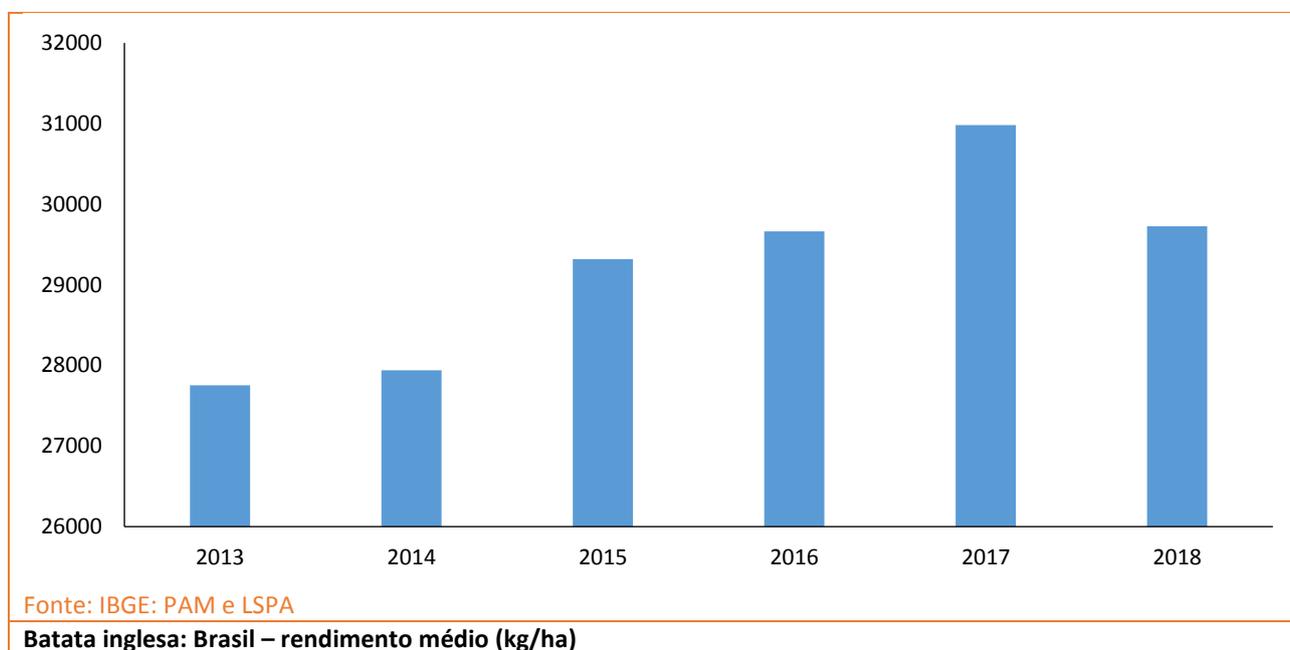
Segundo dados do IBGE, a área colhida com a cultura da batata inglesa no Brasil de 2013 a 2018 variou entre 128.056ha e 131.898ha, sendo que em 2017 a área teve importante redução para 118.030ha. Essa redução se deu basicamente pelas consecutivas safras com resultados poucos satisfatórios aos produtores. Historicamente, o estado de Minas Gerais é o maior produtor nacional, seguido por Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul, Goiás, Bahia e Santa Catarina.



A produção brasileira se situou entre 3,55 milhões de toneladas em 2013 e 3,92 milhões de toneladas em 2018.



A redução na quantidade produzida em 2017 foi decorrente da redução da área plantada naquela safra. O estado com a maior redução de área plantada foi Minas Gerais, que diminuiu 11.987 hectares, significando uma redução de 30,4% em relação à safra de 2016.



Em relação ao rendimento médio, a cultura da batata inglesa no Brasil obteve ganhos importantes de produtividade nos últimos 4 anos. O rendimento permanece acima de 29 t/ha desde 2015.

A produção brasileira é basicamente assegurada pela safra das águas (verão), cujo plantio é realizado de agosto a dezembro, com colheita a partir de novembro, destacando-se as regiões Sul e Sudeste como as principais regiões produtoras da hortaliça no Brasil.

A safra de inverno (terceira safra) também é produzida nessas regiões. É plantada de abril a julho, em regiões com microclimas onde não ocorrem geadas, e colhida de julho a outubro. Por outro lado, essas regiões necessitam da disponibilidade de sistemas de irrigação, em função dos riscos de perdas.

A safra da seca é plantada de janeiro a março e colheita a partir de abril-junho. É produzida em regiões de inverno ameno e também necessitam de irrigação, situação que ocorre em regiões não tradicionais de cultivo da cultura, como o Planalto Central e áreas altas da região Nordeste. Porém, mesmo apresentando condições razoáveis de plantio, caso ocorra excesso de chuvas durante o desenvolvimento da cultura, o controle de doenças pode ser dificultado, prejudicando a aparência dos tubérculos, com diminuição da qualidade do produto para o mercado.

### A produção de batata inglesa em Santa Catarina

Em Santa Catarina, a área destinada à produção de batata inglesa, segundo a Epagri/Cepa, oscilou de 4,8 mil hectares para 4,5 mil hectares nas safras 2016/17 e 2017/18. A redução de área, na faixa de 6,25%, deve-se aos resultados econômicos pouco animadores que os produtores catarinenses e brasileiros têm enfrentado nas últimas safras.

A participação de Santa Catarina na produção nacional de batata já foi maior, decaindo desde a década de 1990. A redução da participação deu-se, principalmente, pela ocorrência de problemas fitossanitários.

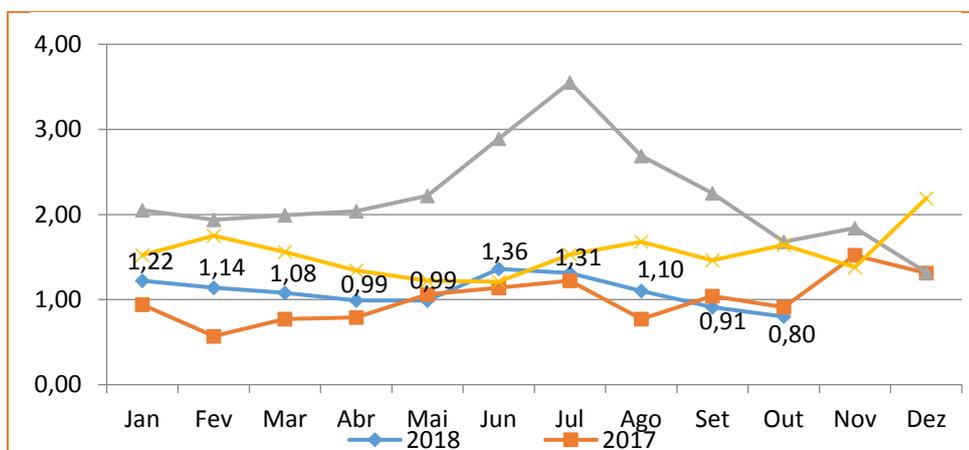
Destacam-se na produção de batata inglesa em Santa Catarina as microrregiões de Joaçaba, Canoinhas e Campos de Lages, cuja área alcança quase 70% da área total plantada no Estado.

Batata Inglesa: Santa Catarina – comparativo de safra 2016/17 e 2017/18						
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18		
	Área (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Rend. médio kg/ha
São Miguel do Oeste	5	38	7.600	5	38	7.600
Chapecó	48	359	7.479	34	224	6.588
Xanxerê	240	7.850	32.708	157	4.739	30.184
Joaçaba	850	41.290	34.494	1.197	41.290	34.494
Concórdia	30	311	10.366	28	291	10.392
Canoinhas	902	26.735	29.639	830	29.225	35.210
São Bento do Sul	100	992	9.920	70	1.400	20.000
Curitibanos	220	6.501	14.708	220	5.800	26.636
Campos de Lages	851	14.768	17.353	966	22.353	23.139
Rio do Sul	233	2.180	9.356	220	1.942	8.827
Blumenau	9	82	9.111	9	82	9.111
Ituporanga	135	2.015	14.925	141	2.078	14.737
Tijucas	32	248	7.750	42	402	9.571
Florianópolis	2	50	25.000	35	545	15.571
Tabuleiro	120	1.660	13.833	150	2.121	14.140
Tubarão	289	5.421	18.757	106	1.831	17.273
Criciúma	442	6.501	14.708	329	4.096	12.449
<b>Santa Catarina</b>	<b>4.841</b>	<b>116.180</b>	<b>23.999</b>	<b>4.525</b>	<b>118.337</b>	<b>26.151</b>

Fonte: Epagri/Cepa

A produtividade média da batata inglesa em Santa Catarina, embora mantendo tendência de crescimento, é menor que a produtividade média nacional, atingindo 23,9 t/ha na safra 2016/17, contra 26,15 t/ha na safra 2017/18. Enquanto o rendimento médio nacional se mantém acima de 29 toneladas/ha desde 2015, em Santa Catarina é 10,34% menor. A produtividade é, sem dúvida, dentre outros, um dos fatores que podem ter influenciado na perda de competitividade da produção de batata inglesa em Santa Catarina em relação a outras regiões brasileiras. Por conseguinte, a atividade requer ações articuladas entre o setor produtivo, pesquisa, assistência técnica e agentes de mercado, no sentido de buscar alternativas para superação dos desafios produtivos, tecnológicos e de mercado para o produto.

### Mercado



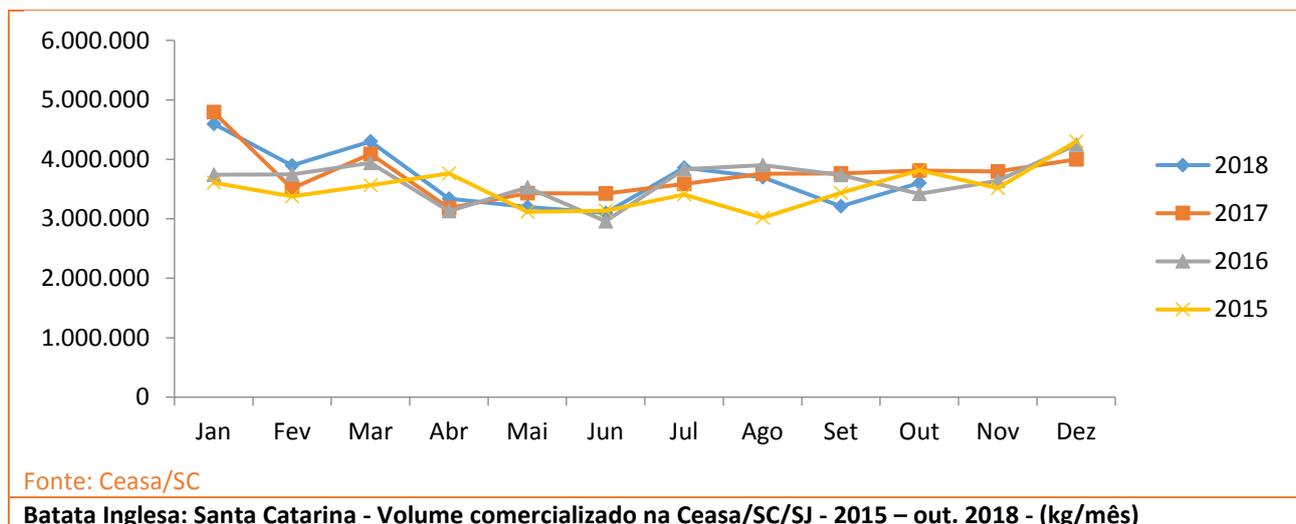
Fonte: Fonte: Ceasa/SC

**Batata Inglesa: Santa Catarina - Evolução dos preços na Ceasa/SC – 2015 – out.2018 (R\$/kg)**

Com relação ao mercado atacadista, na Central de Abastecimento de Santa Catarina, unidade de São José – Ceasa/SC-USJ o histórico de preços dos últimos quatro anos mostra que o ano de 2016 apresenta os melhores preços, atingindo em julho R\$ 3,55/kg. Por outro lado, os anos de 2017 e 2018 foram de preços mais baixos em relação aos anos anteriores.

Em 2018, após uma pequena melhora no período de maio a junho (Greve dos caminhoneiros), o segundo semestre apresentou quedas constantes, mês a mês, atingindo um dos menores patamares de preços em outubro, com R\$ 0,80/kg.

Com relação ao volume comercializado na unidade no período de 2015 a outubro de 2018, este ficou entre 3 e 4 mil toneladas em grande parte do período acompanhado, excetuando-se os meses de janeiro e março de 2017 e 2018, quando o volume superou 4 mil toneladas/mês. O menor volume comercializado ocorreu no mês de junho de 2016, quando o montante foi de 2,96 mil toneladas.



Nos principais mercados nacionais (Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro), os preços reagiram bem nos meses de novembro e dezembro de 2018, com aumentos em torno de 30% em relação ao mesmo período de 2017. Com relação às perspectivas para a cultura no próximo período, as expectativas são de que, com a redução de área plantada e nível tecnológico menor nas principais regiões produtoras do país, a remuneração ao produtor seja mantida acima do custo de produção, segundo a HFBRasil/CEPEA. Situação inversa do que ocorreu nos últimos dois anos.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

A comercialização da safra catarinense evolui normalmente e com boa demanda, especialmente nas regiões do Alto Vale do Itajaí e do Tabuleiro. A região Sul do Brasil é a principal abastecedora da hortaliça neste período.

Nas regiões dos Campos de Lages, Joaçaba e Planalto Norte, com plantios um pouco mais tardios, a colheita continua e se estende pelo menos até o final do mês.

As expectativas com os resultados da safra continuam sendo bastante positivas por parte dos produtores, reflexo da oferta basicamente disponibilizada pela região Sul no atual período. Esta conjuntura também é favorecida pelo mercado internacional. Países tradicionais na exportação de cebola ao Brasil, como Holanda e Espanha, dentre outros países europeus, continua baixa, como reflexo da seca naquele continente.

A rentabilidade da safra 2017/18 está sendo positiva no Sul do país, devido aos preços mais altos em relação aos praticados em 2016/17, quando os produtores de Santa Catarina tiveram que adiar compromissos financeiros, via renegociações de financiamentos juntos aos bancos.

Segundo a revista HfBrasil/Cepea, as regiões do Cerrado, São Paulo e Nordeste tiveram resultados satisfatórios em 2018. Os produtores colheram a produção até o mês de julho, quando as cotações estavam mais elevadas em função da menor oferta interna.

Embora pequena e pouco significativa no contexto geral da produção brasileira, as exportações de cebola cumpriram o papel como alternativa de escoamento da produção, em momento de conjuntura desfavorável nas regiões produtoras de São Paulo.

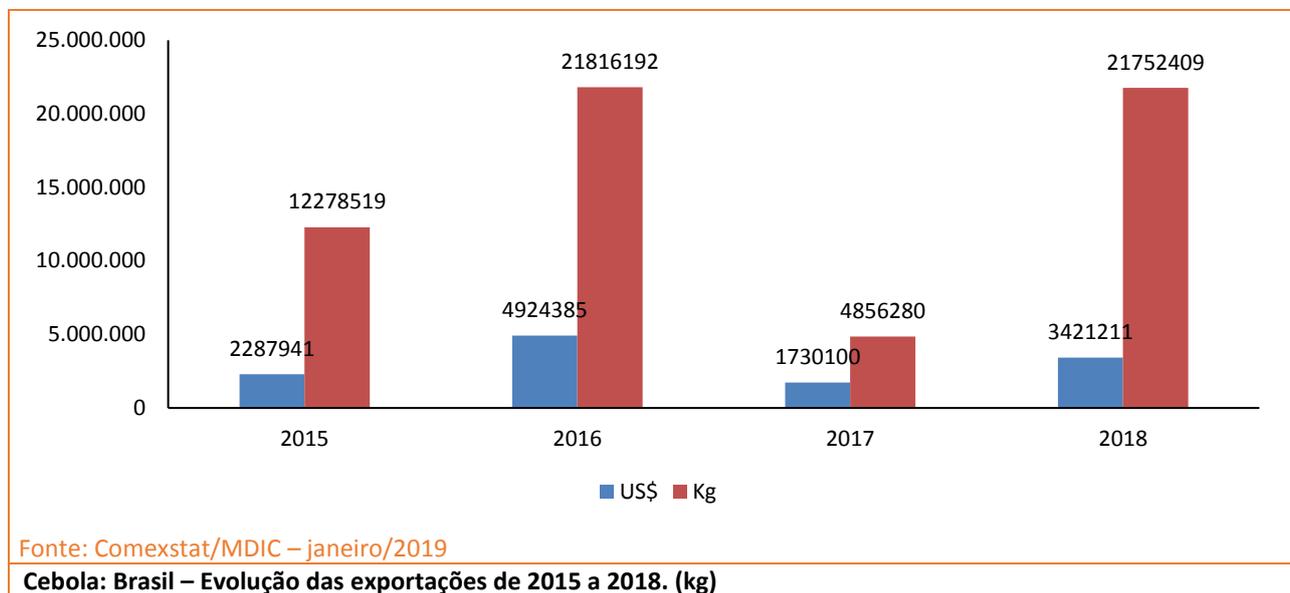
O resultado econômico alcançado pelos produtores no Brasil variou de região para região, como reflexo da expansão ou não da área plantada, influenciada, geralmente, pelos resultados da safra anterior. As regiões de Santa Juliana (MG) e Cristalina (GO) tiveram aumentos de 12% e 14%, segundo a HfBrasil/Cepea, influenciados pelos resultados de 2017 e com produtividade acima de 60 t/ha, elevando a oferta da hortaliça. Os produtores que conseguiram comercializar nos meses maio-junho obtiveram melhores resultados. Para aqueles que comercializaram a produção a partir de julho e ênfase em agosto e setembro, o resultado foi negativo.

A safra catarinense entrou no mercado desde o início de dezembro, quando as demais regiões produtoras já apresentavam baixos volumes disponíveis, o que, associado à redução das importações, permitiu a recuperação das margens pelos produtores.

Também contribui favoravelmente à comercialização da cebola nesta safra a existência da LETEC, que desde dezembro de 2017 é um fator que torna a importação de cebola de países fora do Mercosul menos competitiva em relação à produção nacional.

Dessa forma, os preços ao produtor na lavoura na região do Alto Vale do Itajaí fecharam o mês de dezembro entre R\$ 1,30 e R\$ 1,45/Kg, segundo levantamento da Epagri/Cepa. Na primeira semana de janeiro, os preços ao produtor tiveram pequena melhora, apesar de a expectativa ser um pouco melhor, ficando entre R\$ 1,40/kg e R\$ 1,70/kg, dependendo da qualidade.

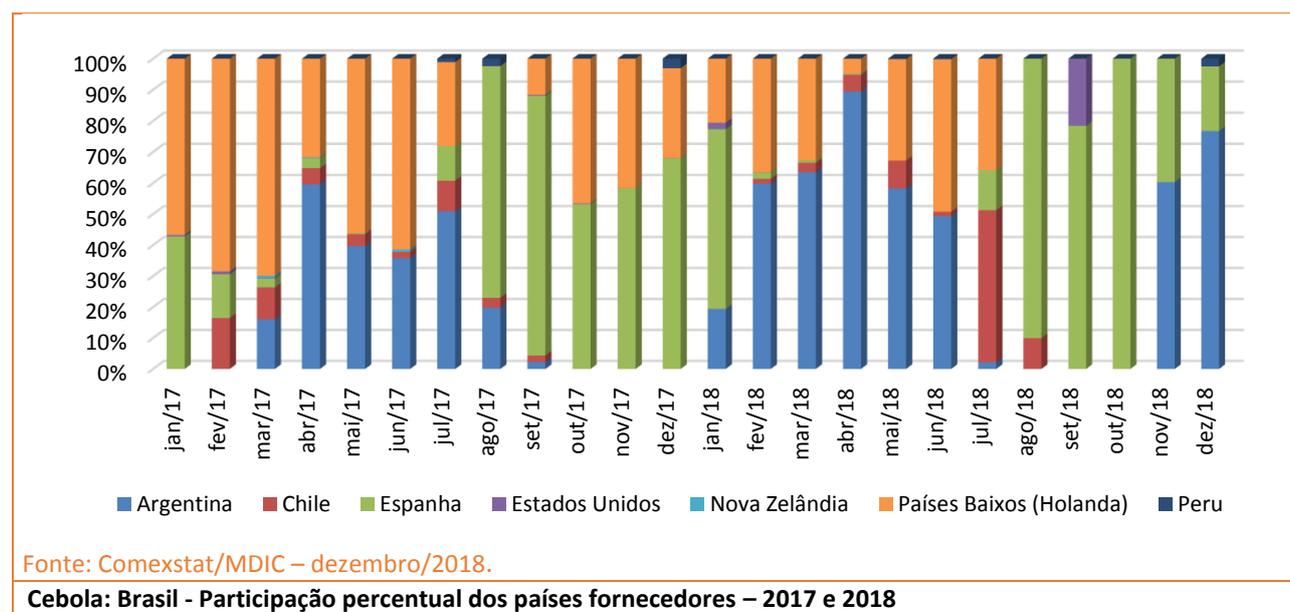
As exportações brasileiras de cebola em 2018 alcançaram 21,75 mil toneladas, ao valor de US\$ 3,42 milhões, perfazendo uma média de US\$ 0,157/kg. O volume de 2018 foi 0,29% menor que em 2017.



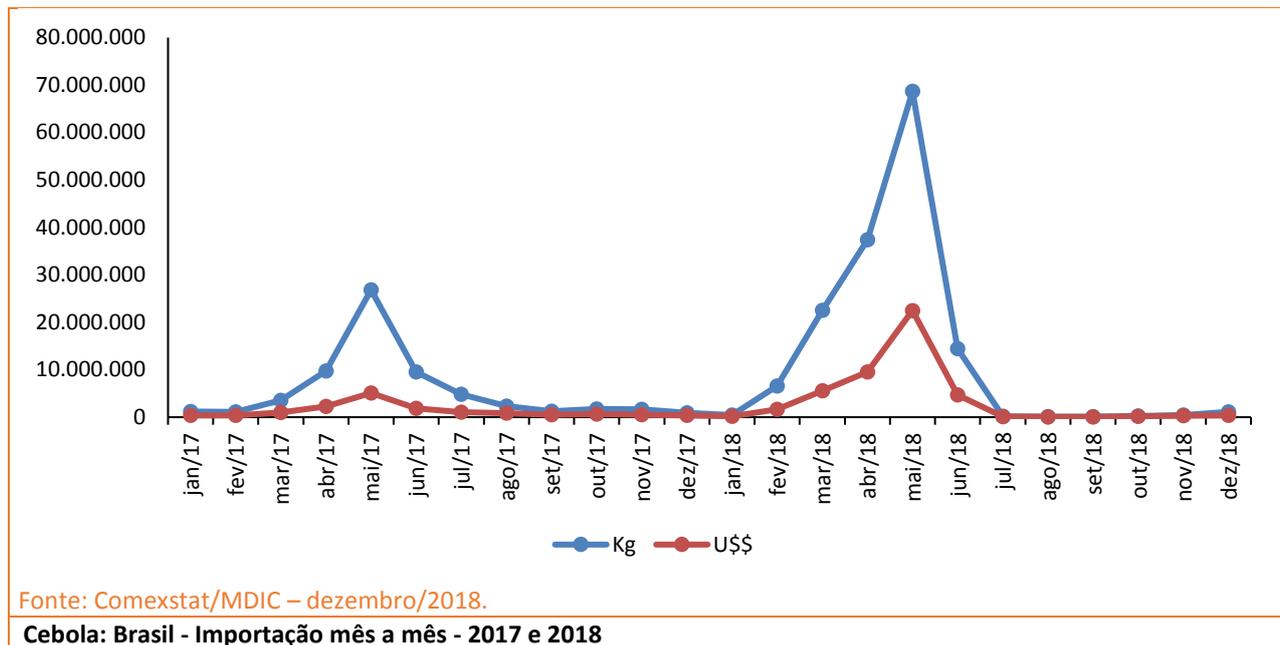
No mercado atacadista da Central de Abastecimento CEASA/SC, unidade de São José (SC), o preço da cebola no mês de dezembro permaneceu entre R\$ 1,68/kg e R\$ 1,75/kg. Na primeira semana de janeiro de 2019 o preço no atacado alcançou R\$ 1,92/kg.

Na CEAGESP, principal central nacional de abastecimento, a cebola nacional média finalizou o mês de dezembro com preço de R\$ 2,77/kg, alcançando R\$ 2,66/kg na primeira semana de janeiro/19.

Quanto a importação, no mês de dezembro o Brasil internalizou 1,13 mil toneladas, contra 442 toneladas no mês de novembro.



Em relação ao comportamento das importações brasileiras de cebola, observa-se que a partir dos meses de maio, junho e julho/18 houve drástica redução nos volumes, o que deve se manter no próximo período.



## Tomate

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

### A produção de tomate no Brasil

Segundo dados do IBGE, a área colhida com a cultura do tomate no Brasil, no período de 2013 a 2017, se manteve estabilizada em pouco acima de 60 mil hectares. A produção total no Brasil, no período, ficou acima de 4,1 milhões de toneladas, com produtividade que atingiu 68,7 toneladas por hectare em 2017. A cultura do tomate, como ocorre em diversas culturas olerícolas, tem sua área de plantio e nível tecnológico utilizado nas lavouras fortemente relacionadas com os resultados econômicos da safra anterior em função da capitalização ou não dos produtores.

Tomate: Brasil- Evolução da área colhida, produção total e rendimento médio			
Ano	Área (ha)	Produção total (t)	Rend. Médio (t/ha)
2013	62.687	4.187.646	66.802
2014	64.363	4.302.777	66.852
2015	63.572	4.187.729	65.874
2016	63.980	4.167.629	65.140
2017	61.534	4.230.150	68.745

Fonte: PAM/IBGE – Acesso em dezembro/18

Em relação ao ranking da produção nacional, conforme dados do IBGE, em 2017 Santa Catarina foi o sétimo estado na produção da hortaliça, sendo Goiás o primeiro estado em produção, seguido por São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraná e Rio de Janeiro.

A principal safra da produção de tomates no Brasil é a de verão, cujo plantio é realizado nos meses de agosto-dezembro nas regiões Sul, Sudeste e Agreste Pernambucano, com colheita a partir de dezembro-janeiro. Na segunda safra, ou safra de inverno, o plantio ocorre de dezembro a abril e a colheita de março a novembro, sendo produzida nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná (Norte), Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A safra do tomate indústria é caracteristicamente produzida na região do Agreste Pernambucano, Goiás, principal estado produtor, Minas Gerais e São Paulo, com semeadura normalmente em janeiro e colheita a partir de abril, estendendo-se até novembro, a depender das épocas de plantio.

As últimas safras de tomate, de forma geral, não foram muito promissoras para os produtores. Nesse sentido, a revista Hf/Brasil/CEPEA cita, em seu anuário estatístico 2018/2019, que:

*A área de tomate encerrou 2018 (safras de inverno, anual e indústria 2018/verão 2018/19), com queda de 11,8% frente à de 2017. A redução se deve, sobretudo, à indústria, que diminuiu sua área em 17,6% devido aos estoques elevados de polpa. Para o tomate de mesa, o maior recuo nos plantios ocorreu na safra de inverno, tanto na primeira parte (-10,7%), por causa dos anos anteriores de baixa capitalização, quanto na segunda (-14%), diante, também, dos baixos preços entre junho e setembro.*

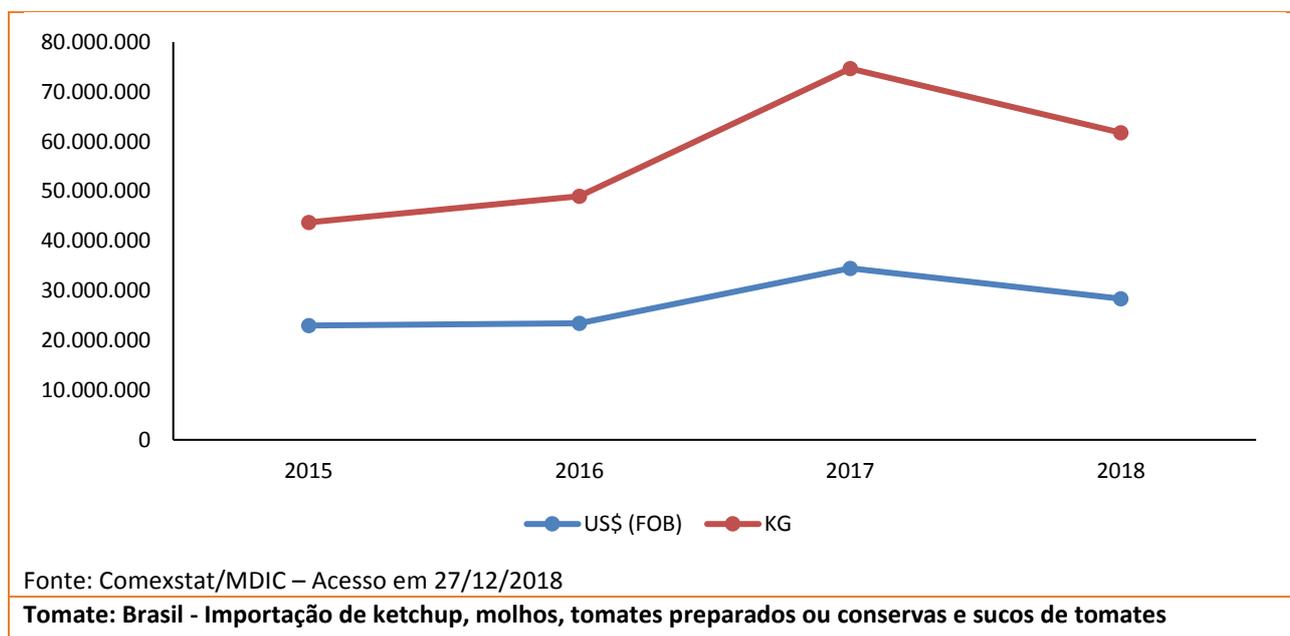
Por consequência, segundo a Hf/Brasil, as estimativas de produção para a safra de verão 2018/19, apresentaram redução de 5,4% na área plantada e para a safra de inverno redução possível de 2,8%. Segundo a

mesma fonte, a indústria, por sua vez, projeta manter a área de cultivo.

### IMPORTAÇÃO DE DERIVADOS DE TOMATE

Em relação às importações, considerada uma série de produtos derivados, como ketchup, molhos, tomates preparados ou conservas e sucos de tomate, de 2015 a novembro de 2018, conforme dados do Comexstat/MDIC, houve significativo incremento. Em volume, a quantidade em 2015 foi de 20,73 mil toneladas, passando para 25,55 em 2016, 40,15 em 2017 e 33,40 em 2018.

Em valores monetários, o país dispendeu, respectivamente, US\$ 22,98 milhões em 2015, US\$ 23,45 milhões em 2016, US\$ 34,46 milhões em 2016, US\$ 43,50 milhões em 2017 e US\$ 28,38 milhões até novembro de 2018.

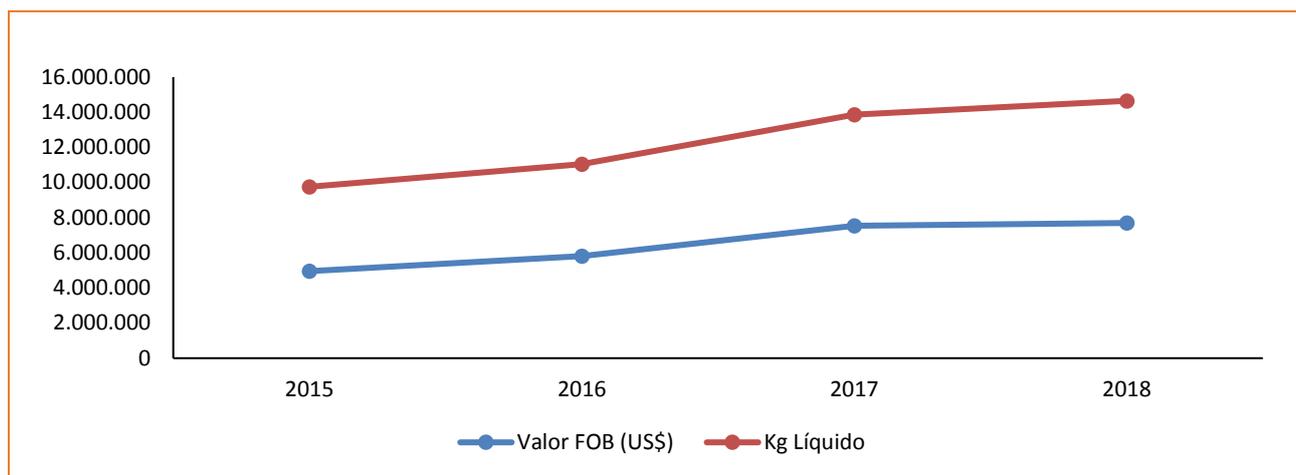


A queda nas importações de 2017 para 2018, como pode ser visto, decorre da alta produção interna e da cotação do dólar. Porém, o ano de 2018, mesmo assim, ficou em valores superiores aos anos de 2015 e 2016.

### EXPORTAÇÃO DERIVADOS DE TOMATE

Embora o Brasil não seja um grande exportador de produtos derivados do tomate, registramos a seguir a evolução das exportações de 2015 a novembro de 2018.

É importante perceber que tanto no volume comercializado quanto nos valores monetários preço (FOB), há um crescimento constante. Nesse sentido, em 2015 o volume exportado foi de 4,8 mil toneladas, alcançando 6,9 mil toneladas em 2018, crescimento de 30,43%. No mesmo período, as importações cresceram 37,93%, ritmo um pouco maior, porém com queda em 2018.



Fonte: comexstat/MDIC- Acesso 27 de dezembro/18

Tomate: Brasil - Exportação de ketchup, molhos, tomates preparados ou conservas e sucos de tomates

### A Produção de Tomate em Santa Catarina

A produção de tomates em Santa Catarina apresenta redução de área plantada: -4,23% da safra 15/16 para a safra 16/17 e de -7,82% da safra 16/17 para a safra de 17/18, situação que não difere muito do que ocorreu no país.

Tomate: Santa Catarina – comparativo de safra por microrregiões, 2015/16, 2016/17 e 2017/18									
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17			Safra 2017/18		
	Área (ha)	Rend (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Rend (t)	Produção (t)	Área (ha)	Rend. (t/ha)	Produção (t)
Blumenau	39	32.307	1.260	35	39.143	1.370	36	38.888	1.400
Camp. Lages	374	74.197	27.750	377	74.244	27.990	407	73.857	30.060
Canoinhas	236	61.758	14.575	114	72.543	8.270	120	55.833	6.700
Criciúma	31	47.419	1.470	29	49.137	1.425	35	51.285	1.795
Curitibanos	23	53.469	1.229	28	75.428	2.112	23	75.086	1.727
Florianópolis	163	52.509	8.559	101	57.376	5.795	148	60.675	8.980
Ituporanga	36	39.861	1.435	45	52.666	2.370	46	52.065	2.395
Joaçaba	1.389	64.664	89.818	1.393	70.485	98.186	1.133	70.413	79.778
Rio do Sul	24	40.958	983	32	51.562	1.650	24	53.750	1.290
Tabuleiro	280	41.564	11.638	260	64.576	16.790	242	67.561	46.350
Tijucas	80	27.000	2.160	90	70.000	6.300	90	70.000	6.300
Tubarão	89	55.247	4.917	143	50.846	7.271	136	48.198	6.555
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.764</b>	<b>59.983</b>	<b>165.795</b>	<b>2.647</b>	<b>67.823</b>	<b>179.529</b>	<b>2.440</b>	<b>66.938</b>	<b>163.330</b>

Fonte: Epagri/Cepa

A microrregião de Joaçaba respondeu por 46,43% da área plantada no estado na safra 2017/18, seguida pelas microrregiões Campos de Lages, Tabuleiro e Florianópolis, que foram responsáveis por 32,66% da área plantada em Santa Catarina.

Em termos de produtividade, Santa Catarina tem um desempenho semelhante à média nacional, visto que o cultivo da hortalíça é bastante afetado pelas condições climáticas. Com relação à produção total, o estado catarinense responde por menos de 4% da produção nacional.

### Conjuntura de Mercado

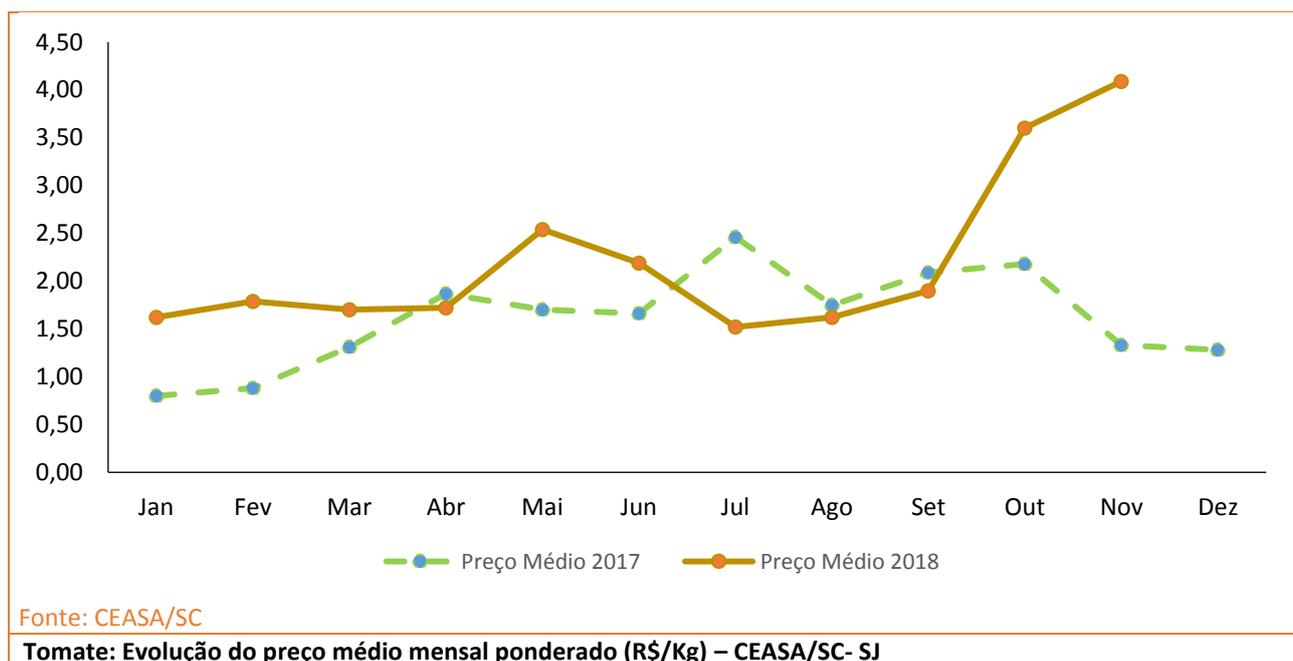
No segundo semestre de 2018, apesar da redução de área na safra de inverno em 10,4% em Santa Catarina em relação à safra de 2017, a produtividade foi incrementada em 9%, compensando a perda de área, de modo que a produção fosse muito próxima da safra anterior. Com isso, houve grande oferta de tomate nos meses de junho a setembro, refletindo na queda de preços, como pode ser visto no gráfico abaixo, sobre a comercialização da hortaliça na CEASA/SC – Unidade de São José - SC.

Por outro lado, mesmo em uma conjuntura de mercado em que, no geral, o retorno aos produtores não foi bom, houve disparidades em termos de resultados, a depender do período que a produção de cada região foi colocada no mercado. Quem teve a colheita realizada no pico da safra, teve prejuízos, a exemplo da região de São José do Ubá (RJ). No entanto, quem conseguiu comercializar a produção no início da colheita ou mais para o final, teve bons resultados com a safra, como em Sumaré (SP).

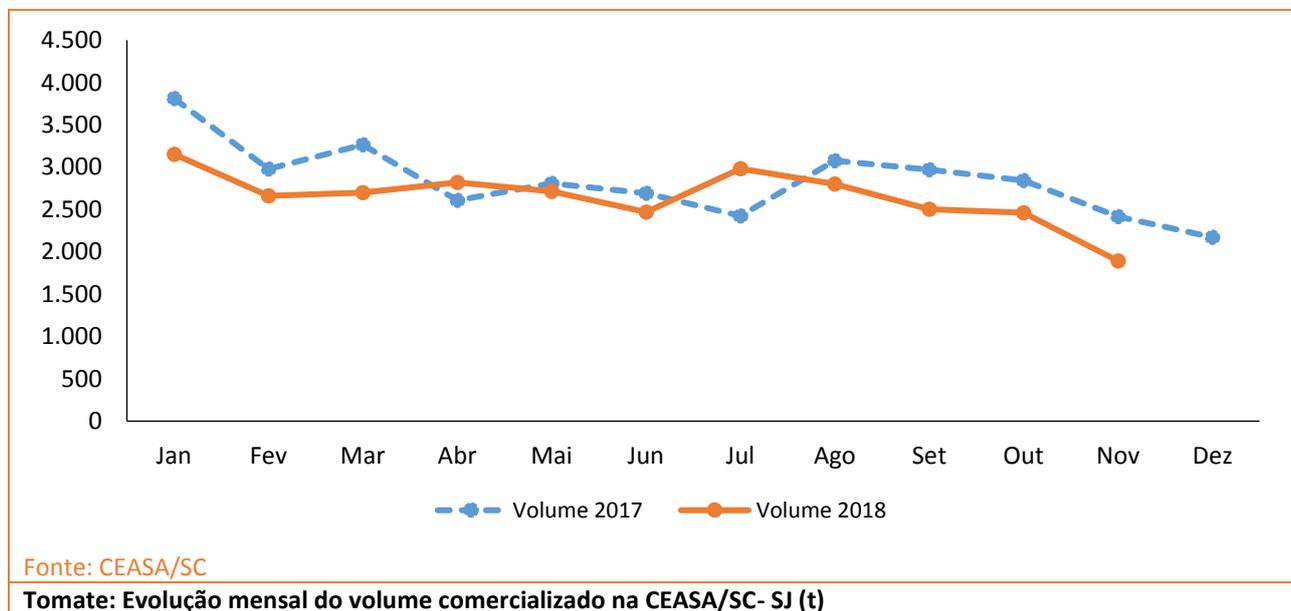
A partir do mês de setembro de 2018, os preços da hortaliça foram alcançando patamares melhores, ficando, inclusive, acima do custo de produção. Desta forma, a expectativa é de que para as safras de 2019 os reflexos sejam positivos em termos de recuperação de área plantada e nível de tecnologia das lavouras.

A estratégia da indústria, em 2018, foi retardar o plantio do tomate indústria em função dos elevados estoques de polpa, devido à alta produtividade de 2017 (Hf/Brasil). Nesse sentido, o transplante de mudas no estado de São Paulo e Minas Gerais ocorreu somente em março, e não em janeiro, conforme tradicionalmente ocorre. Porém, a produtividade da safra foi excepcional em 2018, acarretando em grande volume de produção e, por consequência, a manutenção de significativos volumes de polpa que adentrarão o ano de 2019.

No mercado atacadista de Santa Catarina, na Unidade da CEASA/SC de São José, o preço médio do tomate em 2018 (até novembro) teve um comportamento geral com valores mais elevados que no ano de 2017. A principal reação ocorreu a partir do mês de agosto/18, como reflexos da conjuntura nacional e anterior à entrada da safra catarinense. Como pode ser visto, a hortaliça atingiu seu maior preço nos dois anos em referência, no mês de novembro de 2018, com R\$ 4,09/kg, assim recuperando as margens aos produtores.



No segundo semestre de 2018 o volume comercializado caiu em relação ao mesmo período do ano anterior, possivelmente tendo como causa a reação do consumidor à abrupta elevação de preço, especialmente a partir de mês de agosto.



Com a safra catarinense entrando forte no mercado a partir de dezembro, o preço da hortaliça teve oscilação importante, fechando o ano a R\$ 1,52/kg, no atacado.

## Pecuária

### Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br)

Depois da “crise do milho”, em 2016, e da Operação Carne Fraca, em 2017, esperava-se que 2018 fosse um ano sem sobressaltos para o setor de carnes, perspectiva corroborada pela estabilização nos preços do milho no segundo semestre do ano anterior.

Contudo, no início de março de 2018 a Polícia Federal deflagrou a Operação Trapaça, um desdobramento da Operação Carne Fraca, que interditou provisoriamente algumas unidades agroindustriais em razão de suspeitas de adulteração de exames laboratoriais. Como consequência, na segunda quinzena de abril a União Europeia anunciou a proibição de importação de carne de 20 frigoríficos brasileiros. Em Santa Catarina, 3 unidades da BRF figuraram nessa lista: Capinzal, Chapecó e Concórdia.

Em maio, novo abalo para o setor: a paralisação no transporte de cargas, que iniciou no dia 21 e se estendeu até o final do mês. As cadeias de produção animal foram severamente afetadas, obrigando a interrupção dos abates na quase totalidade dos frigoríficos do país, dificultando, inclusive, o fornecimento de ração para alimentação dos animais alojados nas propriedades. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), 167 plantas frigoríficas de aves e suínos suspenderam as operações durante o período da paralisação. De acordo com balanço preliminar divulgado pela ABPA na ocasião, os prejuízos poderiam chegar a R\$ 3 bilhões, relacionados principalmente à perdas de comercialização no mercado interno, animais mortos, custos logísticos, perdas de contratos na exportação, dentre outros.

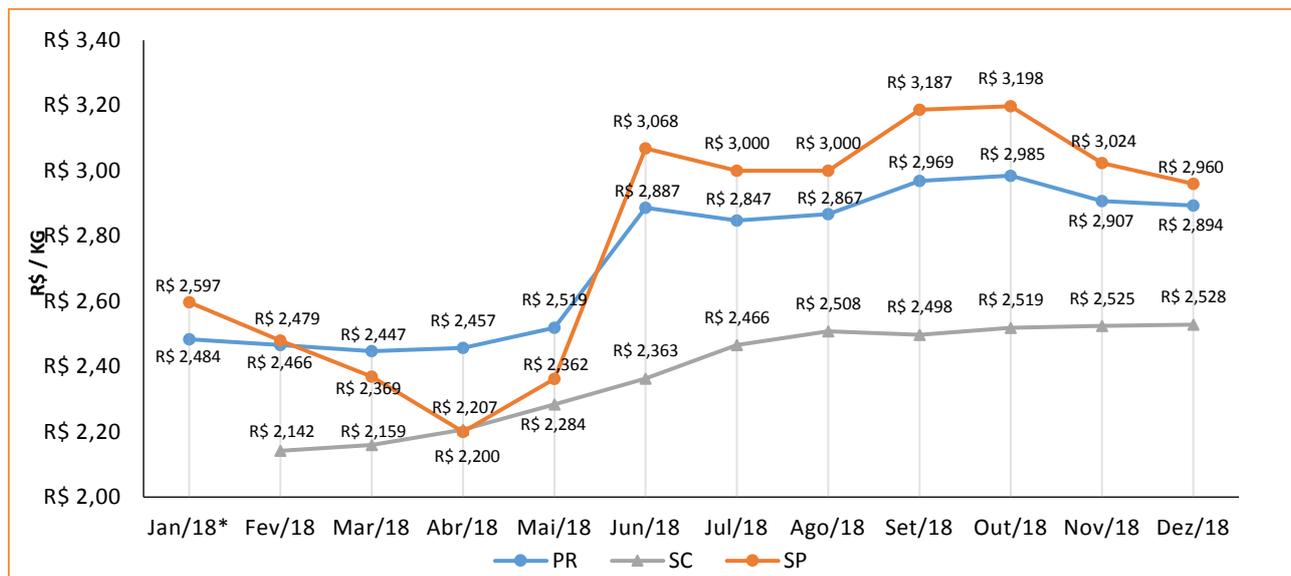
Não bastassem as dificuldades causadas pelos eventos anteriores, no início de junho a China anunciou restrições à importação de carne de frango brasileira, com a adoção de tarifas *antidumping*. Na prática, isso significava a imposição de taxas adicionais à carne brasileira, em percentuais que variavam entre 18,8% e 38,4%. A medida chinesa reduziu a competitividade da carne brasileira naquele mercado e poderia resultar em diminuição da quantidade exportada para a China.

Além dos problemas no mercado externo, no âmbito interno a crise econômica provocou queda na demanda por carne de frango, a mais barata das proteínas de origem animal. Segundo relatório divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), os dados do primeiro semestre de 2018 apontam para uma redução da disponibilidade per capita de carne de frango, de 45,2kg em 2017 para 44,4kg em 2018.

Com restrições nas exportações e a demanda interna em baixa, o primeiro semestre de 2018 foi marcado pela predominância de movimentos de queda ou estagnação do preços ao produtor na maioria dos estados. Contudo, a partir do segundo semestre observa-se recuperação nos preços, impulsionada principalmente pelo aumento nas exportações, como veremos adiante.

Em relação aos preços praticados em janeiro, os valores de dezembro de 2018 apresentavam variação positiva de 13,96% em São Paulo e de 16,51% no Paraná. Já em Santa Catarina, na comparação com fevereiro (já que não há dados disponíveis para o mês de janeiro), o preço médio de dezembro era 18,05% superior. É preciso considerar que no Paraná e em São Paulo os maiores valores foram atingidos em outubro, com posteriores quedas.

A inflação acumulada em 2018 foi de 3,75%, segundo o IPCA/IBGE.



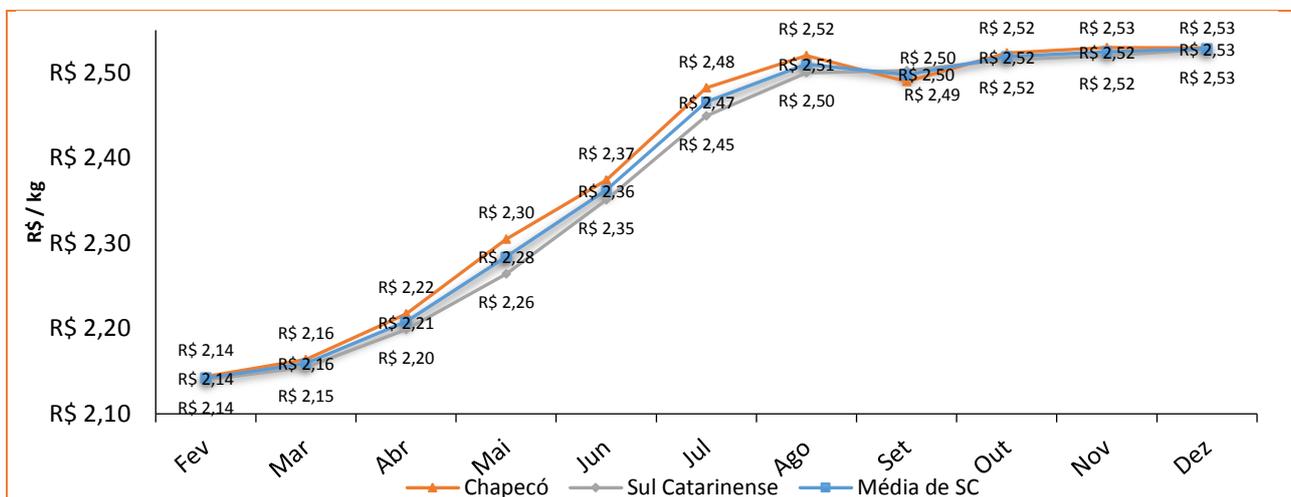
(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo: Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal pago aos avicultores – 2018**

Em Santa Catarina, os preços do frango vivo apresentaram o mesmo padrão de variação nas duas regiões de coleta, Chapecó e Sul Catarinense. Como é possível perceber no gráfico abaixo, com exceção de setembro o restante do ano foi caracterizado pelo predomínio dos movimentos de alta.



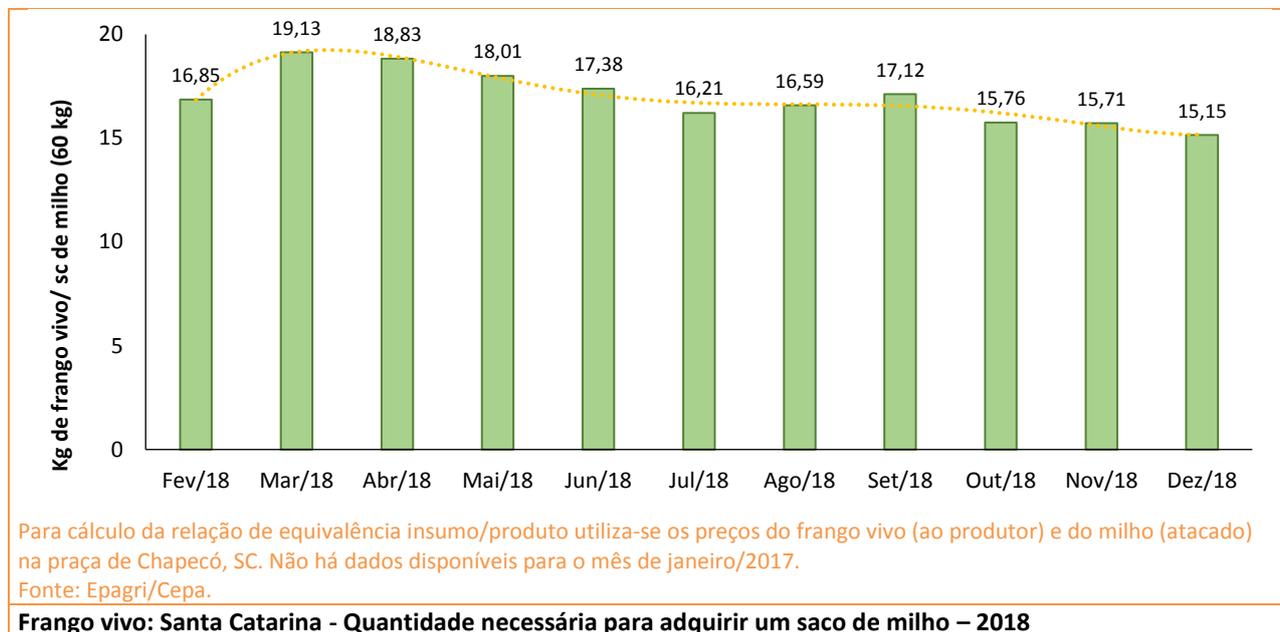
(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango vivo: Santa Catarina – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> pago aos avicultores de duas regiões e média estadual – 2018**

A equivalência insumo/produto, índice utilizado para avaliar a relação entre os preços do produto e do principal insumo (no presente caso, calcula-se a quantidade de frango vivo necessário para adquirir um saco de milho), começou o ano com alta bastante significativa. O valor de março era 15,29% superior àquele registrado em dezembro de 2017, principalmente em função do preço do milho, que variou 17,81% nesse período. Depois disso, o índice registrou várias quedas consecutivas, decorrentes tanto das reduções

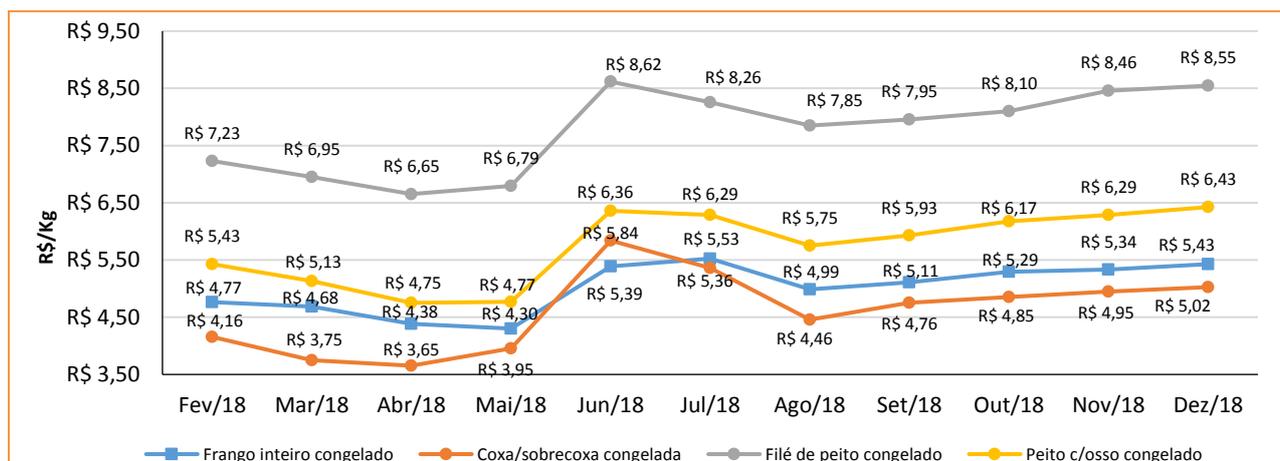
no preço do milho quanto dos sucessivos aumentos no preço do frango vivo. Dessa forma, em dezembro de 2018 a relação de equivalência apresentava valor 10,08% abaixo daquele observado em fevereiro do mesmo ano.



Apesar da queda na relação de equivalência, os custos de produção apresentaram alta durante o ano passado. O Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa, registrou elevação de 14,21% em 2018. Grande parte disso é devido aumento dos custos com alimentação (11,65%) e pintos de 1 dia (2,18%).

Nos primeiros meses de 2018 registraram-se quedas nos preços de atacado da carne de frango, principalmente em função da baixa demanda e excesso de oferta. Com a paralisação de caminhoneiros e empresas de transporte, em maio de 2018, grande parte dos pontos de venda ficaram com estoques reduzidos, o que, aliado à interrupção dos abates, provocou a elevação nos preços da carne de frango. A situação somente se normalizou depois de algumas semanas, o que levou a quedas em julho e, principalmente, em agosto, como é possível visualizar no gráfico a seguir. Contudo, os preços não retornaram aos patamares anteriores à paralisação, o que pode ser explicado pela recuperação parcial nas exportações ao longo do segundo semestre, como veremos adiante, e pelo aumento nos custos de produção acumulados nos meses anteriores.

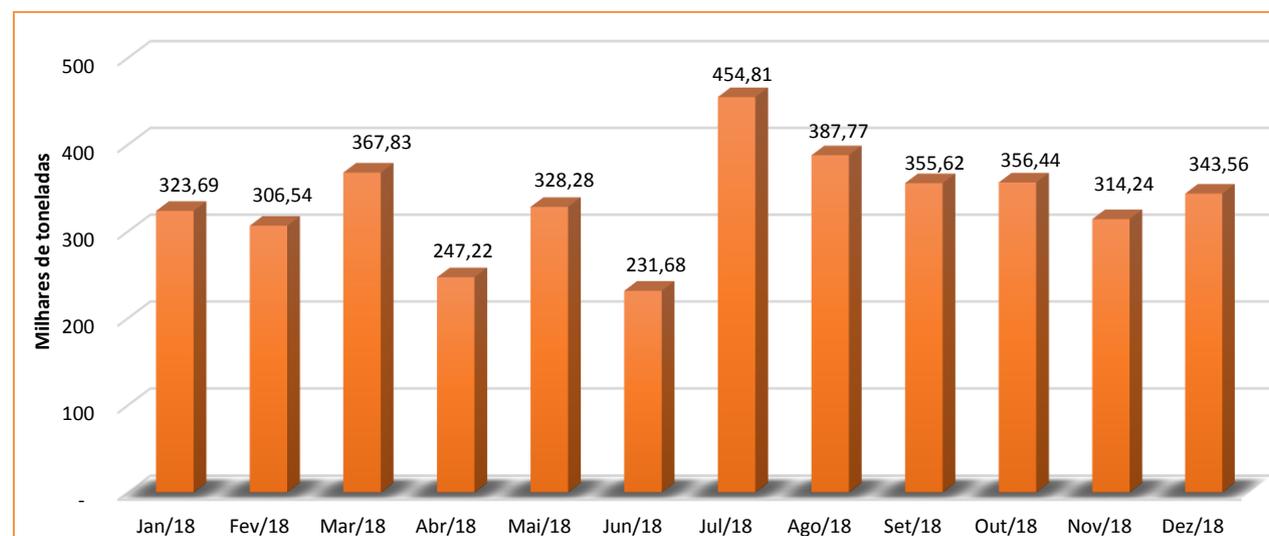
Assim, todos os quatro cortes cujo preço de atacado é acompanhado pela Epagri/Cepa registraram variação positiva entre fevereiro e dezembro de 2018: 20,86% para coxa/sobrecoxa congelada, 18,40% para o peito com osso congelado, 18,24% para o filé de peito congelado e 13,90% para o frango inteiro congelado.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Carne de frango: Santa Catarina: – Atacado – Preço médio mensal estadual – 2018**

As exportações brasileiras de carne de frango tiveram um desempenho aquém do esperado. Em 2018, foram embarcadas **4,02 milhões de toneladas**, volume **5,05% menor** que no ano anterior. Em termos de valor, a queda foi ainda mais significativa: **US\$ 6,41 bilhões**, **-10,13%** na comparação com 2017. Esses resultados refletem os embargos e restrições impostos por alguns mercados, conforme já mencionado no início deste artigo. Durante o segundo semestre registrou-se recuperação parcial das vendas externas, o que mitigou a queda das exportações.

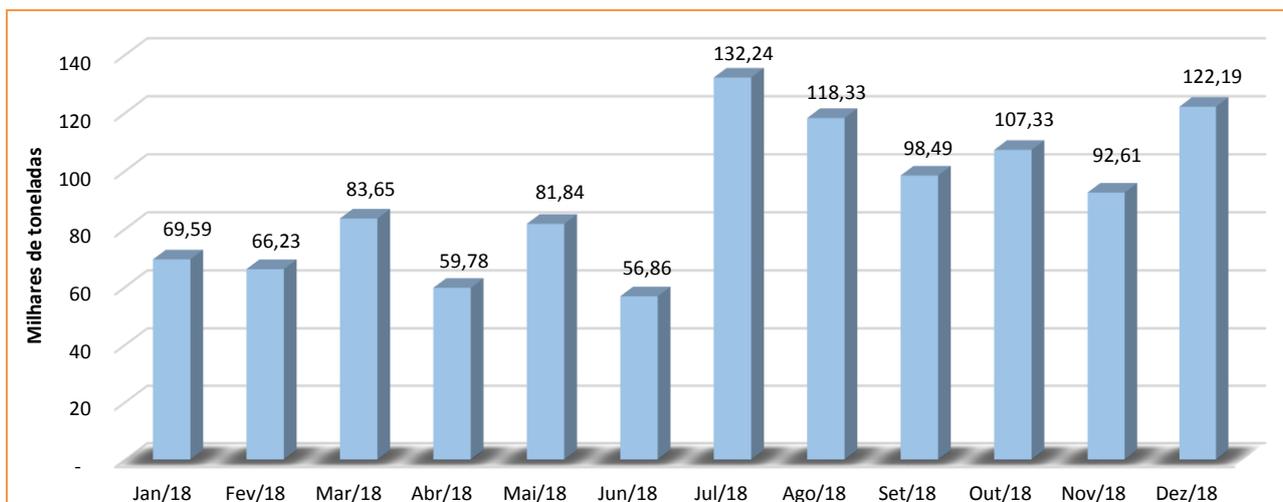


Fonte: MDIC/Comex Stat.

**Carne de frango: Brasil - Exportações – Quantidade – 2018**

Os cinco principais destinos externos da carne de frango brasileira no ano passado foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Países Baixos, que responderam por 52,64% das receitas do país com o produto.

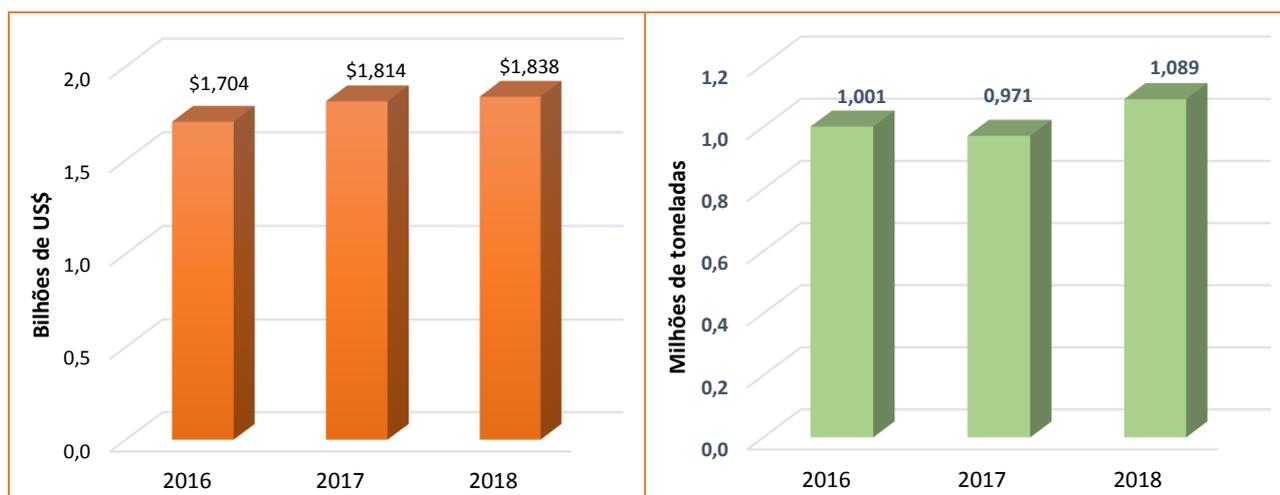
Diferentemente do cenário nacional, os embarques de carne de frango de Santa Catarina apresentaram resultados positivos em 2018. Foram embarcadas **1,09 milhão** de toneladas, **12,16% acima** do que foi registrado em 2017. Esse é o maior volume de carne de frango já embarcado por Santa Catarina. As receitas foram de **US\$ 1,84 bilhão**, **aumento de 1,35%** em relação ao ano anterior.



Fonte: MDIC/Comex Stat.

#### Carne de frango: Santa Catarina - Exportações – Quantidade – 2018

O estado respondeu por **28,67%** do valor das exportações brasileiras de carne de frango em 2018. No ano anterior, a participação catarinense foi de 25,42%.



Fonte: MDIC/Comex Stat.

#### Carne de frango: Santa Catarina - Exportações – Valor e quantidade – 2016/2018

Em 2018, Santa Catarina exportou carne de frango para 135 países (em 2017 foram 121). Os cinco principais destinos foram responsáveis por 49,28% do valor das exportações do estado.

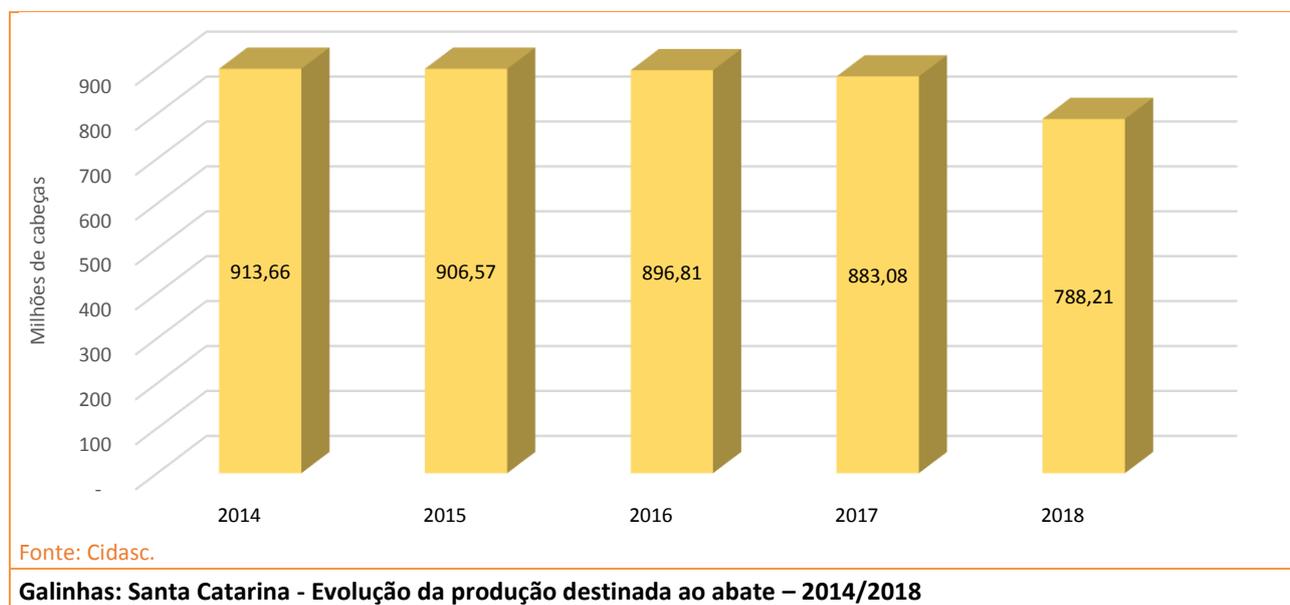
#### Carne de frango: Santa Catarina - Principais destinos das exportações – 2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	288.350.045,00	160.718
China	187.378.878,00	110.920
Arábia Saudita	183.429.671,00	113.764
Países Baixos (Holanda)	144.990.939,00	52.433
Emirados Árabes Unidos	132.154.122,00	76.822
Demais países	902.073.926,00	574.461
<b>Total</b>	<b>1.838.377.581,00</b>	<b>1.089.118</b>

Fonte: MDIC/Comex Stat.

### Produção catarinense em 2018

Conforme dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2018 foram produzidas no estado **788,21** milhões de galinhas. Aí estão inclusas todas as categorias de galinhas que foram destinadas ao abate em estabelecimentos inspecionados, desde aquelas cuja finalidade principal era o abate (frangos de corte), até as aves que têm outras finalidades intermediárias (postura, reprodução, etc.) e ao término de seu ciclo produtivo são abatidas. Cerca de 98% das aves produzidas em Santa Catarina foram abatidas no próprio estado, sendo o restante destinado ao abate em outros estados, em especial Rio Grande do Sul e Paraná. Esse montante representa uma **queda de 10,74%** em relação ao total de aves produzidas no ano anterior. Esse foi o quarto ano consecutivo de queda na produção estadual de frangos.



Essa queda expressiva deve-se a diversos fatores, dentre os quais se destacam alguns já mencionados no início deste artigo, como o descredenciamento, por parte da União Europeia, de 3 unidades de abate da BRF instaladas no estado (Capinzal, Concórdia e Chapecó), a paralisação do setor de transportes em maio e a redução da demanda interna em função da crise econômica que afeta o país.

A unidade de Chapecó suspendeu os abates de aves por cerca de 5 meses, inicialmente concedendo férias coletivas e, na sequência, adotando o mecanismo conhecido como “lay off”, que consiste na suspensão dos contratos de trabalho por período determinado, mas com recebimento de remuneração por parte dos trabalhadores. Para que se tenha ideia do impacto dessa medida, a unidade de Chapecó abatia aproximadamente 220 mil frangos por dia. No final de novembro, a empresa anunciou o retorno gradativo dos abates a partir de dezembro.

Outras unidades da empresa também concederam férias coletivas aos seus trabalhadores durante o ano passado, como é o caso da BRF de Capinzal e de Concórdia, além das unidades de Abelardo Luz e de Quilombo da Aurora Alimentos.

### Perspectivas para 2019

Depois de inúmeros entraves e desafios em 2018, espera-se que 2019 seja um ano de recuperação para o setor de carne de frango. Segundo avaliação divulgada pelo Centro de Estudos Avançados em Economia

Aplicada (Cepea), as perspectivas positivas baseiam-se na estimativa de aumento da safra de grãos, o que reduz os custos de produção, além da projeção de ampliação da demanda interna e externa. Caso se confirme a projeção do Banco Central de crescimento do PIB superior a 2,5%, os efeitos devem se fazer sentir no consumo de proteínas de origem animal, dentre elas a carne de frango.

Em relação ao mercado externo, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima um crescimento de 2,4% nas exportações brasileiras em 2019. O recente credenciamento de novas unidades de abate para exportação de frango para o México reforça essa perspectiva.

Em recente relatório, analistas do Rabobank também apostam na recuperação das exportações de carne de frango em 2019, as quais devem se aproximar do nível registrado em 2017. A China e a Arábia Saudita devem continuar sendo os principais destinos do frango brasileiro, aponta o relatório. Aliás, os recentes casos de peste suína africana detectados na China podem contribuir para o aumento da demanda de carne de frango por parte daquele país, na medida que muitos consumidores poderão substituir o suíno pelo frango. O relatório do Rabobank aponta, ainda, perspectiva de aumento de 3% na produção de carne de frango do país, impulsionada tanto pelas exportações quanto pela demanda doméstica. Contudo, a instituição alerta para algumas incertezas, relacionadas principalmente ao comportamento do câmbio e das cotações internacionais do milho, que podem influenciar o mercado local do grão e, com isso, provocar alterações no custo de produção da avicultura.

Após um ano particularmente ruim em 2018, espera-se que em 2019 Santa Catarina recupere espaço no cenário nacional de produção de frangos. Depois das férias coletivas e interrupções nos abates, a maioria das unidades retornou à normalidade, o que sinaliza prováveis aumentos no volume de produção neste ano, caso não ocorra nenhuma excepcionalidade. Contudo, o retorno aos patamares anteriores à crise do ano passado depende, dentre outras coisas, do restabelecimento das exportações para a União Europeia ou a construção de novos canais de escoamento da produção.

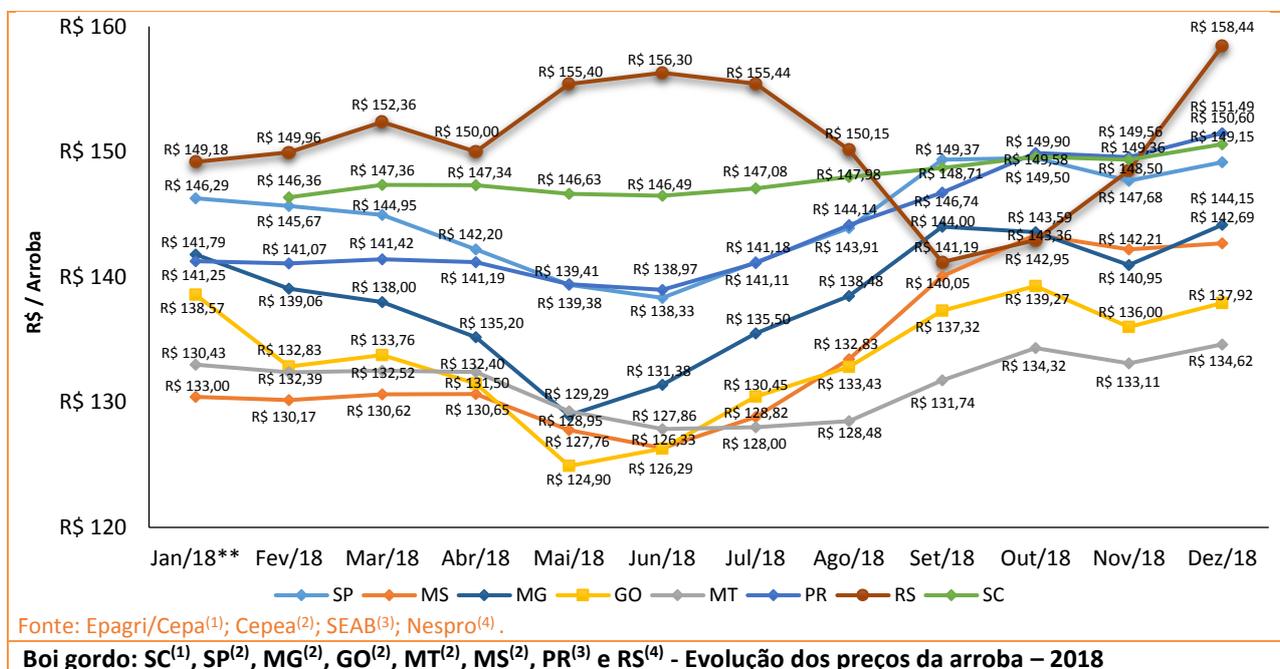
## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

No primeiro semestre de 2018, predominaram os movimentos de queda nos preços do boi gordo, como fica evidenciado no gráfico apresentado abaixo. Esse cenário é decorrente, principalmente, da maior oferta de animais prontos para o abate nesse período, sendo, ainda, influenciado pela demanda que segue restrita em consequência da crise econômica. Outro fator que também contribuiu para isso foi a suspensão das compras de carne bovina brasileira por parte da Rússia, ainda no final de 2017.

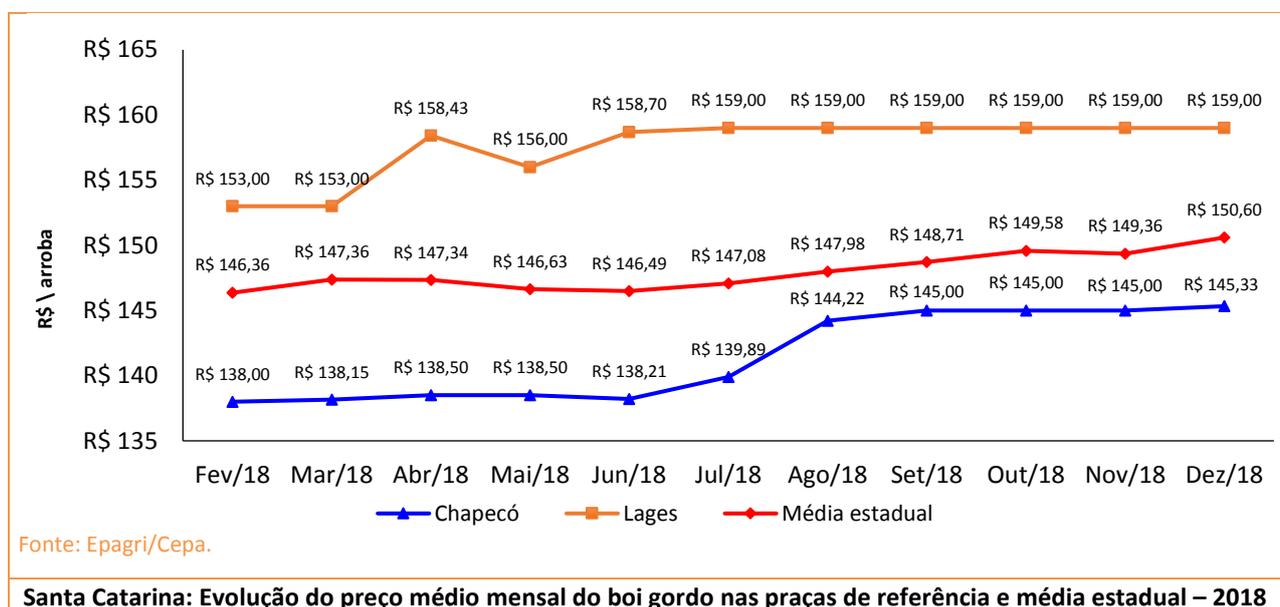
Contudo, a partir de julho de 2018 percebe-se uma gradativa elevação no valor da arroba do boi gordo em todos os estados analisados. Apesar de algumas oscilações posteriores, essa foi a tendência que marcou o segundo semestre. Mais uma vez, esse processo foi em grande parte influenciado por fatores climáticos (menor disponibilidade de pastagens nesse período e, conseqüentemente, redução da oferta de animais para abate), além do crescimento das exportações, como veremos adiante, e do aumento da demanda nos últimos meses do ano.

Na comparação entre os preços de dezembro de 2018 e aqueles praticados em janeiro do mesmo ano, a maioria dos estados analisados no presente boletim apresentou variação positiva: Mato Grosso do Sul (9,40%), Paraná (7,25%), Rio Grande do Sul (6,21%), Santa Catarina (2,89% em relação a fevereiro, pois não há dados disponíveis para o mês de janeiro), São Paulo (1,96%), Minas Gerais (1,67%) e Mato Grosso (1,21%). O único estado em que se observou variação negativa foi Goiás, com -0,47%. Os percentuais anteriormente mencionados levam em consideração os valores nominais, ou seja, não contabilizam as perdas inflacionárias. A inflação acumulada em 2018 foi de 3,75%, segundo o IPCA/IBGE.



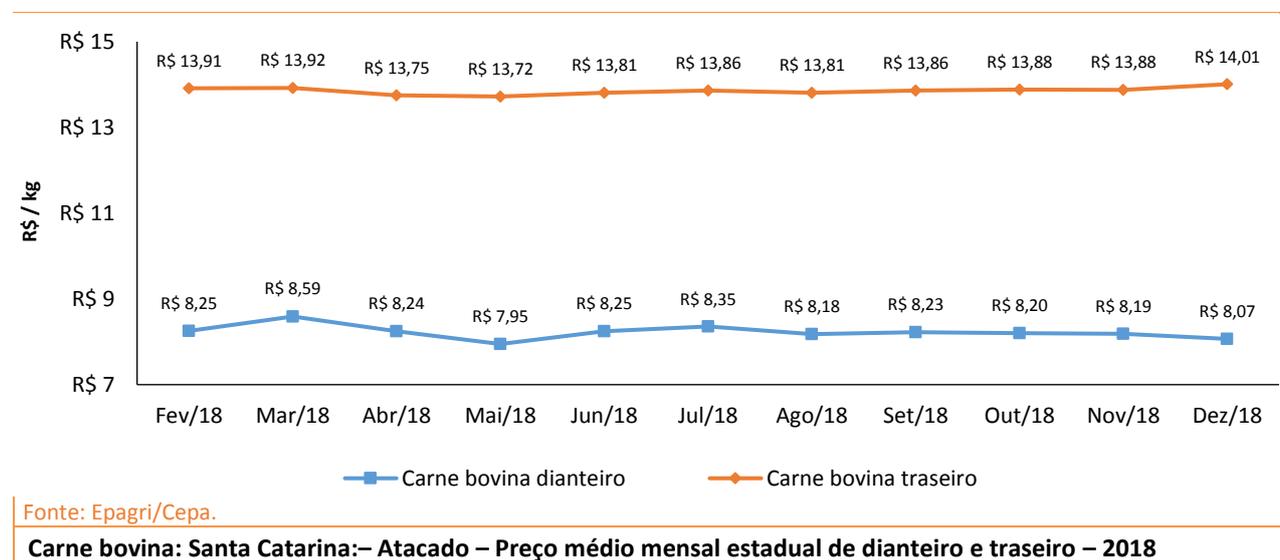
Em Santa Catarina, os preços do boi gordo se mostraram mais estáveis que nos demais estados, com oscilações menos drásticas ao longo do ano. Ainda assim, é possível perceber uma leve tendência de alta, especialmente na média estadual. Na comparação entre os preços de dezembro de 2018 e aqueles praticados em fevereiro do mesmo ano, há variação positiva nas duas praças de referência: 5,31% em

Chapecó e 3,92% em Lages. A média estadual, elaborada a partir dos preços de nove (09) praças de coleta, também apresenta variação positiva, mas menor que nas praças de referência: 2,89%.



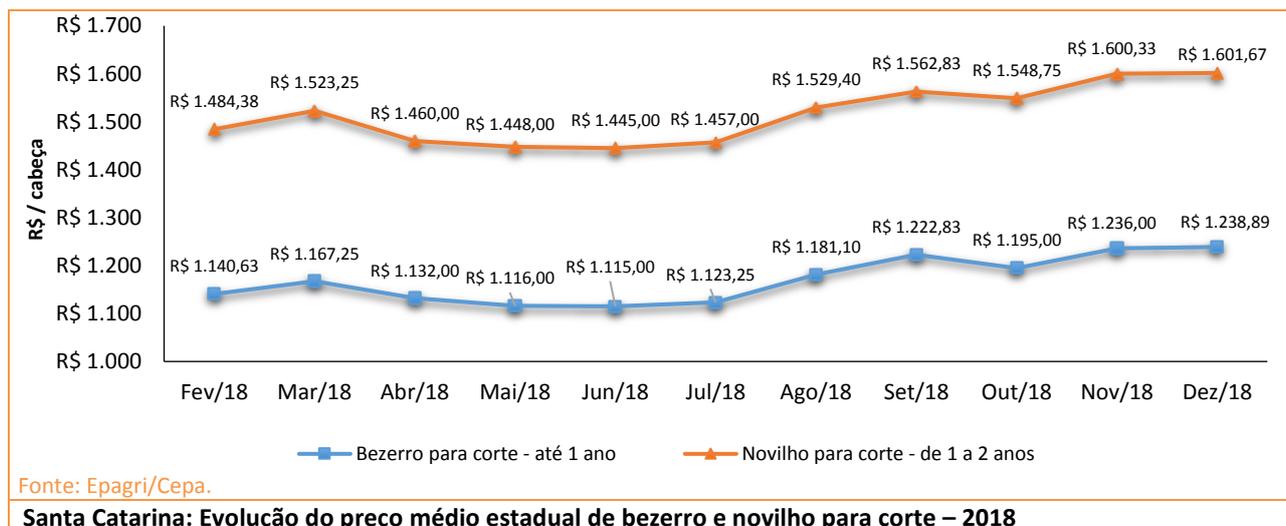
**Santa Catarina: Evolução do preço médio mensal do boi gordo nas praças de referência e média estadual – 2018**

Os preços de atacado da carne bovina mantiveram-se relativamente estáveis em Santa Catarina ao longo de todo o ano de 2018, com oscilações pontuais e pouco expressivas, conforme demonstram os dados da Epagri/Cepa. Na comparação entre dezembro e fevereiro, a carne de traseiro registrou pequena alta de 0,69%. Já na carne de dianteiro, observou-se queda de 2,20% no mesmo período.



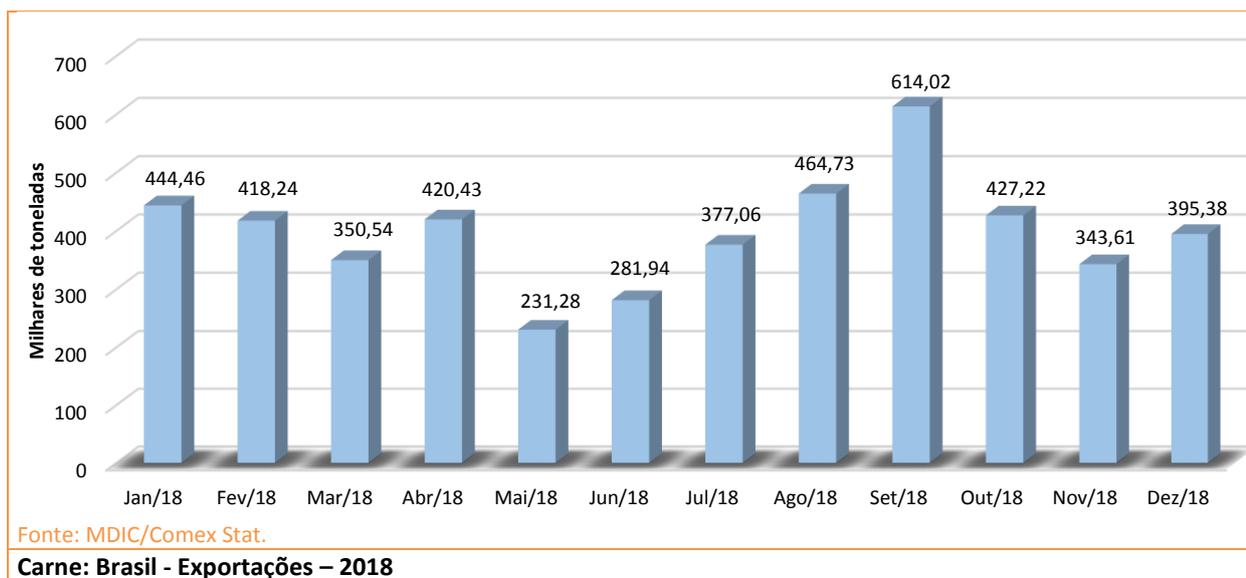
**Carne bovina: Santa Catarina:– Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro – 2018**

O mercado dos animais de reposição apresentou duas fases distintas no ano passado: predomínio de movimentos de queda nos preços durante o primeiro semestre e tendência de alta no segundo. Esse comportamento está relacionado, principalmente, à disponibilidade de pastagens para engorda, mas pode, também, ter sido influenciado pela melhoria nos preços do boi gordo ao longo do ano, o que amplia a demanda por animais jovens. Em relação à fevereiro de 2018, os preços médios estaduais de dezembro apresentaram altas de 8,61% para os bezerros de até 1 ano e de 7,90% para os novilhos de 1 a 2 anos.



Apesar do anúncio da suspensão de importações de carne bovina brasileira pela Rússia a partir de dezembro de 2017, as expectativas do setor para o ano de 2018 continuavam bastante positivas. Para compensar a ausência da Rússia, que respondia por cerca de 10% das exportações de carne bovina brasileira, foi necessário buscar novos mercados e ampliar os volumes exportados para os destinos tradicionais.

Com isso, o Brasil conseguiu atingir excelentes resultados: foram exportadas **1,64 milhão** de toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), **aumento de 11,10%** em relação ao volume do ano anterior, estabelecendo um novo recorde histórico e consolidando a posição do país como principal exportador mundial desse produto. Esse crescimento foi superior à estimativa apresentada pela Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) no início do ano, que era de 10%. As receitas também tiveram resultado positivo: **US\$ 6,55 bilhões**, incremento de **7,85%** em relação à 2017.



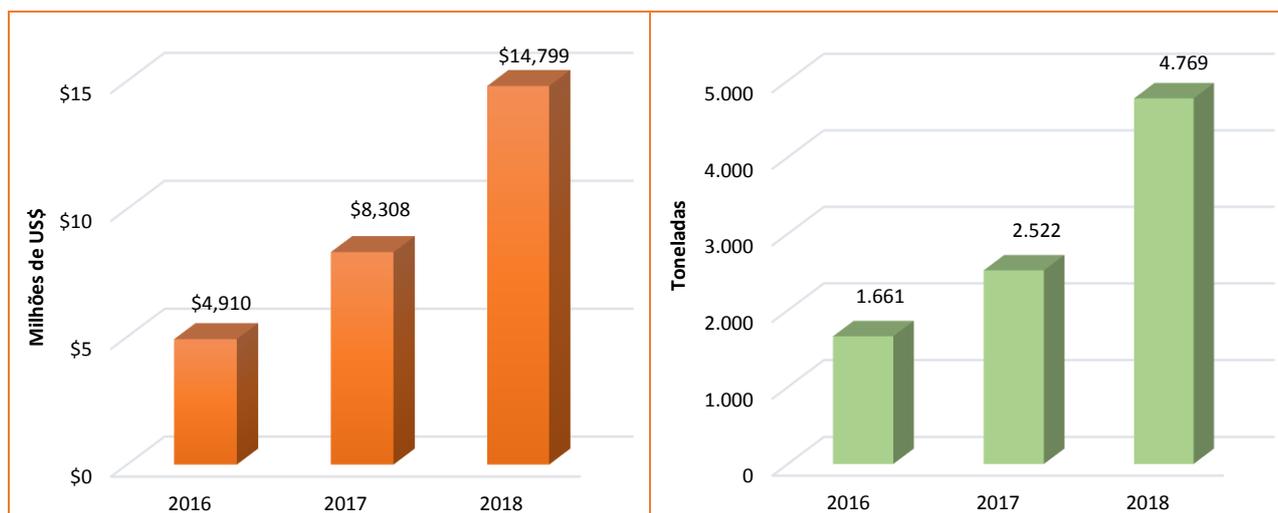
O pior resultado mensal foi registrado em maio, resultante da paralisação do setor de transportes ocorrida naquele mês. Um dos principais responsáveis pelos bons resultados do ano passado foi o mercado chinês, que ampliou suas aquisições em **52,54%** em quantidade e **60,04%** em valor. A carne bovina brasileira foi exportada para 153 países em 2018. Os cinco principais compradores

responderam por 64,87% das receitas geradas no período.

Carne bovina: Brasil - Principais destinos das exportações – 2018		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	1.487.115.300,00	322.415
Hong Kong	1.437.345.061,00	394.855
Egito	526.164.800,00	180.812
Chile	467.561.494,00	114.945
Irã	328.220.597,00	84.045
Demais países	2.299.392.580,00	543.924
<b>Total</b>	<b>6.545.799.832,00</b>	<b>1.640.996</b>

Fonte: MDIC/Comex Stat.

Embora Santa Catarina não seja um grande exportador de carne bovina, em 2018 o estado ampliou significativamente os embarques desse produto. Foram exportadas **4,77 mil toneladas** de carne bovina, com receitas de **US\$ 14,80 milhões**. Em relação ao ano anterior, esses números representam incrementos de **89,06%** em quantidade e **78,13%** em valor. Santa Catarina exportou carne bovina para 28 países, tendo Hong Kong como o principal destino, que respondeu por 68,73% das receitas.

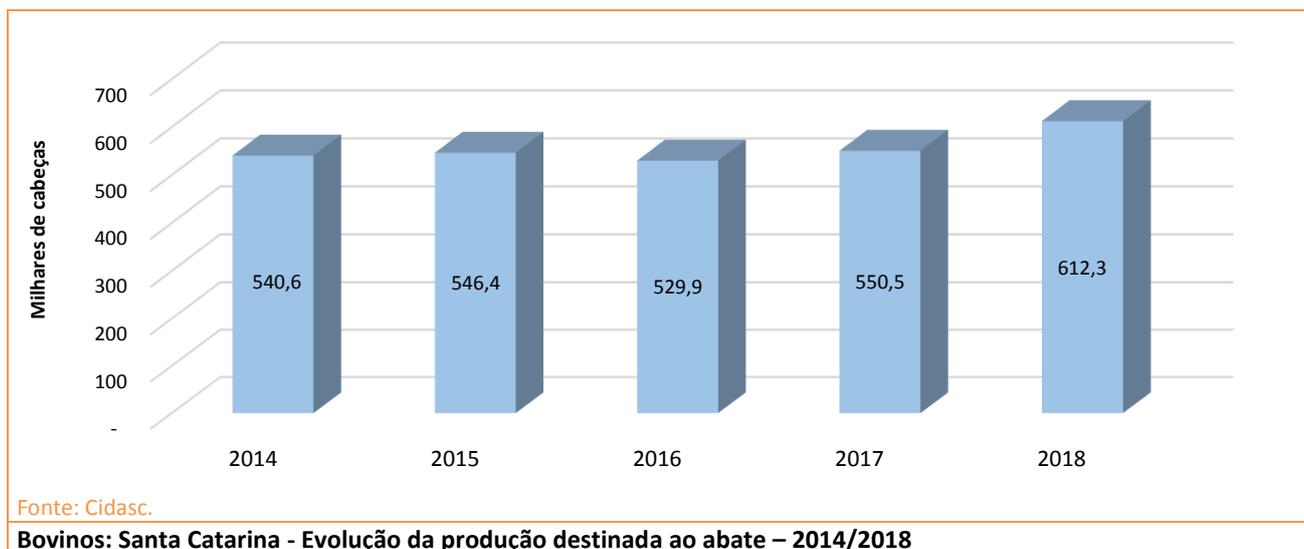


Fonte: MDIC/Comex Stat.

**Carne bovina: Santa Catarina - Exportações – Valor e quantidade – 2016/2018**

### Produção catarinense em 2018

Conforme apontam os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2018 Santa Catarina registrou crescimento expressivo na produção de bovinos. Foram produzidos e destinados ao abate **612,4 mil bovinos**, aumento de **11,22%** em relação ao ano anterior. Com esse resultado, Santa Catarina mantém a trajetória de aumento na produção de carne bovina observada ao longo de quase toda esta década, com interrupções apenas pontuais, como é o caso de 2016. Ainda assim, o estado segue apresentando um déficit de aproximadamente 50% entre consumo e produção.



### Perspectivas para 2019

Depois de um período favorável em 2018, com recuperação dos preços ao produtor na maioria dos estados e recorde de exportações, o setor de carne bovina começa 2019 com boas perspectivas.

Segundo relatório divulgado pelo Rabobank, toda a cadeia produtiva brasileira deverá se beneficiar com o aumento das exportações e de uma esperada recuperação no consumo interno, além do ritmo mais lento no crescimento da oferta.

De acordo com o Rabobank, as exportações deverão manter um ritmo intenso neste ano, principalmente em função da reabertura do mercado russo e da expectativa de que novas plantas sejam habilitadas a exportar para a China. O banco estima que as exportações brasileiras de carne bovina devem crescer 4% em 2019, enquanto a produção deve ter alta de 2%.

Já a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) espera uma alta de pelo menos 5% no volume de vendas externas em 2019, na comparação com o ano anterior. Essa perspectiva de crescimento baseia-se na retomada das exportações para a Rússia, que manteve embargo às carnes bovina e suína brasileiras por quase todo o ano de 2018.

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), por sua vez, é ainda mais otimista, estimando que as exportações de carne bovina poderão aumentar 9,7% neste ano. Além da Rússia, a Abiec considera em sua estimativa a retomada das compras pelos Estados Unidos e o crescimento das aquisições pela China. Conforme mencionado anteriormente, a China foi o principal destino da carne bovina brasileira em 2018 e um dos países que mais elevou as importações nesse ano.

O crescimento da demanda de carne bovina por parte dos chineses traz boas perspectivas também para as exportações catarinenses desse produto, já que mais de 2/3 dos embarques do estado destinam-se a Hong Kong, região administrativa da China.

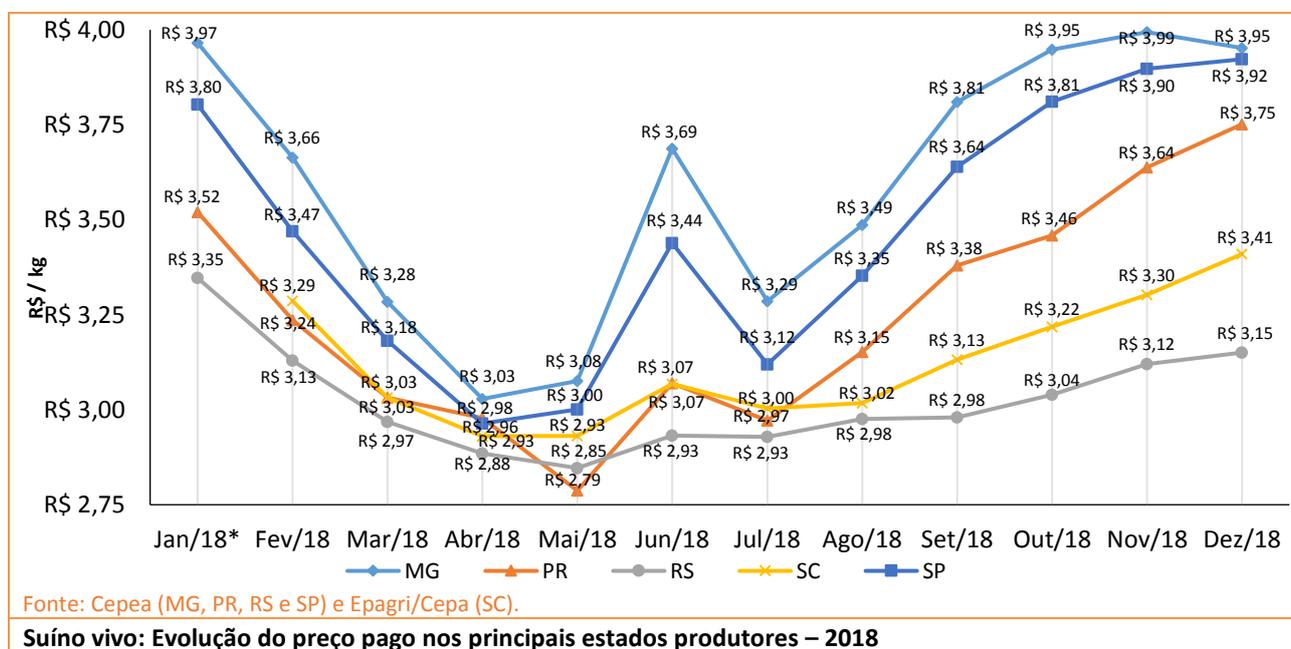
## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Não obstante a estabilidade nos preços do milho e do suíno vivo ao longo do segundo semestre de 2017, o ano de 2018 iniciou com preocupações para o setor suinícola, principalmente em função do embargo russo iniciado em dezembro do ano anterior. Os receios iniciais se tornaram realidade, principalmente no que diz respeito à queda nos preços do suíno vivo. De janeiro a maio se observou o que se pode chamar de “mergulho drástico”, com alguns estados analisados registrando quedas de até 22,44% no período.

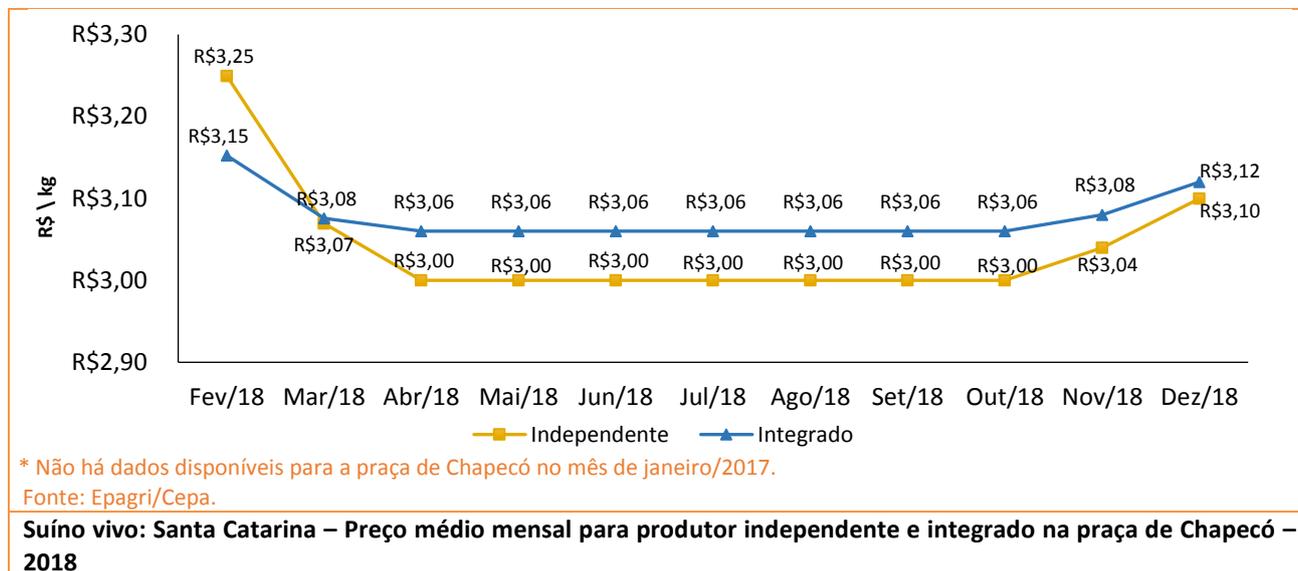
A paralisação no setor de transporte de cargas nas últimas semanas de maio afetou severamente as cadeias de produção animal, obrigando a interrupção dos abates na quase totalidade dos frigoríficos do país e dificultando, inclusive, o fornecimento de ração para alimentação dos animais alojados nas propriedades. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), 167 plantas frigoríficas de aves e suínos suspenderam as operações durante o período da paralisação. De acordo com estimativas preliminares da entidade, os prejuízos poderiam chegar a R\$ 3 bilhões, relacionados principalmente a perdas de comercialização no mercado interno, animais mortos, custos logísticos, perdas de contratos na exportação, entre outros.

No primeiro mês após a paralisação, os preços registraram elevação anormal, decorrente da necessidade de reposição dos estoques de carne comprometidos pela paralisação. Após nova queda em julho, em agosto os preços voltaram a apresentar movimento de alta, dessa vez mais persistente, como é possível observar no gráfico a seguir. Essa mudança de comportamento do mercado é explicada pela recuperação parcial das exportações ao longo do segundo semestre, como veremos adiante.

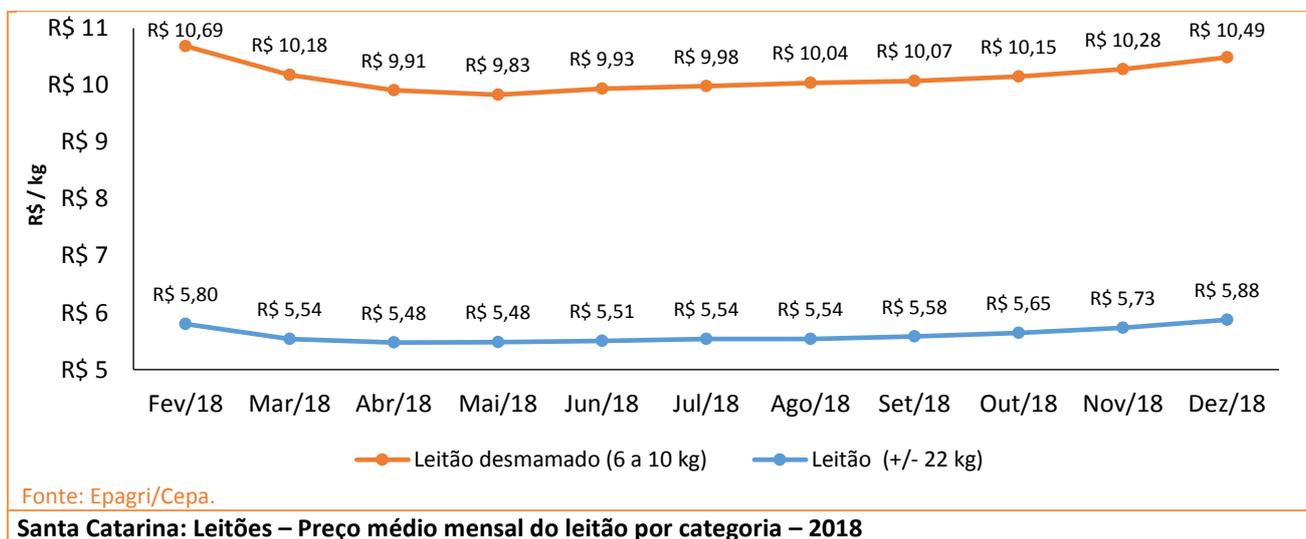


Na maioria dos estados analisados, os preços de dezembro ficaram muito próximos daqueles praticados no início do ano, inclusive com resultados positivos em alguns casos: Paraná (6,58%), Santa Catarina (3,73%) e São Paulo (3,13%). Em Minas Gerais, registrou-se pequena defasagem de 0,33%. Já no Rio Grande do Sul, a defasagem foi mais significativa: -5,65%. A inflação acumulada em 2018 foi de 3,75%, segundo o IPCA/IBGE. Em Chapecó, praça de referência para o preço do suíno vivo em Santa Catarina, as oscilações foram

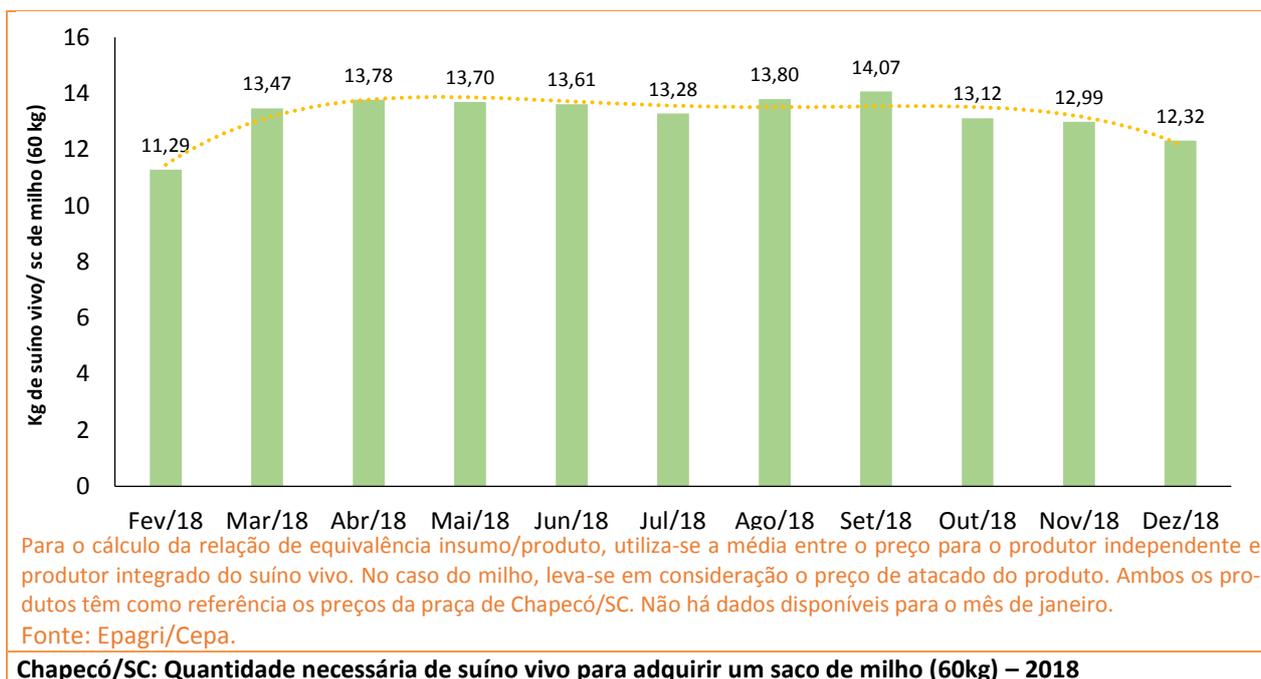
menores e concentradas no início e no fim de 2018. Apesar da recuperação no último trimestre, em dezembro ambos os valores apresentavam defasagem em relação à fevereiro: -4,60% para os independentes e -1,02% para os integrados.



Os preços dos leitões apresentaram comportamento semelhante ao que se observou para os suínos vivos na praça de Chapecó, com quedas no início do ano, seguidas de relativa estabilidade e movimentos mais acentuados de alta no final do ano. Os valores de dezembro foram próximos aos praticados em fevereiro do mesmo ano, mas com movimentos inversos nas duas categorias: queda de 1,88% para os leitões de 6 a 10kg e alta de 1,29% para leitões com +/-22kg.

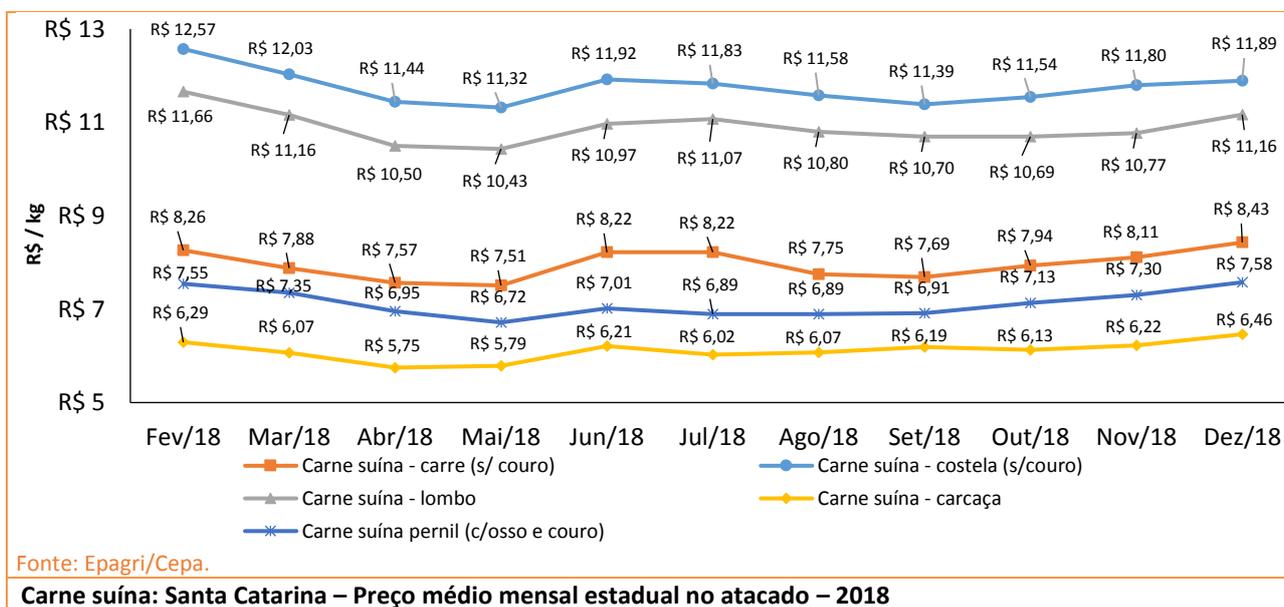


A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, começou o ano com forte alta (19,37%), decorrente tanto da queda no preço do suíno vivo quanto da alta do milho. A maioria das flutuações posteriores acompanhou as oscilações no preço do milho, já que o suíno se manteve inalterado em grande parte do ano. Com o aumento no preço do suíno e queda nas cotações do milho no último trimestre, o índice encerrou o ano em movimento de queda. Ainda assim, o valor de dezembro foi 9,19% acima de fevereiro.



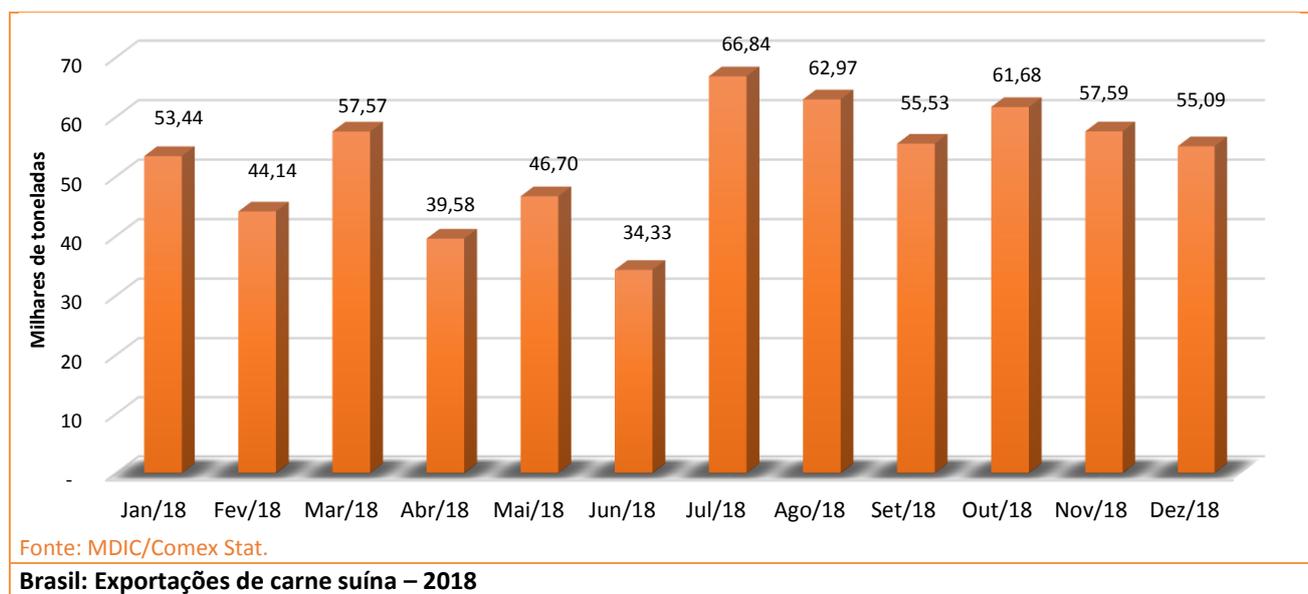
Segundo o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa, em 2018 registrou-se alta de 9,85% nos custos de produção. Essa variação é devida quase que integralmente à alimentação, que subiu 9,68%.

O mercado atacadista mostrou comportamentos semelhantes aos observados nos preços ao produtor (média estadual), sendo os primeiros meses do ano marcados pela tendência de queda. Em junho, após a paralisação do setor de transportes, a falta de produto fez os preços oscilarem positivamente. Embora o efeito desse evento não tenha durado muito, no último trimestre de 2018 observa-se nova fase de alta, em grande parte resultante do crescimento das exportações catarinenses e da consequente redução na oferta desse produto no mercado interno. Ainda assim, na comparação entre fevereiro e dezembro de 2018, dos cinco cortes cujo preço é divulgado pela Epagri/Cepa, dois registraram queda (costela e lombo) e três tiveram variação positiva (carcaça, carré e pernil).



As exportações de carne suína foram bastante prejudicadas pelo embargo russo. Inicialmente, diversos analistas acreditavam que a suspensão teria curta duração e que os russos voltariam a comprar carne suína brasileira já nos primeiros meses de 2018. Contudo, a retomada dos embarques para a Rússia ocorreu somente em dezembro do ano passado e, ainda assim, em volumes bem reduzidos.

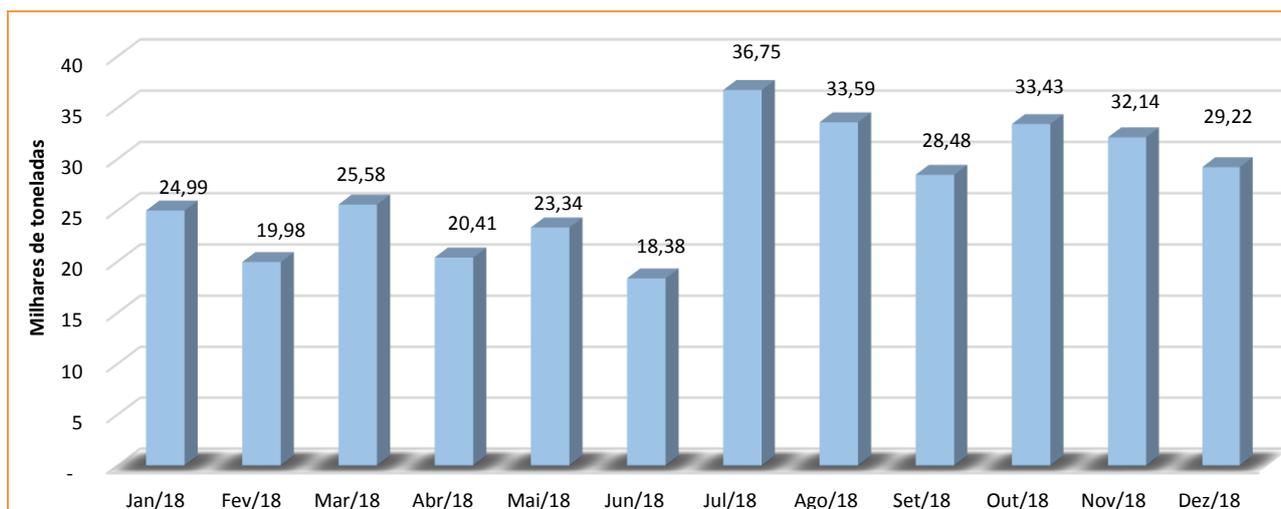
Durante o primeiro semestre, o setor sentiu de forma mais drástica as consequências do embargo, com reduções significativas nos volumes exportados. Contudo, a partir do início do segundo semestre houve recuperação parcial, como é possível perceber no gráfico a seguir.



Em 2018, o Brasil exportou **635,45 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), **queda de 7,08%** em relação ao ano anterior. No caso das receitas, a queda foi ainda mais drástica: **US\$ 1,19 bilhão**, o que representa **-26,12%** em relação a 2017. As variações distintas entre quantidade exportada e receitas devem-se ao fato de que, ao redirecionar as exportações, os valores pagos pelos novos mercados muitas vezes são menores que na configuração anterior.

A China tornou-se o principal destino da carne suína brasileira em 2018, sendo responsável por **25,63%** das receitas do Brasil com esse produto. Somando-se China e Hong Kong (que é uma região administrativa especial da China), tem-se um total de **50,82%** das receitas brasileiras com carne suína no ano passado. Diferentemente do que ocorreu com as exportações totais do país, a quantidade de carne suína exportada por Santa Catarina cresceu em 2018. No total, foram embarcadas **326,30 mil toneladas**, aumento de **18,05%** em relação ao ano anterior. Com esse resultado, a participação catarinense no total da carne suína exportada pelo Brasil passou de pouco mais de 40% para **51,35%**.

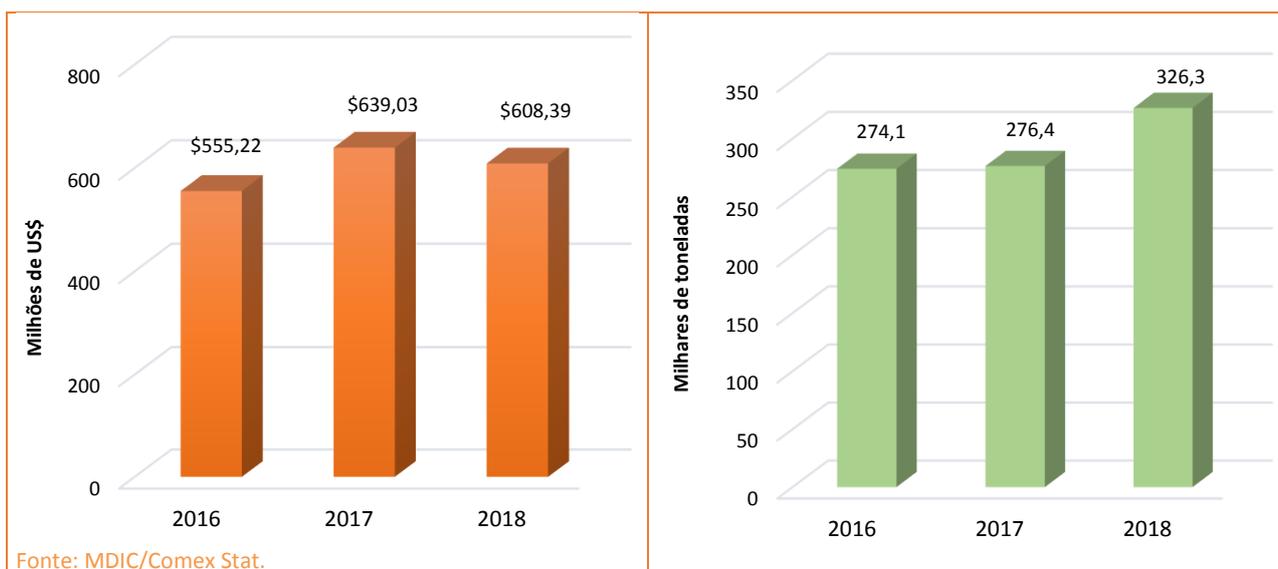
Por outro lado, em termos de receitas o cenário foi menos favorável: **US\$ 608,39 milhões**, **queda de 4,79%** na comparação com o ano anterior. Apesar desse resultado negativo, o desempenho catarinense foi bastante superior ao nacional, conforme já apresentado anteriormente.



Fonte: MDIC/Comex Stat.

**Carne suína: Santa Catarina: Exportações – 2018**

Vale destacar que a quantidade de carne suína exportada por Santa Catarina em 2018 é a **maior** da história.



Fonte: MDIC/Comex Stat.

**Carne suína: Santa Catarina - Exportações – Valor e quantidade – 2016/2018**

Em 2018, Santa Catarina exportou carne suína para 68 países, contra 52 em 2017. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 71,47% dos embarques e 74,61% das receitas oriundas da carne suína.

<b>Santa Catarina: Principais destinos das exportações de carne suína – 2018</b>		
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	219.704.792,00	114.426
Hong Kong	87.818.243,00	48.562
Chile	69.388.483,00	34.528
Argentina	48.717.307,00	22.110
Cingapura	28.280.863,00	13.573
Demais países	154.480.374,00	93.105
<b>Total</b>	<b>608.390.062,00</b>	<b>326.304</b>

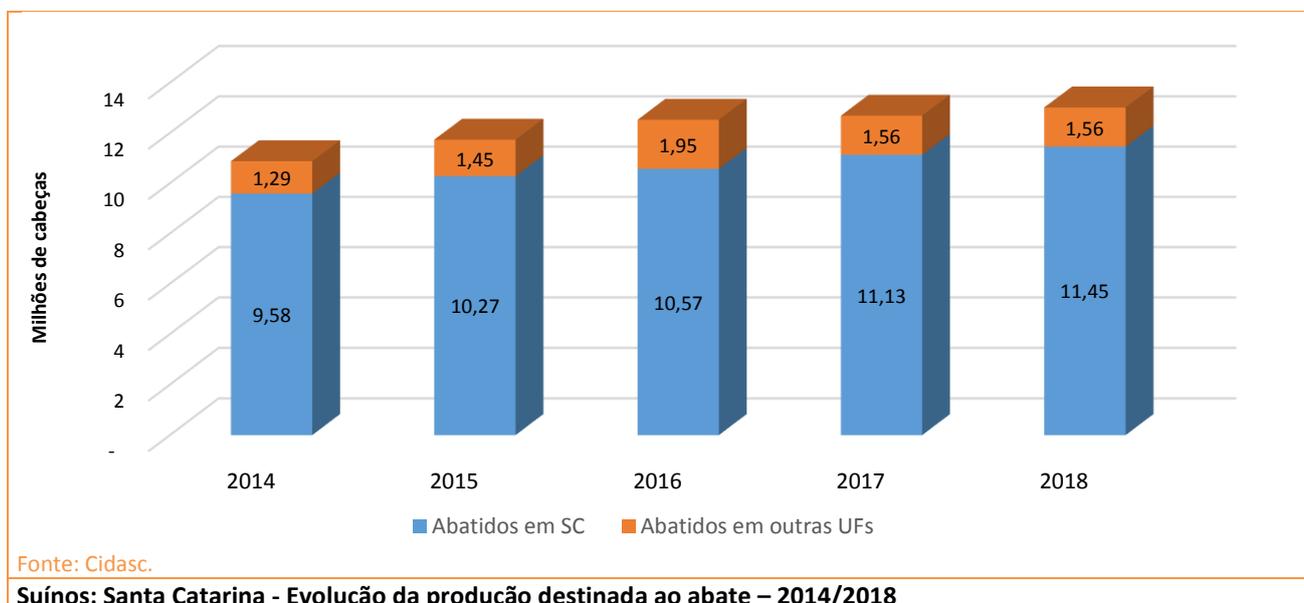
Fonte: MDIC/Comex Stat.

Embora todos os principais destinos da carne catarinense tenham apresentado resultados positivos, o destaque fica por conta da China, que aumentou em 179,22% a quantidade importada de Santa Catarina. A China é o destino de 35,07% das exportações catarinenses desse produto. Somando-se os embarques para Hong Kong, atinge-se a marca de 49,95%. Também merece destaque o aumento de 623,22% nas exportações para as Filipinas, que passou a ocupar a 7ª posição no ranking de destinos da carne catarinense.

### Produção catarinense em 2018

De acordo com os dados da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), em 2018 foram produzidos no estado **13,01 milhões** de suínos, aí inclusas todas as categorias de suínos que foram abatidos em estabelecimentos inspecionados (seja em Santa Catarina ou outros estados). Esse montante representa um **crescimento de 2,58%** em relação ao ano anterior.

Do total de animais produzidos em 2018, 11,45 milhões (88,04%) foram abatidos em Santa Catarina e 1,56 milhão (11,96%) foram abatidos em outras unidades da federação, principalmente Paraná e Rio Grande do Sul.



**Suínos: Santa Catarina - Evolução da produção destinada ao abate – 2014/2018**

Esse crescimento é, em grande parte, devido aos bons resultados das exportações catarinenses, que foram na contramão da tendência nacional. Como é possível perceber no gráfico anterior, a suinocultura catarinense vem apresentando consecutivos resultados positivos, o que indica a consistência desse processo.

### Perspectivas para 2019

As perspectivas são favoráveis para a suinocultura brasileira e, em especial, à catarinense no ano que se inicia. Com a ocorrência de diversos focos de peste suína africana na China ao longo dos últimos meses de 2018, é esperado que a produção chinesa caia em 2019. Embora ainda não existam números oficiais, alguns analistas chegam a falar em queda de até 10%, o que representaria algo em torno de 5 milhões de toneladas. Por outro lado, a maioria dos analistas prefere não falar em números, já que o tamanho real do problema não é conhecido. De qualquer forma, é quase certo que os chineses terão que comprar mais carne suína ao longo deste ano.

Na Europa, também foram relatados casos de peste suína africana no último ano na Bélgica, Letônia e Ucrânia. Embora todos os casos sejam em javalis selvagens, a simples presença do vírus preocupa imensamente as autoridades sanitárias europeias e representa um risco grande à suinocultura do continente. Outro fator que pode favorecer a suinocultura nacional é a disputa comercial entre Estados Unidos e China, que pode levar os chineses a priorizar o produto brasileiro. Vale lembrar que os Estados Unidos são o 3º maior produtor mundial de carne suína, atrás da China e da União Europeia, enquanto o Brasil ocupa a 4ª posição.

Diante desse cenário, o Rabobank estima que, se o Brasil continuar livre da peste suína africana e da peste suína clássica na zona livre, a exportação de carne suína do país poderá ser recorde em 2019, com um crescimento acima de 15% em relação a 2018.

Segundo relato do presidente da ABPA, divulgado em alguns portais de notícias do setor, há expectativa de que o bom fluxo de exportações obtido no segundo semestre do ano passado se mantenha em 2019, o que garantiria resultados bastante favoráveis.

Tendo em vista seu status sanitário diferenciado e a excelência de sua agroindústria de carnes, Santa Catarina apresenta condições de atender parte desta demanda adicional e ampliar ainda mais suas exportações. Ainda de acordo com o Rabobank, a produção brasileira de carne suína deve crescer 4% em 2019, puxada pelo aumento da demanda nos mercados interno e externo, e pela queda nos custos de produção decorrente da ampliação da safra de grãos.

## Leite

Tabajara Marcondes  
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

Os dados sobre a quantidade total de leite adquirida em 2018 pelas indústrias inspecionadas do Brasil só estarão disponíveis nos próximos meses. Mas, a julgar pelo ocorrido até o mês de setembro, não haverá alteração expressiva em relação aos 24,334 bilhões adquiridos em 2017, como pode ser observado na tabela abaixo.

<b>Leite cru: Brasil - aquisição pelas indústrias inspecionadas - 2014-18</b>						
Mês	Bilhão de litro					Var. %
	2014	2015	2016	2017	2018 <sup>1</sup>	2017-18
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,101	2,159	2,8
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,833	1,889	3,1
Março	2,038	2,028	1,898	1,928	1,967	2,0
Abril	1,911	1,851	1,749	1,812	1,873	3,4
Maiο	1,948	1,886	1,742	1,907	1,733	-9,1
Junho	1,939	1,908	1,728	1,929	1,872	-3,0
Julho	2,018	1,985	1,897	2,058	2,038	-1,0
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,118	2,121	0,1
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,103	2,102	0,0
<b>Até setembro</b>	<b>18,214</b>	<b>17,772</b>	<b>16,930</b>	<b>17,789</b>	<b>17,754</b>	<b>-0,2</b>
Outubro	2,119	2,074	2,048	2,141		
Novembro	2,152	2,066	2,052	2,154		
Dezembro	2,262	2,151	2,140	2,250		
<b>Total anual</b>	<b>24,747</b>	<b>24,063</b>	<b>23,170</b>	<b>24,334</b>		

(1) Dados preliminares

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

É certo que, se não houvesse a greve dos caminhoneiros em maio, que provocou vários problemas para a cadeia produtiva, entre eles o impedimento do recebimento normal de leite por indústrias de várias regiões brasileiras, a quantidade de 2018 seria maior que a do mesmo período de 2017. Mas, chama atenção o fato de que nos meses subsequentes a maio a quantidade adquirida não superar a dos mesmos meses de 2017. Com isso, é improvável que o total do ano supere o recorde histórico da série do IBGE, 24,747 bilhões de litros em 2014. Isso deixa claro que nos anos recentes cessou-se o período de continuado crescimento na produção/oferta nacional de leite, que durava desde o final dos anos de 1990. O que determinou esse comportamento em âmbito nacional foi o fato de que, na grande maioria dos principais estados produtores, a quantidade de leite adquirida até setembro foi inferior à do mesmo período do ano passado.

Leite cru: Brasil: aquisição pelas indústrias inspecionadas - 2014-18							
UF	Bilhão de litro				Até setembro		Var. até set. 2017-18 (%)
	2014	2015	2016	2017	2017	2018	
MG	6,590	6,442	6,106	5,990	4,378	4,401	0,5
RS	3,431	3,488	3,250	3,426	2,513	2,488	-1,0
PR	2,972	2,838	2,744	2,935	2,145	2,249	4,8
SP	2,525	2,607	2,559	2,872	2,106	2,007	-4,7
SC	2,340	2,348	2,438	2,758	1,974	1,958	-0,8
GO	2,685	2,450	2,313	2,465	1,804	1,803	-0,1
RO	0,760	0,699	0,700	0,699	0,501	0,471	-6,0
RJ	0,512	0,540	0,558	0,599	0,448	0,408	-8,9
MT	0,618	0,548	0,522	0,528	0,383	0,37	-3,4
BA	0,364	0,332	0,320	0,361	0,256	0,313	22,3
Subtotal	22,797	22,292	21,510	22,633	16,508	16,468	-0,2
Outros	1,950	1,770	1,660	1,701	1,281	1,285	0,3
<b>Brasil</b>	<b>24,747</b>	<b>24,062</b>	<b>23,170</b>	<b>24,334</b>	<b>17,789</b>	<b>17,753</b>	-0,2

2018 -Dados preliminares

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Apesar de não estar havendo aumento na oferta nacional de leite, os preços aos produtores seguem oscilando significativamente ao longo dos meses. Em 2017, decresceram do primeiro para o segundo semestre, entrando o ano de 2018 com os mesmos patamares do final de 2017. Ocorreu aumento significativo até o mês de agosto, para voltarem a cair até o final do ano, mas para patamares não tão baixos como os do final de 2017.

Leite: Santa Catarina - Preço médio (1) aos produtores - 2015-18				
Mês	R\$/l posto na propriedade			
	2015	2016	2017	2018
Janeiro	0,75	0,91	1,10	0,94
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	0,94
Março	0,76	1,02	1,25	0,96
Abril	0,80	1,07	1,28	1,01
Maiο	0,87	1,11	1,29	1,09
Junho	0,89	1,19	1,29	1,14
Julho	0,91	1,29	1,25	1,30
Agosto	0,93	1,52	1,13	1,35
Setembro	0,92	1,41	0,99	1,31
Outubro	0,90	1,24	0,91	1,28
Novembro	0,87	1,10	0,92	1,24
Dezembro	0,89	1,08	0,95	1,11
<b>Média anual</b>	<b>0,85</b>	<b>1,16</b>	<b>1,13</b>	<b>1,14</b>

(1) Preço médio mais comum no período de pagamento.

Fonte: Epagri/Cepa.

Essa oscilação nos valores recebidos pelos produtores, combinada com o crescimento das compras externas de lácteos em alguns meses do segundo semestre, estimulou novas manifestações contra as importações brasileiras. Algumas bem acintosas, passando a impressão de que as importações de 2018 tenham atingido patamares muito significativos. Os números mostram que não é esse o caso: as importações de 2018 foram 9,9% menores que as de 2017. Comparadas com as de 2016, o decréscimo é ainda mais significativo, alcançando 38,2%. Assim, mesmo com as exportações decrescendo relativamente mais do que as importações, houve nova redução no saldo negativo da balança brasileira de lácteos de 2018.

**Lácteos<sup>1</sup>: Brasil - Balança comercial - 2016 a 2018**

Mês	Milhão de kg								
	Importação			Exportação			Saldo		
	2016	2017	2018	2016	2017	2018	2016	2017	2018
Janeiro	8,4	19,0	8,4	2,3	3,9	2,1	-6,1	-15,1	-6,3
Fevereiro	7,5	16,3	10,3	6,2	3,6	2,3	-1,3	-12,7	-8,0
Março	16,9	15,5	9,0	2,5	4,6	2,2	-14,4	-10,9	-6,8
Abril	21,2	13,5	12,0	2,5	1,6	1,3	-18,7	-11,9	-10,7
Mai	25,8	17,7	13,4	3,2	2,3	0,7	-22,6	-15,4	-12,7
Junho	25,2	17,3	11,1	3,2	3,6	1,0	-22,0	-13,7	-10,1
Julho	23,9	16,0	13,8	3,7	2,3	1,1	-20,2	-13,7	-12,7
Agosto	25,7	13,5	13,3	6,0	2,9	2,0	-19,7	-10,6	-11,3
Setembro	28,9	10,4	11,9	6,9	2,5	2,7	-22,0	-7,9	-9,2
Outubro	19,2	9,0	18,5	5,3	2,3	1,9	-13,9	-6,7	-16,6
Novembro	20,6	9,1	17,9	6,2	4,3	2,2	-14,4	-4,8	-15,7
Dezembro	19,4	9,1	10,3	4,5	2,2	2,7	-14,9	-6,9	-7,6
<b>Total anual</b>	<b>242,6</b>	<b>166,3</b>	<b>149,8</b>	<b>52,6</b>	<b>36,0</b>	<b>22,2</b>	<b>-190,0</b>	<b>-130,3</b>	<b>-127,6</b>

(1) Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: MDIC/Secex – Comex Stat

É provável que a redução das importações brasileiras seria ainda maior não fossem os problemas na política/economia (redução na confiança em relação ao governo, inflação elevada, aumento do desemprego, redução do PIB, aumento dos preços públicos) e a grande desvalorização da moeda da Argentina, que dificultaram as vendas no mercado interno e/ou favoreceram a exportação de lácteos para o Brasil.

**Lácteos<sup>1</sup>: Brasil - Importação segundo as principais origens - 2016 a 2018**

País	Milhão de kg			Variação (%)	
	2016	2017	2018	2016-17	2017-18
Argentina	94,3	76,5	89,4	-18,9	16,9
Uruguai	125,0	71,4	44,3	-42,9	-38,0
Chile	6,0	3,8	3,0	-36,7	-21,1
Nova Zelândia	3,9	3,2	2,8	-17,9	-12,5
França	1,9	2,3	2,6	21,1	13,0
Paraguai	1,2	0,7	2,5	-41,7	257,1
EUA	7,0	4,0	1,5	-42,9	-62,5
Holanda	0,8	1,4	1,4	75,0	0,0
<b>Subtotal</b>	<b>240,1</b>	<b>163,3</b>	<b>147,5</b>	<b>-32,0</b>	<b>-9,7</b>
Outros	2,5	3,0	2,3	20,0	-23,3
<b>Total anual</b>	<b>242,6</b>	<b>166,3</b>	<b>149,8</b>	<b>-31,5</b>	<b>-9,9</b>

(1) Posição - SH 4 dígitos: 0401 a 0406.

Fonte: MDIC/Secex – Comex Stat

Mesmo assim, setores da cadeia leiteira nacional voltam a direcionar suas preocupações/críticas/solicitações para a suspensão das importações de leite provenientes de países do Mercosul, particularmente do Uruguai e da Argentina. Talvez seja o caso de lembrar que: a) oscilações e quedas de preços também ocorreram em anos de importações irrelevantes; b) o recente decréscimo dos preços internos está muito mais relacionado com a oferta sazonal de leite do que com as importações, não obstante essas sejam um fator adicional de pressão; c) o mercado internacional é uma via de mão dupla: é complexo querer exportar quando se restringe importações, sobretudo quando isso está em desacordo com regimentos internacionais dos quais o Brasil é signatário. No caso de Santa Catarina a cautela deve ser adicional, na medida em que cerca de 65% do valor das exportações estaduais são provenientes do agronegócio e

parte disso é destinada a países de onde se originam as importações de lácteos; d) se o objetivo fundamental é reduzir adversidades para a cadeia leiteira nacional, parece haver muito mais sentido em se definir uma política nacional de formação de estoques de lácteos para momentos de excesso oferta interna, do que fazer ações contra importações de países que sequer subsidiam a produção/exportação de leite/lácteos. O carro chefe dessa política nem precisa ser a formação de estoque público, em geral complexo de ser operacionalizado, mas capital de giro a taxas vantajosas para empresas lácteas.